

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MARINA DUARTE TEIXEIRA

SWING – TROCA DE CASAIS OU TROCA DE MULHERES?

RECIFE, 2015

AUTORA: MARINA DUARTE TEIXEIRA

SWING – TROCA DE CASAIS OU TROCA DE MULHERES?

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO COMO PARTE DOS REQUISITOS
PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM
SOCIOLOGIA.

ORIENTADOR: RUSSELL PARRY SCOTT

RECIFE, 2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291

T266s Teixeira, Marina Duarte.
Swing : troca de casais ou troca de mulheres? / Marina Duarte
Teixeira. – Recife: O autor, 2015.
143 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Russell Parry Scott.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2015.
Inclui referências.

1. Sociologia. 2. Comportamento sexual. 3. Sexo grupal. 4. Identidade
de gênero. I. Scott, Russell Parry (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2015-102)

AUTORA: MARINA DUARTE TEIXEIRA

TÍTULO: *SWING* – TROCA DE CASAIS OU TROCA DE MULHERES?

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

BANCA:

PROF. DR. RUSSELL PARRY SCOTT (ORIENTADOR)

PROF. DR. GUSTAVO GOMES DA COSTA SANTOS (AVALIADOR TITULAR INTERNO – PPGS/UFPE)

PROFA. DRA. MARION TEODÓSIO DE QUADROS (AVALIADOR TITULAR EXTERNO - PPGA/UFPE)

PROF. DR. ALEXANDRE ZARIAS (AVALIADOR SUPLENTE INTERNO - PPGS /UFPE)

PROF. DR. JORGE LUIZ CARDOSO LYRA-DA-FONSECA (AVALIADOR SUPLENTE EXTERNO - PÓS-
PSICOLOGIA/ UFPE)

A Dayra e Silvana que, com sua amizade preciosa e dedicada, tornaram possível minha estadia em Recife, cidade onde não conhecia ninguém, e fizeram dos seus amigos, meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos:

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal por ter me concedido afastamento remunerado para estudos. Também aos meus alunos e colegas professores da Secretaria.

Ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco; aos meus professores no mestrado, Breno, Dayse, Jorge, Liana, Maria Eduarda, Silke, Remo; aos coordenadores; aos secretários Karine e Vinícius; e ao meu estimado professor e orientador, Russell. À banca de dissertação, Profs. Alexandre, Gustavo, Jorge Luiz e Marion; de qualificação do projeto, Profs. Artur e Rosane pelas contribuições; e, de seleção de mestrado, Profs. Eliane, Jonatas e Liana.

Ao Departamento de Antropologia e ao de Sociologia da Universidade de Brasília; aos meus professores de Graduação, em especial, Profs. Brasilmar, Christiane, José Jorge; e às minhas professoras orientadoras, Eurípedes e Rita.

Aos praticantes, funcionários, proprietários e anfitriões das casas de *swing* e do *swing* privativo que tornaram possível este trabalho pela disponibilidade, abertura e confiança depositada na pesquisa. Meu sincero agradecimento aos meus amigos que se disponibilizaram a ajudar em campo.

Pela leitura com colaborações no pré-projeto, agradeço a Daniela e Fernanda, além da leitura feita por Maraisa e por meus colegas de mestrado na disciplina do Prof. Jorge. Pelas sugestões ou colaborações na dissertação, agradeço a Dayra, Débora, Luciano e Renato. Pelo *abstract* em caráter de urgência agradeço a Beatriz, amiga da Fernanda, que mesmo não me conhecendo, foi tão solidária. A Ana Lúcia, Cledilson, Fernanda, Gilda, Júnia, Kátia, Liana, Maraisa, Nathália e Vinícius, agradeço o apoio no processo de afastamento do trabalho. À minha irmã mais velha, Elisa, pela preciosa revisão do pré-projeto e colaboração na revisão da dissertação, minha gratidão. A Ana Paula, meu sincero agradecimento pela revisão minuciosa e inteligente da dissertação, e por sua gentileza no trato, que foi um consolo nesses últimos momentos de aflição.

À minha amiga, colega de trabalho e de viagens, Ana Lúcia, pelo estímulo e incontáveis favores durante a seleção e o processo do mestrado. Aos amigos, Silvana e Jones, e à minha prima Luciana e seu filho, Alexandre, por terem me hospedado tão gentilmente nos períodos de transição entre Brasília e Recife. Aos profissionais de Saúde, Alberto, Grácia, Márcio, Ângela, Qin, Wallace, por seus cuidados nesse período, e, em especial, à minha analista, Vânia.

Aos queridos amigos de Recife, Andréia, Ariane, Dani, Dayra, Eliude, Gabriela, Ignácio, Jonas, Jones, Silvana e Suana; e ainda a Ana, Aécio, Alexandre, Aline, Allyne, Daniel, Eduardo, Felipe, Gerardo, Guilherme, Karina, Luísa, Márcio, Marcos, Patrícia e Zélia pela amizade.

Aos meus velhos e bons amigos de Brasília, Ana Lúcia, Bárbara, Cledilson, Clóvis, Daniela, Débora, Elis, Fernanda, Kátia, Luciana, Luciano, Maraisa, Marco Aurélio, Paulo, Pedro e Renato; também pela amizade de Alexandre, Arthur, Édson, Fernando, Lucas, Marcileia, Mary, Noaue, Rúbia, Tânia, Thiago e Vanessa.

E aos saudosos amigos, Américo, Adriana, Alex, Andréia, Camila, Carlos (*in memoriam*), Carol, Daniel, Edvaldo, Fernanda, Flávia, João, Júlia, Juliana, Leôni, Letícia, Maruoka, Paulo, Rafaela, Ricardo, Rodrigo, Ronaldo, Rosinaldo, Sarah, Tarcísio, moradores do 112A, 222, 216B e 407 Sul, e em especial a José Filho e Daniela, durante a Graduação, e a Lauren, no período de seleção para o mestrado.

À minha mãe, Zélia, e ao meu pai, Luiz, pelo estímulo intelectual. Às minhas queridas irmãs, Elisa, Marta e Míriam por toda a atenção e carinho. Aos meus tios, e em particular, a Vera e Valdir, por me receberam em Brasília em 1995 e a tia Celina, pela preocupação. Aos meus primos, em especial a Luciana e Maria Gessi pela amizade.

Fui convidada por meu informante para um swing particular. A festa se realizaria na residência de um swinger. Só chegando ao local, ele me contou que não havia avisado que levaria uma pesquisadora. Eu mesma quem teria que me apresentar. Fiquei apreensiva por se tratar de um espaço privado, e que as pessoas pudessem se sentir incomodadas.

Fomos recebidos como se estivéssemos entrando em uma festa como outra qualquer. Nada denotava que se tratava de um swing. Nenhum olhar mais sensual ou conversas que poderiam caracterizar um encontro para este fim. Tudo aquilo que pudesse ser sexual era tão igual, e até mesmo menos, ao que é dito ou feito em um happy hour com colegas de trabalho. O anfitrião circulava com pratos de salgadinho e estava sempre muito preocupado se a bebida de seus convidados estava acabando e se estava todo mundo bem.

Éramos sete “casais”, que era a condição para participar da festa, fora a condição não explicitada de que o casal deveria ser heterossexual, ou, para ser mais exata, todo homem deveria estar acompanhado de, ao menos, uma mulher. Ali estavam reunidos um casal de cônjuges e um de namorados, um trio que se autodenominava sadomasoquista, formado por um marido e duas esposas, uma mulher casada (cuja esposa estava viajando) fazia par com um colega de swing, outro casal formado por companheiros de swing e o anfitrião com uma amiga, além de mim e meu informante.

A diversidade era flagrante em vários aspectos, envolvendo idade (que variava de dezenove a sessenta anos), origens étnicas e nacionalidades dos participantes, reunindo branco, judeu, negro, brasileiro, peruano e uruguaio. Também eram muitas as ocupações e formações profissionais dos presentes: biólogo, desempregado, dona de casa, estudante, grande empresário, historiador, mestre em Direito, motoboy, teólogo. Moradores oriundos tanto dos bairros tidos como nobres até o conhecido como o mais violento da cidade compareciam ali. Misturavam-se visões políticas díspares, como um participante direitista e um militante do movimento negro. Variavam ainda as denominações religiosas, incluindo candomblecista, judeu e protestante.

Em meio a tanta diversidade, pude me certificar de que o swing não era novidade para ninguém ali, mesmo que houvesse conhecidos de muitos anos e recém-conhecidos, e que o tempo de prática variasse muito, chegando a vinte anos de prática vivenciados em vários lugares do mundo. Outro ponto em comum é que todos eram marcados por algum traço de exclusão social, o que não significa necessariamente exclusão sexual ou afetiva. (Diário de Campo, 2006)

RESUMO

Swing – troca de casais ou troca de mulheres?

Contemporaneamente tem-se assistido a um crescimento vertiginoso de adeptos e curiosos do *swing*, também conhecido como troca de casais. Tal fenômeno é acompanhado de toda uma produção discursiva. A academia começa a tomar parte nesse debate, em particular as Ciências Sociais nos estudos de gênero, sexualidade, família e modernidade. Este trabalho faz parte desse esforço. Por se constituir num campo de investigação ainda pouco explorado, a pesquisa buscou etnografar as dificuldades específicas de executar um estudo numa área em que se misturam segredo, exposição, intimidade, publicidade, militância e mercado. Pela natureza do objeto, a escolha do método etnográfico também se fez oportuna para apreender as subjetividades e emoções envolvidas nessa prática, além de poder contrastar o discurso institucionalizado *swing* com falas, relatos, dinâmicas e expressões corporais dos seus participantes. A partir dos *swings* observados, não é possível caracterizar o *swing* como uma atividade praticada por casais. Para além dos casais de fato, há tanto casais arranjados quanto participantes desacompanhados. Também caracterizar o *swing* como ideologia ou prática libertária seria negar a realidade dos *swings* observados que se mostraram, salvo exceções, muito mais como um reflexo ampliado das relações sociais que os *swingers* criticam. Por outro lado, não é possível afirmar que toda a diversidade de motivações e tipos de participantes constituem realidades paralelas ao “verdadeiro *swing*”, objeto de disputa dos *swingers*, e sim que todas elas são constitutivas do *swing* e essenciais para o seu entendimento. Se à primeira vista o *swing*, devido a seus discursos e à própria natureza da atividade, parece contestar a monogamia e a institucionalização do casamento, a observação de campo aponta em sentido oposto. O *swing* se mostra como uma atividade de atualização do casamento monogâmico heterossexual enquanto norma social e, principalmente, como protótipo da institucionalização da reprodução das relações de gênero. Partindo dessa contradição, é possível entender a ambiguidade de imagens projetadas dentro e fora do *swing* sobre seus participantes, tornando suas identidades dicotômicas e fluidas, ora portadores de um segredo ou de um estigma, ora de um traço distintivo; são eles, a um só tempo, revolucionários e amantes da ordem. Também é a partir do entendimento do *swing* como prática em prol do casamento, e levando em conta também sua abertura para o mercado, que se pode compreender suas características, ambiguidades e contradições constitutivas. Por fim, é possível afirmar que o *swing*, ou troca de casais, não se mostrou uma prática que se realiza mediante a troca de casais, ao menos não nos *swings* pesquisados. A mulher, no *swing*, independente do seu *status* de esposa, namorada, amiga, amante, acompanhante, é virtualmente uma esposa e se constitui num atributo masculino, índice de virilidade, necessário ao homem para participar das trocas simbólicas com seus pares, que mantêm a estrutura de gênero ativa.

Palavras-chave: *Swing*. Gênero. Sexualidade. Modernidade. Etnografia. Casamento.

ABSTRACT

Swinging – exchange of spouses or women?

Recently, there has been a marked increase in the number of people who practice swinging, also known as partner exchange, or who are curious about it. Such a phenomenon is coupled with the development of an entire discourse. The Academia is starting to participate in this debate, especially in gender, sexuality, family and modernity studies within the social sciences. The present work is part of this effort. Since this is a field of investigation that has not yet been well explored, the present work aimed at making an ethnographic investigation of the specific barriers to carrying out a study on a topic where secrecy, exposure, intimacy, advertising, activism and the marketplace are mixed together. Due to the nature of the topic, the choice of an ethnographic method was also well suited for grasping the subjectivities and emotions related to this practice and to contrasting the established discourse on swinging against the accounts, reports, dynamics and body expression of its participants. Based on the swinging events observed, it is not possible to characterize swinging as an activity of couples. In addition to established couples, it includes both arranged couples and singles. Likewise, to characterize swinging as an ideology or a libertarian practice would be to deny the observed reality of swinging, which, with a few exceptions, was much more of an amplified reflection of the same social relationships criticized by the swingers. Nevertheless, one cannot proclaim that all the different motivations and kinds of participants constitute parallel realities in relation to “genuine swinging”, which is a source of contention among swingers; all of them are components of swinging and are key to understanding it. If, at first, swinging seems to go against monogamy and the institution of marriage, due to the discourse and nature of this activity, field observations point in the opposite direction. Swinging manifests itself as a renovation of the heterosexual monogamous marriage as the social norm, and it is primarily a prototype of the institutionalization of the reproduction of gender relations. Based on this contradiction, it is possible to understand the ambiguity of the image of swingers projected within and outside of swinging circles, which makes their identities dichotomous and fluid. Sometimes they are carriers of a secret or a stigma, and sometimes they have a distinctive trait; they are, at once, revolutionaries and lovers of order. It is also from an understanding of swinging as a practice carried out in the name of marriage, and of its entry into the marketplace, that its constituent characteristics, ambiguities and contradictions may be understood. Lastly, swinging or couple exchange was not proved to be based on mate swapping, at least according to the swinging events observed in this research. The female swinger, regardless of her status as a wife, girlfriend, friend, lover or escort, is effectively a wife, and becomes an attribute of the male, an indicator of virility that allows the man to participate in symbolic exchanges with his peers, which maintain the active gender structure.

Keywords: Swinging. Gender. Sexuality. Modernity. Ethnography. Marriage.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Motivação ou origem desta pesquisa	12
1.2 Um novo campo de pesquisa	17
1.3 Delimitação do objeto	23
1.4 Problematizando	24
1.5 Objetivos?.....	27
1.6 Marco teórico.....	28
1.7 Metodologia.....	32
1.8 Método de coleta de dados	35
1.9 Próximos passos	36
2 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE SWING.....	40
2.1 A receptividade ao trabalho de campo, seus percalços e soluções encontradas.....	40
2.2 Arquitetura do amor	49
2.2.1 Alhures Swing.....	49
2.2.2 Mirar Swing	53
2.2.3 Amostra Swing.....	57
2.2.4 Tatame Swing.....	60
2.3 Casa do espetáculo.....	63
2.3.1 Show em Alhures.....	63
2.3.2 Show na Mirar Swing.....	64
2.3.3 Show da Amostra Swing.....	66
2.3.4 Show na casa Tatame Swing	69
2.3.5 Dinâmicas de grupo.....	72
3 EM NOME DO CASAMENTO	78
3.1 Amizades e fratrias.....	89
3.2 Aqui não é o “Clube de compras Dallas”	97
3.3 Impotência remediada	100
3.4 Fronteiras entre prostituição e <i>swing</i>	103
3.5 Legitimidade conjugal	107
3.6 Quebrando o pé da cama e desilusão	108

3.7 Identidades.....	111
3.7.1 Discriminados e distintos	114
3.7.2 Ordeiros e rebeldes.....	115
4 QUE GÊNERO FAZ O SWING?	118
4.1 Por que “troca de mulheres”?.....	126
4.2 Como o gênero que faz o <i>swing</i> é determinante em sua pesquisa?	132
Referências	141

1 INTRODUÇÃO

O prazer é uma coisa boa, a melhor coisa que tem. Nada melhor que sexo na vida, ainda mais sexo do bom com quem a gente ama e respeita. Tudo aquilo aumenta a certeza do sentimento pela esposa porque, mesmo para fazer sexo com outras, não se quer estar sem ela por perto. Isso que é amor. Ela é sua companheira de todos os dias e para tudo, e por que a deixaria na hora do bem bom? (Nestor, Diário de Campo, 2005)

1.1 MOTIVAÇÃO OU ORIGEM DESTA PESQUISA

O desejo de pesquisar o *swing*, ou troca de casais¹, nasceu diante do casamento repentino de um amigo. Ele acabara de ganhar um prêmio no exterior por um trabalho acadêmico e, com o dinheiro na mão, casou-se no civil com sua companheira e seguiu em lua de mel para desfrutar, até o último centavo, as casas de *swing* paulistanas. Essa experiência inusitada, muito debatida em nosso grupo de amigos, suscitou em mim questões que julguei merecedoras de uma pesquisa.

Poucos meses depois, dei início a um trabalho etnográfico numa casa de *swing*² sob a orientação da professora Rita Laura Segato, para o curso de Bacharelado em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia da Universidade de Brasília. Isso foi em 2005, ano em que concluí o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, na mesma universidade.

Enquanto adentrava o campo, realizei uma série de leituras relacionadas à conjugalidade, ao gênero, à modernidade, à psicanálise e à sexualidade. No momento ainda não havia trabalhos acadêmicos sobre *swing* publicados no Brasil. Essas leituras e o trabalho de campo, que também inclui um *swing* que observei em uma residência particular, se deram

¹ Segundo o *Dicionário Aurélio*, “suingue [Do ingl. *swing*.] S. m. 4. Bras. Chulo. Orgia sexual em que participam dois ou mais casais” (Ferreira, 2004:1891). Nesta pesquisa, o termo será mantido em inglês, *swing*, por ser a forma mais utilizada por seus praticantes e por seus pesquisadores no Brasil. Entretanto, na língua inglesa, a palavra usada para designar a prática é *swinging*.

² Os nomes casas de *swing* pesquisadas serão mantidos em sigilo a pedido de seus proprietários e de alguns de seus clientes e funcionários. A explicação do funcionamento e motivo do uso de nomes fictícios para pessoas, casas e cidades pesquisadas está no próximo capítulo.

entre 2005 e 2007, quando cursei as disciplinas de pesquisa finais do Bacharelado com ênfase em Antropologia³.

Considerando a relevância do tema para pensar as relações de gênero, conforme discuto mais adiante, submeti um pré-projeto de pesquisa para a seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, em edital de 2013, no qual propus retomar os dados coletados e os primeiros *insights* obtidos em campo para subsidiar nova pesquisa e elaborar uma dissertação de mestrado sobre o tema. Além de ampliar o escopo da pesquisa, incluindo um olhar comparativo com outras casas de *swing*, busquei aperfeiçoar o referencial teórico-metodológico do estudo.

Inicialmente, minha preocupação era pensar as rupturas e continuidades com o *ethos* tradicional que o *swing* representa, na sociedade ocidental moderna, em termos das conjugalidades, das relações de gênero, das subjetividades, das sexualidades, dos afetos. No entanto, as observações realizadas na primeira etapa do campo (durante a Graduação) expuseram continuidades de tal forma exacerbadas desse *ethos* que ficou difícil levar a cabo a ideia inicial de direcionar a pesquisa nos dois sentidos, mostrando o que o *swing* teria supostamente de contracultura, de movimento social, de utopia, de prática revolucionária ou de resistência, ou seja, de ruptura. De fato, um primeiro discurso dos *swingers*, quando interpelados a elaborar sua prática, apontava, no geral, nesse sentido da ruptura. Mas bastava uma segunda palavra ou atitude para demonstrar a fragilidade da afirmação.

Para a etnografia de outras casas de *swing*, a possibilidade de encontrar no *swing* um espaço de ruptura continuava aberta. A segunda etapa do campo⁴ apontou não só a possibilidade de explorar essas rupturas – mesmo que mais sutis do que a expectativa inicial da pesquisa ou do que o discurso *swinger* sugere –, como elucidou que essas rupturas não se dão separadas das continuidades, e que a compreensão do *swing* pesquisado passava muito mais por descrever a tessitura do espaço formado entre essas continuidades e rupturas, como uma prática constitutivamente ambígua demanda, do que por decidir por umas ou outras.

³ Que não concluí, pois senti que a pesquisa ainda precisava amadurecer e eu necessitava entrar para o mercado de trabalho.

⁴ Esta etapa consiste do campo realizado em 2014 durante o mestrado e será detalhada no próximo capítulo.

Pedindo informação de qual ponto descer, encontrei por acaso um grupo de seis pessoas no ônibus indo, como eu, para o *swing*. Eles levavam um presente de aniversário para darem juntos a uma aniversariante. Já na rua conversavam animadamente, cumprimentavam pessoas que me diziam também se tratarem de *swingers*. Na entrada da casa, uma “dinossaura do *swing*”, como me apresentaram, me disse disfarçadamente que não poderia ajudar com a pesquisa naquele momento e, apontando uma jovem ao seu lado, avisou: “minha filha”. Se esvaindo em suor, as pessoas circulavam do interior escuro e abafado da casa para o sol escaldante da rua, passando pelo *hall* onde eu me encontrava. Era gente de todo jeito e interagiam entre si. O homem que se sentou ao meu lado junto com sua mulher me falou dos laços de solidariedade que teciam ali, do lazer aos momentos de necessidade, incluindo festas de aniversário das crianças. Mais tarde, a mulher à minha frente contou que, após um longo período vivendo no exterior, ficou por um ano tendo os *swingers* como o único grupo de amigos no Brasil, e que há um ano tem se afastado e feito amizade na universidade onde ingressou, porque estava insatisfeita com as “panelinhas” que viviam excluindo seu marido, e ela por tabela, e com os encontros sempre com o propósito de terminar em *swing*. (Diário de Campo, 2014)

Em outras palavras, não se tratava de determinar se o *swing* é ou não emancipatório, mas de apreender até que ponto é e até que ponto não é emancipatório. Quais são os facilitadores, as dificuldades ou os desafios que essa emancipação encontra no *swing*, o que emancipa e o que não emancipa no *swing*.

Inicialmente, na época da Graduação, o trabalho tinha um caráter mais exploratório, descritivo, levando em conta a novidade do campo, que então era ainda mais recente, o que também se refletiu em inúmeros problemas e questões de pesquisa, nas mais variadas interpretações e na valorização dos múltiplos significados nativos. Para viabilizar o projeto para a seleção de mestrado, o trabalho foi perdendo o seu tom exploratório, descritivo e ensaístico, e a tônica recaiu principalmente sobre o patriarcado moderno ou contemporâneo, que havia sido a questão mais pungente no campo, além de ser minha orientação teórica.

Sem perder a perspectiva do patriarcado, com o trabalho de campo em 2014, as atividades acadêmicas do mestrado e a orientação do professor Russell Parry Scott, a pesquisa foi enriquecida com outras perspectivas, retomou seu caráter exploratório e descritivo, na expectativa de melhor contribuir para o campo sociológico que se configura em torno dos dilemas da conjugalidade e das relações de gênero na modernidade.

Mesmo primando pela multiplicidade de significados e dados etnográficos, a argumentação neste trabalho segue claramente algumas linhas principais que podem ser

assim elencadas: o *swing* observado é uma prática de reforço do modelo androcêntrico de família patriarcal, monogâmica e heterossexual; os homens fazem um falso enaltecimento da mulher no *swing*, cuja prática está marcada por troca de mulheres, violência simbólica e controle; a associação do *swing* com a comercialização em “casas de *swing*” abre a prática para uma compreensão mais forte da sua relação com o mercado de sexo do que sobre seu universo moral de abertura e liberdade; a importância de uma vivência furtiva, rápida e oscilante de emoções, às vezes contraditórias, se dá num quadro de espetacularização de identidades de gênero e de uma limitada participação efetiva nas trocas sexuais⁵, no ambiente social do *swing*.

E também, apesar de ter utilizado outros autores e contrapontos teóricos, três perspectivas teóricas principais, de Michel Foucault (1988), Richard Sennett (1988) e Rita Segato (2003), informaram meu olhar nesse trabalho como um todo⁶.

O discurso ideológico do *swing*, apesar de diversificado, é antes de tudo um discurso contra a repressão sexual, que é amplamente colocado em perspectiva na *História da Sexualidade*, em que Foucault (1988) questiona se, de fato, a sociedade e a família reprimem o sexo, o que nos ajudará a entender a ambiguidade dos valores coexistentes na prática do *swing*.

Em se tratando de ambiguidades, Sennett (1988) também oferece boas ferramentas para pensar a reificação dos casais no *swing*. Com o declínio do espaço público e a supervalorização da família nuclear, do casal e da intimidade, faz sentido que até para trair o

⁵ Em vários momentos relatarei o sexo como uma ausência no *swing*. Apesar de também carregar uma percepção minha ou da qual compartilho, é mais uma percepção nativa. É importante atentar que o seu significado depende do contexto onde aparece, e não se refere à ausência de penetração, embora haja casos, como quando os *swingers* afirmam nunca terem feito sexo com outros casais, nos quais estão se referindo à penetração. Em tais casos, geralmente, eles têm outros tipos de interação sexual, no mínimo de maneira voyeurística/exibicionista, que eles próprios consideram sexual; mas, nestes discursos, a negação se dá num quadro de construção identitária que será explorado mais adiante. Também quando falo de situações onde há uma “baixa densidade sexual” no ambiente do *swing*, de forma alguma estou me referindo à ausência de sexo com penetração, mas lendo vários indícios de desânimo generalizado ou de ansiedade pelas expectativas sexuais que vão sendo frustradas no decorrer da reunião.

⁶ Também a “troca de mulheres” de Lévi-Strauss (1975) e as relações de gênero numa leitura psicanalítica (Colette Soler, 2005) foram fundamentais nesta pesquisa, e serão abordadas de uma perspectiva feminista oferecida Gayle Rubin (1975) na conclusão. Isso sem deixar de mencionar a influência neste trabalho, apesar de não utilizada explicitamente nesse sentido, da leitura feminista contundente que Segato (2003) faz de Lacan e Lévi-Strauss.

cônjuge seja preciso que ele esteja por perto para o casal poder compartilhar todas as sensações de dor, ciúme e prazer, além das elaborações existenciais a partir dessa experiência. Tudo em clima de teste, confrontando e controlando o medo e o risco, pois nenhuma relação é necessariamente definitiva num mundo secularizado, nem mesmo a relação de casal ou amorosa que se tornou a relação mais importante ou central para o indivíduo. O *swing*, por embaralhar a ordem pública e a privada, ao mesmo tempo em que parece não desestabilizar as mesmas, demanda uma teoria relacional e histórica como a de Sennett (1988), que mostra as interfaces entre essas ordens e o que elas têm de irredutível.

A partir de Segato (2003), é possível questionar por que a desigualdade de gênero se renova no *swing* não obstante seu intento ou princípio libertário, e por que a mulher consente nisso. Segundo Segato (2003), a hierarquia de gênero é a mais antiga das estruturas sociais e paradigma para as outras hierarquias, daí pode-se ter em conta sua importância e todo o esforço ou violência requeridos na sua manutenção. Por trás de uma sociedade que busca avançar em termos de direitos, há constantes esforços na manutenção dessas estruturas.

O *swing* se apresenta por seus praticantes como antigo, por sempre ter existido, e como novo, em contraponto a uma sociedade conservadora. De fato ele é as duas coisas, mas por motivos contrários. O *swing* é um fenômeno moderno, ele não tem como encerrar os mesmos significados de práticas semelhantes historicamente dadas e, em geral, não representa novidade para o gênero, que é reproduzido em suas práticas. Se mulheres no *swing* “consentem” em sua desvantagem de gênero, é preciso levar em conta que suas subjetividades (e condição objetiva) também são estruturadas pelo gênero.

Este trabalho também visa contribuir com subsídios para o enfrentamento da exploração sexual da mulher, que ainda se mantém no mundo contemporâneo, mostrando-se refratária aos direitos por ela adquiridos. Exploração esta que tem se travestido em alguns casos de liberdade sexual feminina, ficando amparada ideologicamente de tal forma que, qualquer contestação soa como moralismo e conservadorismo – estes, sim, legitimamente indesejáveis. Sem perder de vista que a perspectiva feminista que utilizo para pensar o *swing* é uma entre tantas perspectivas feministas possíveis, e considero que todas elas, ao promover o debate, contribuem para esse enfrentamento.

O preconceito sofrido pelas sexualidades dissidentes é outra preocupação que motivou esse trabalho. Entretanto, os *swingers* pesquisados, apesar de estarem sujeitos a essa violência

e vivenciarem práticas sexuais diferentes das “usuais”, se mostraram também, no geral, perpetuadores dessas normatizações. Dessa forma, a observação e a análise buscaram ser sensíveis a esses processos de segregação sexual que passam pelo *swing* em sentidos contrários.

1.2 UM NOVO CAMPO DE PESQUISA

Apenas recentemente o estudo do *swing* passou a ganhar espaço nas Ciências Humanas. Diante do potencial que o tema apresenta para as questões de família, gênero e sexualidade, ainda há muito a ser explorado. A partir de 2008, um ano depois de encerrada a primeira fase desta pesquisa, ou seja, no intervalo até sua retomada, foram realizados alguns trabalhos científicos no Brasil sobre *swing*. Incluo aqui exemplos desses trabalhos, destacando alguns pontos daqueles que foram apresentados no âmbito das Ciências Sociais. A proximidade ou distância que eles apresentam com o presente trabalho poderão ser sentidas pelo leitor no decorrer da dissertação.

Olivia von der Weid, nas Ciências Sociais, defendeu dissertação de mestrado em 2008, na UFRJ, intitulada *Adultério consentido: Gênero, corpo e sexualidade na prática do swing*, que lhe rendeu a publicação de artigos e citações, além de um capítulo no livro organizado por sua orientadora, a antropóloga sucesso de vendas, Mirian Goldenberg, *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira* (São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007). Muito bem estruturado e denso, esse primeiro trabalho antropológico sobre *swing* se mostrou com o tempo o mais sólido sobre o tema no Brasil, e os que se seguiram são em alguma medida devedores dele⁷.

Segundo von der Weid (2010:792-3), respeito, admiração, cuidado com o outro, conhecimento do próprio prazer e uma melhora na relação sexual do casal são ganhos que

⁷ Pode haver outros anteriores, mas este parece ser o primeiro a despontar ou ter visibilidade como trabalho acadêmico sobre *swing* no Brasil. Uma vez que ainda não existe um campo constituído de pesquisa em *swing* com referências obrigatórias ou consagradas, me empenhei mais em buscar uma bibliografia indireta que me ajudasse a pensar o *swing* do que numa pesquisa minuciosa dessas referências específicas sobre *swing*. Assim, essas citações certamente não esgotam o trabalho acadêmico produzido no Brasil sobre o tema, e foram encontradas mediante buscas simples no Google Acadêmico com combinação de palavras como *swing*, *suingue*, *sexo*, *casais*.

aparecem no discurso dos entrevistados como uma das consequências da prática do *swing*. Isso poderia ser aproximado da “conjugalidade igualitária” de Heilborn (2004, *apud* von der Weid, 2010) por meio da feminização da relação. Por outro lado, também haveria uma masculinização da experiência no *swing*, pela multiplicidade e, muitas vezes, anonimato das interações. Assim, os casais parecem valorizar ao mesmo tempo a estabilidade e a “caça sexual”.

O compromisso do casal no *swing* não é protegido mediante a exclusividade sexual, mas se faz presente através da separação entre sexo e amor. Dessa forma, os casais conseguem manter exclusividade no amor, mesmo que sexualmente “polígamos” (von der Weid 2010:794). A infidelidade seria a traição da confiança e quebra de acordos estabelecidos, não passando necessariamente por uma relação sexual. Isso pode ser visto como uma atitude liberal, mas também como uma forma de controlar a sexualidade do cônjuge e a traição, o que dá brecha para pensar o *swing* como uma prática de prevenção contra a infidelidade (von der Weid, 2010:806-7).

Após traçar analogias entre a sociedade patriarcal brasileira descrita na obra de Gilberto Freyre e o *swing* – como, por exemplo, a disparidade etária dos cônjuges, a escolha ou vontade da mulher estar submetida ao desejo sexual masculino e medo de ficar sozinha, a estética corporal feminina ser guiada pelo sexualmente desejável e servir ao narcisismo masculino e como símbolo de sua virilidade, e a mulher ter que se tornar “sociologicamente um homem” para conseguir se impor –, von der Weid (2008), apesar desses paralelos, conclui que seria simplista compreender o *swing* em termos de patriarcado e dominação masculina, mesmo que a prática guarde características dos mesmos. Segundo a autora, após um sofrimento e uma subjugação inicial, o *swing* representa para essas mulheres novas formas de relação com o mundo:

É interessante observar no depoimento das entrevistadas que, através de um conhecimento e de uma experimentação maior do seu corpo, chegam a uma “descoberta de si mesmas” que não necessariamente diz respeito ao corpo ou ao prazer em si, mas a uma forma de se ver e se colocar no mundo (extroversão, confiança, autoestima). (von der Weid, 2008:63)

Outra diferença para a ordem patriarcal, de acordo com von der Weid (2008:64), é que nesta impera uma rígida separação entre a mulher da rua e a mulher casada, e o *swing* se aproximaria mais de uma conjugalidade moderna ao buscar unir, nas palavras dos seus

entrevistados, a esposa e a prostituta numa só mulher, e também porque no *swing* a mulher se descobriria como sujeito do seu próprio prazer.

Mais ainda, segundo a autora, o homem, tendo que dar mostras de sua virilidade, teria mais dificuldade do que a mulher em fazer do *swing* um espaço de ruptura:

A lógica da prática do *swing* aparenta ser a da dominação masculina. Mas, por trás dos panos, há também uma experimentação feminina maior e aparentemente mais livre do que a masculina, no sentido de romper com certas barreiras sexuais impostas socialmente. O homem parece muito mais prisioneiro deste modelo de masculinidade hegemônica (...). (von der Weid, 2008:97)

Nesse sentido, diferente da bissexualidade masculina, que não é aceita no *swing* e que representa um perigo para a masculinidade, a bissexualidade feminina é incentivada, não abala a identidade de gênero feminina e ultrapassa a dualidade hétero *versus* homossexuais reproduzida no *swing* no caso dos homens (von der Weid, 2008:83).

Na construção da identidade feminina e masculina no *swing*, segundo von der Weid (2008), as mulheres estão mais preocupadas com sua aparência, no sentido de se mostrarem desejáveis, o que pode indicar dominação masculina, mas também serviria a um empoderamento feminino através de uma nova relação com o corpo e a sexualidade. Já os homens estão mais preocupados com sua *performance* sexual. Se ele demonstrar se preocupar demais com a aparência no *swing*, corre o risco de ser considerado efeminado; e deve estar sempre vigilante em relação a sua “atividade” – ele não pode se passar por passivo, tanto no sentido *strictu* quanto simbólico –, o que lhe confere pouca margem de subversão ou inovação sexual no *swing*, sem desmerecer a subversão da participação no *swing* em si (von der Weid, 2008:89).

Também foram realizados trabalhos em outras áreas, como a dissertação de mestrado em Psicologia Social na PUC-SP, em 2010, de Marcelo Alves dos Santos, com o título *Prometeu ser fiel no casamento e no swing: uma construção identitária analisada à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação*. Flávio Bezerra da Silva dedicou um capítulo ao *swing* na sua dissertação de mestrado *Turismo e Lazer Sexual na Cidade de São Paulo*, em Geografia na USP, 2011. A conclusão de Graduação em Psicologia, na UEPB, 2012, de Yuri Max Tavares de Farias, teve como título *Sobre Ciúme e Swing: quando três não são demais*.

Depois de iniciada a segunda etapa desta pesquisa, em 2013, outros trabalhos acadêmicos sobre *swing* foram realizados. A antropóloga brasileira Maria Silvério, doutoranda

no Instituto Universitário de Lisboa, tem sido bastante citada no Brasil, assim como von der Weid, quando o assunto é *swing*, principalmente fora da academia, onde se debate mais o tema. Além de artigos, Silvério teve um livro publicado pela editora luso-brasileira, Chiado (Lisboa), em 2014, *Swing: Eu, Tu... Eles*.

O que caracteriza ser mulher ou ser homem no *swing*? O caráter liberal da prática influencia rupturas ou ressignificações das identidades de gênero? Silvério (2014:125-7) afirma que a estrutura binária do gênero prevalece no meio *swinger* e limita determinadas rupturas. Entretanto, nem sempre é assim; muitas mulheres entrevistadas, por exemplo, não têm dificuldade em romper com o ideal de mulher emotiva e “usar” os outros somente para sua satisfação, algo tradicionalmente associado ao universo masculino. Foram também as mulheres as que mais fizeram referências a mudanças no nível individual, o que, para a autora, é como se o *swing* lhes desse acesso a uma parte da esfera pública, transformando sua interação com o mundo. Os homens teriam mais dificuldades em empreender rupturas com o gênero e a sexualidade⁸.

Neste sentido, o discurso das informantes parece indicar que o *swing* faz com que a sexualidade feminina se torne propriedade das próprias mulheres, atuando no seu processo de autonomia, reflexão da autoidentidade e na maneira de estar no mundo. (Silvério, 2014:126)

Ao contrário das mulheres, os homens *swingers* ainda precisam reafirmar a sua masculinidade para si mesmos, para a companheira e os outros. O fato de estarem com a esposa não significa que são “homens de verdade” e, portanto, uma série de fantasias, curiosidades e possibilidades são aniquiladas ou vivenciadas às escondidas. No contexto *swinger*, esta sexualidade parece ser uma realidade atingível para as mulheres, enquanto os homens aparentam ser as principais vítimas da masculinidade hegemônica no que diz respeito à identidade, ao desejo e à prática. (Silvério, 2014:136)

A autora considera ser questionável o lema internacional do *swing* – “onde tudo é permitido e nada é obrigatório” –, uma vez que há uma “proibição” da bissexualidade masculina, ou o que chamou de “heteronormatividade liberal”. O aspecto do segredo também foi apontado como fator limitante do *swing* em sua capacidade de questionar o padrão monogâmico diante da sociedade (Silvério, 2014:122).

⁸ Salvo quanto parte do casal, em termos de ruptura principalmente com padrões de conjugalidade.

Afora essas ressalvas, Silvério (2014:136-7) conclui que a conjugalidade *swinger* se aproxima dos ideais contemporâneos de sexualidade, gênero e conjugalidade, isto é, consegue atingir, mais do que as conjugalidades monogâmicas, igualdade, respeito, reciprocidade, sinceridade, confiança, comunicação aberta e uma sexualidade voltada para o prazer. Silvério (2014:126) também fala da “sexualidade plástica” de Giddens (1993), na qual o que vale é o prazer e o gosto sexual, e não mais relações de poder entre os sexos.

Se não é possível encontrar a completude na pessoa amada como prometido pelo ideal do amor romântico, para um *swinger*, entretanto, é somente ao lado dessa pessoa escolhida que se empreende tal busca. Dessa forma, o *swing* poderia ser considerado, segundo a autora, como uma espécie de modelo conjugal que tenta encontrar um equilíbrio entre os preceitos do “complexo do amor romântico” e das “conjugalidades contemporâneas” (Silvério, 2014)⁹.

Também é de 2014 a dissertação de mestrado em Antropologia de Raphael Moraes da Silveira, na UFG, *Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do swing em Goiânia*. Segundo o autor, há, antes de tudo, o consumo de uma experiência na casa de *swing*, pois os bens lá vendidos não dizem respeito apenas à materialidade. É possível experimentar o descontrole num ambiente bastante controlado. A partir da experiência, discursos e convenções são materializados em torno de marcadores sociais de diferença, sendo as convenções de gênero e sexualidade as mais destacadas. O autor chega a afirmar que lhe parece de “má fé” negar a ambiguidade de um ambiente que apresenta um “descontrole controlado” e querer ver no *swing* apenas ordem e regra ou, o que seria pior, ver nele apenas um espaço de liberdade, destituído de hierarquias e privações (Moraes da Silveira, 2014:111).

Ainda assim, Moraes da Silveira (2014) tende a ver empoderamento feminino através do tipo de sexualidade desenvolvido pelas mulheres no *swing*. O autor considera, observando a representação feminina de mulheres sexualmente vorazes nos anúncios das casas que, apesar do binarismo homem/mulher persistir no *swing*, isso não significa um homem ativo e uma mulher passiva. A mulher teria no *swing* um espaço de experimentação sexual maior do que o homem, uma vez que ela se veste de forma mais provocante do que no dia-a-dia, dança,

⁹ Se Silvério se utiliza desses conceitos de Giddens (1993) para falar das ambiguidades do *swing*, Von der Weid fala em “antagonismos em equilíbrio”, em referência a Gilberto Freyre: “Tradição e modernidade, valores aparentemente opostos, parecem se equilibrar na prática do *swing* e conviver em aparente harmonia” (von der Weid, 2008:65). Sem esquecer que Giddens (1993) também é uma referência para von der Weid (2008:102).

interage e fica com mulheres sem colocar em xeque sua feminilidade – diferente do homem, que deve ser muito discreto nas roupas, na fala, nas interações, sob risco de levantar suspeitas em relação a sua masculinidade. O índice de virilidade no *swing*, segundo o autor, seria o valor do seu carro e das bebidas que consome no salão. Pela fragilidade própria à masculinidade, os homens teriam menos direito ao descontrole que as mulheres, que aproveitariam muito mais esse espaço para liberar sua sexualidade. Inclusive o autor cita em uma epígrafe um trecho da pesquisa de Manuela Blanc, em que ela diz: “O que eles não praticam, certamente, é a troca de esposas, mas esposas não são objetos passíveis de serem negociadas por ninguém. E os dados apontam ainda para uma maior tendência ao que poderíamos chamar de troca de maridos e orgias entre esposas...” (Blanc, 2013: 104 *apud* Moraes da Silveira, 2014: 109) ¹⁰.

Em 2015, Antônio Fontoura Júnior defendeu dissertação de mestrado em História, na Federal do Paraná, *Pornotopias conjugais: subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil*. Também nesse mesmo ano, Edson Peixoto de Vasconcellos Neto defendeu doutorado em Sociologia na UFPB, com o título *De olhos bem fechados: sexualidade, subjetividades e conjugalidades no swing*. Sua tese ainda não se encontra disponível, mas seus artigos sugerem que ele segue a linha de von der Weid, mesmo que nem sempre expressamente citada. No entanto, diferente dela e mais próximo de Silvério (2014), o autor tende a dar menos ênfase às ambiguidades e reforçar mais o caráter liberal e as rupturas empreendidas no *swing* em termos de gênero, sexualidade e conjugalidade. Mesmo em relação à iniciativa de participar do *swing*, ao contrário da tendência das outras pesquisas, Vasconcellos (2011:10) ressalta a importância considerável de casais cujo interesse parte da mulher para pensar essa liberação sexual feminina¹¹. Segundo o autor, ver troca de mulheres no *swing* é um problema das premissas utilizadas na análise e não da prática em si. Quando

¹⁰ Manuela Blanc defendeu doutorado em Sociologia Política na Universidade Estadual do Norte Fluminense, em 2013, intitulado, *A sociabilidade e o lazer erótico como forma social nos contextos urbanos das cidades do Rio de Janeiro e Paris*, no qual analisa a sociabilidade erótica em um clube de *swing* no Rio de Janeiro e em uma “sauna libertina” em Paris. Em minhas buscas não havia me deparado com essa pesquisa e só tomei conhecimento dela através da pesquisa de Moraes da Silveira (2014) que, por sua vez, só tive contato pouco antes de finalizar a dissertação.

¹¹ Embora possuam diferenças consideráveis entre si, que não foram devidamente exploradas aqui, os trabalhos de von der Weid (2008), Silvério (2014), Moraes da Silveira (2014) e Vasconcellos (2011) parecem compartilhar, no geral, mesmo que nem sempre se utilizando especificamente desses autores ou conceitos, de uma visão do *swing* sob a ótica das sexualidades dissidentes de Rubin (1993) e/ou da transformação da intimidade proposta por Giddens (2003).

ocorre submissão feminina no espaço do *swing*, é algo pontual de alguns participantes que trazem isso consigo, e que não caracteriza o meio *swinger* como um todo.

Muitas dessas representações corroborariam com um imaginário conjugal onde o homem ainda exerceria o seu poder através de práticas subliminares ou mesmo de práticas claras de submissão. Em exemplos como a troca de parceiros, as representações sobre cada um ficam expostas, onde o que ocorreria seria uma “troca de mulheres”, pois, o homem coloca uma série de barreiras com relação a outro homem se relacionar com a sua esposa. Realmente isso pode ser percebido, principalmente em casais cuja experiência com o swing ainda é rarefeita. Em exemplos como esse se observa a permanência de uma dominação masculina. Este tipo de análise confere como o tipo de exercício do poder masculino, onde a mulher não é sujeito do desejo, mas sim objeto do desejo, e a sua vivência sexual pode se restringir ao consentimento em ser usada enquanto objeto.

Em contrapartida, encontra-se um deslocamento enquanto a procura pelo swing. Ao verificar o dado acima se tem a tendência de se conferir ao homem quem se interessa pela prática. A partir disso poderíamos discorrer sobre todo o discurso centrado no interesse dos homens por poderem possuir mais de uma mulher. Os dados preliminares que se pode discernir das entrevistas feitas até agora dizem algo um pouco diferente: o que vem sendo percebido é que esses pontos devem ser vistos com bastante cautela, tendo em vista que um conjunto importante de casais declara que o interesse pelo swing partiu da esposa. (...) (Vasconcellos, 2011:9-10)

1.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Algum tipo específico de *swing* poderia ter sido escolhido para a pesquisa (como as casas comerciais nas capitais), ou ainda um tipo determinado de *swinger* (os casais de fato, por exemplo), ou uma delimitação de acordo com a motivação (como uma possibilidade para aqueles que buscam “apimentar o casamento”). Estes e outros recortes foram pensados, mas a opção desta pesquisa foi por não delimitar de antemão o objeto. Delimitá-lo demais, quando se trata de um campo ainda pouco explorado, como é o *swing* nas Ciências Sociais, representava um risco tanto por inviabilizar a pesquisa na falta de material, como por desperdiçar possibilidades teóricas e achados empíricos para uma análise que perpassasse os vários *swings* e pudesse revelar sua multiplicidade irreduzível. Além do mais, não que se

pretenda esgotá-las, mas as inquietações e os dados etnográficos apresentados aqui buscam mapear outras possibilidades de pesquisa.

1.4 PROBLEMATIZANDO

Retomando o casal de amigos que passou a lua de mel no *swing*, podemos definir alguns problemas desta pesquisa. Eles já eram um casal antes do casamento, e moravam juntos. A necessidade de oficializar um casamento que já existia parece ir ao encontro de instituições como o direito, a família, a moral, ou seja, atender a uma coerção social para solidificar uma identidade e um *status* mais aceito. Também pode ser outra instituição que se apresenta, a do amor romântico. Um casal que se casa, mesmo já vivendo junto, pode ser o símbolo de um gesto apaixonado ou da intenção de longevidade do sentimento, soa como uma jura de amor. Mas, a escolha do *swing* para lua de mel, a princípio, implode essas hipóteses; ou a prática do *swing*, a despeito de sua imagem nada conservadora, não representa uma ameaça a essas instituições, não as coloca em risco.

O *swing* se mostrou como um espaço de uma inquisição às avessas, inquisição contra a moral, a hipocrisia, a repressão sexual. Lá, o sexo deve se libertar das amarras sociais para ganhar seu estado natural, segundo a filosofia dos seus praticantes¹². Mas as Ciências Sociais desconhecem homem ou qualquer prática humana em estado natural; o homem é um ser social, cultural, de linguagem, assim, tudo que é seu está condenado a sê-lo também, até mesmo o sexo. E isto nos leva a “desconfiar” do que está por trás da atual prática do *swing*, seus discursos e o crescimento vertiginoso de adeptos e curiosos.

Apesar desse discurso legitimador muito forte no sentido da ruptura de padrões vigentes, o que se percebeu de forma predominante na observação, principalmente em sua primeira etapa, foram continuidades em relação ao lugar ocupado pelas mulheres nos intercursos sexuais e padrões de relacionamento quando comparados com os de não praticantes de *swing*.

¹² Em campo, ouvi muita referência ao sexo no que seria seu estado natural, associado ao suposto sexo livre dos “índios” e de determinadas espécie de animais, e ainda à História, tanto no sentido de um elo perdido com o Homem em estado natural, quanto, ao contrário, sugerindo que o *swing* sempre esteve presente nas grandes civilizações ou no berço de nossa civilização. Gostaria de mencionar aqui que este tema será retomado no capítulo 3.

É comum, por exemplo, encontrar no *swing* cônjuges ciumentos, que circunscrevem o *swing* e a presença mútua, entre outras regras, como condição para a abertura no relacionamento, algo como uma traição sob controle. Ao mesmo tempo em que seus adeptos, principalmente os mais convictos, retomam o ideário do amor livre dos anos 1960 e 70, há uma reificação dos casais.

Há ainda outras continuidades que puderam ser percebidas, como homens já de uma certa idade, com um corpo fora do padrão estético visado, endinheirados e com bom nível de instrução, que exibem suas mulheres de origem humilde, no entanto jovens e bonitas. Ou a cobrança de ingressos, que dá descontos substanciais ou isenta mulheres desacompanhadas e cobra o dobro do valor de homens desacompanhados¹³. Segundo diversos relatos, ir ao *swing* sai mais barato e é mais garantido do que tentar “levar uma mulher para a cama” ou do que ter uma namorada, sem contar que há uma “variedade de escolha”¹⁴. E outra afirmação muito comum entre aqueles que não estão acompanhados de suas legítimas esposas ou namoradas é de que jamais as incluiriam num *swing*.

Em função do caráter transgressivo do *swing*, os discursos a seu respeito flutuam desde a danação, passando por recusa ou aceitação ponderadas, até a promessa de transformação

¹³ Pode-se ter uma ideia dessa diferença de valores na publicidade de *sites* de casas de *swing*. Aqui foram escolhidos alguns *sites* aleatoriamente e mantidos no anonimato. Por exemplo, *site* 1: “*Balada Hot*, 01/11/2012: casal R\$80, mulher R\$30, homem R\$200; *Festa das torcidas*, dia 31/10/2012: casal R\$60; mulher R\$20; homem R\$120”. Verifica-se também pelo *site* que há festas em que a entrada de homens desacompanhados não é permitida, e que o mesmo não vale para as mulheres, como na “*Biri Night Fest: só para casais e mulheres*, em 02/11/2012” [acesso em: 30/10/2012]. *Site* 2: “para a *Quinta do Gang Bang*, em 25/06/2015, casal R\$40, consumíveis se chegarem até meia noite; solteiro R\$80 com duas cervejas se chegarem até meia noite; solteira *free* mais duas cervejas de cortesia”; em 28/05/2015, “ingresso casal R\$30 consumíveis até meia noite; ingresso solteiro R\$80, solteiro que chega até meia noite ganha duas cervejas de cortesia, solteiras têm ingresso *free* mais *open bar* de caipirinha até a meia noite”. No *sábado exclusivo para casais*, em que, além da promoção para casais que levam um casal amigo, o valor é de “R\$60 para casal, e entrada *free* para amiga de casal”. No sábado de 06/06/2015 com *Festa Mista para Casais e Solteiros*: “casal R\$60, solteiros R\$130, solteiras ingresso *free*, quem chegar até meia noite ganha duas cervejas; *open bar* de caipirinha até meia noite”. *Site* 3: na tabela de preços dessa casa, podemos ver que às sextas e sábados o valor do ingresso dos casais é de R\$145, das mulheres, R\$78, e dos homens, R\$440. Proporções semelhantes se mantêm nos outros dias, como, por exemplo, às terças-feiras, por R\$88, R\$44 e R\$380, respectivamente [acesso em: 08/07/2015].

¹⁴ Isso de acordo com o que esperam, pois vi muitos homens, principalmente os que vão desacompanhados de uma mulher, se lamentarem porque a noite não estava sendo compensadora. Isso se dá tanto pela dificuldade de encontrar aceitação de uma mulher, cuja recusa não parte necessariamente da mesma, como, em alguns casos, pela dificuldade deles próprios de conseguirem uma ereção (ou várias).

social através dele. Em muitos casos, a propalada liberdade sexual e a condenada repressão sexual podem se mostrar no *swing* como duas manifestações opostas de um mesmo controle da sexualidade e dos corpos femininos.

Enfim, podemos concluir que um problema de pesquisa se definiu a partir da compreensão inicial, possibilitada pela primeira fase da etnografia, de que o *swing*, ou troca de casais, não era uma prática que se operava mediante a troca de casais. O *status* da mulher, na verdade, pouco importava. Ela podia ser garota de programa, esposa, mulher negociada pela casa, amiga, amante, namorada, etc., importava que fosse mulher e que cada homem tivesse a sua a oferecer e, se o homem não tivesse esse tributo, não seria benquisto. Tudo isso, combinado ao clima de barganha entre os homens, parecia configurar o *swing* como uma prática em que se dava uma verdadeira troca de mulheres¹⁵.

Entretanto, uma vez que o segundo momento do campo revelou um *swing* que também forma laços de solidariedade, se ampliou o alcance da expressão que, dessa forma, teria potencial para abarcar a complexidade do *swing* em suas contradições. Ou seja, o alcance da expressão “*swing*, ou troca de mulheres” passa a dar conta da visão crítica que evidencia a objetificação da mulher no *swing*, ao mesmo tempo em que poderia contemplar uma leitura dos aspectos mais propositivos do *swing*, ao pensar a “troca de mulheres” na acepção clássica de Lévi-Strauss (1975) – em *As estruturas elementares do parentesco*, que consagrou a expressão de Mauss (2003) empregada em *Ensaio sobre a dádiva*. A “troca de mulheres”, segundo Lévi-Strauss (1975), cria reciprocidade, laços de solidariedade, cria e recria o social, além de que, a lei do incesto que interdita o acesso a determinadas mulheres nessas trocas é a própria lei que instaura a sociedade ou a cultura.

Por outro lado, tal acepção não exige essa leitura mais propositiva do questionamento crítico de gênero se, ao final das contas, a mulher aqui não seria também uma propriedade, mesmo que comunal, sem se esgotar em si mesma como um objeto, mas transcendendo como

¹⁵ Não foi a partir de Bauman – pois tive contato com essa obra, *Amor Líquido*, tempos depois de pensar o *swing* sob a perspectiva da troca de mulheres –, mas registro aqui uma breve referência a esta possibilidade de análise feita por ele: “Em Paris, o *échangisme* [no Brasil conhecido como suingue, ou troca de casais (N.T)] (um nome novo e, dada a recente igualdade entre os sexos, mais politicamente correto para um conceito um pouco mais antigo, recendendo a patriarcalismo, a troca de esposas) supostamente se tornou a moda, o jogo mais popular e o principal assunto do momento” (Bauman, 2004:34).

dádiva. A etnografia reflete sobre essas questões e, como já mencionado em nota, uma leitura de uma perspectiva feminista da importância e das implicações da troca de mulheres segundo Lévi-Strauss será oferecida por Rubin (1975) no capítulo de conclusão.

1.5 OBJETIVOS?

Diante da necessidade de pensar a perspectiva que orientava a pesquisa, o objetivo se definiu em investigar o *swing*, ou troca de casais, como *locus* privilegiado para refletir sobre as relações de gênero no Ocidente moderno, a partir de movimentos de ruptura e continuidade com o *ethos* tradicional que se apresentaram nas conjugalidades, afetividades e sexualidade dos *swingers* observados.

Além disso, especificamente, essa pesquisa busca descrever etnograficamente o *swing*, seus espaços, rituais, seus participantes masculinos e femininos e suas falas; perfilar vários tipos de *swingers* e *swings*, buscando suas características irreduzíveis e aquelas que os perpassam; investigar como as representações de gênero e suas respectivas subjetividades são operacionalizadas no *swing*; analisar a coerência e os distanciamentos entre os discursos *swingers* e sua prática.

Foram muitas as questões que conduziram a pesquisa: qual é a espacialidade na prática do *swing*; como a arquitetura das casas de *swing* e sua localização geográfica se traduzem em características próprias ao *swing*; como os participantes do *swing* interagem, como iniciam uma relação sexual; como negociam; quem participa; o quê e quem são valorizados; quais os discursos, as conversas e as expressões corporais de homens e mulheres na entrada e saída do espaço do *swing*, bem como durante o *swing*; o que é malvisto ou mesmo interdito fazer ou dizer no *swing*; os interditos são os mesmos para homens e mulheres; quais os discursos dos *swingers* sobre o *swing* e assuntos correlatos como casamento, homens e mulheres, desejo, liberdade, modernidade, família; em quais circunstâncias surgem sinais de ansiedade, frustração, impotência, humilhação, subjugação, ciúme, assim como prazer, satisfação, insubordinação, desapego, e como *swingers*, homens e mulheres, lidam com isso; que incoerências podem ser percebidas no *swing*, observando homens e mulheres, entre os discursos e as conversas, e entre os discursos e as expressões corporais; se a articulação entre os *swingers* transcende a mera objetividade de viabilizar o *swing*.

Examinando todas estas questões é que posso me aproximar de uma compreensão mais plena do que designei acima de movimentos de ruptura e continuidade com o *ethos* tradicional que se apresentaram nas conjugalidades, afetividades e sexualidade dos *swingers* observados.

1.6 MARCO TEÓRICO

Esta pesquisa se filia aos estudos de família e gênero por trabalhar com a crítica de Michel Foucault (1988) à hipótese repressiva, o debate levantado por Richard Sennett (1988) sobre as fronteiras e interfaces entre o público e o privado, e a teoria da violação de Rita Laura Segato (2003).

Foucault (1988:14) abriu possibilidades únicas de investigação no campo da sexualidade ao desconfiar da até então incontestada tese de que o sexo sofreria repressão desde o século XVII devido a uma moral burguesa hipócrita. Para ele, soa suspeito que alardeiem ou digam mil vezes que o sexo não pode ser dito.

Ele demonstra que essa “hipótese repressiva” é muito bem aceita porque se pretende crítica. Ela teria o dom de desvendar a relação entre sexo e poder traçada pela repressão, pois coincide em sua formulação a retomada histórica da repressão sexual com o advento do capitalismo, que, supostamente, não teria interesse em ver desperdiçados energia e tempo produtivo em sexo. Assim, segundo essa hipótese, o sexo teria sido restringido ao quarto do casal monogâmico, em um modelo de família burguesa, em uma condenação puritana do prazer, garantindo a reprodução como sua única função aceita, pois necessária para a reprodução do capital, que depende de trabalhadores e consumidores. Outras formas aceitas seriam aquelas em si lucrativas e que se mantêm isoladas, como o tratamento médico das perversões e a prostituição. Quem sustenta a hipótese repressiva não estaria, portanto, apenas se revoltando contra a falta de liberdade sexual, mas contra todo um modelo de sociedade e suas instituições que supostamente imporiam esse silenciamento do sexo e esse sacrifício dos prazeres em nome do capital (Foucault, 1988:11-2).

Porém, Foucault desconstrói a tão incontestada hipótese repressiva. Ele revela a hipótese repressiva em si, tão preocupada com sua missão política de libertar a sexualidade dos grilhões do poder, como sendo, ela própria, parte desse dispositivo moderno e polimorfo

de poder que é a sexualidade. Poder que não se dá pela repressão, mas pela incitação, ainda que seja fazendo da sexualidade um segredo só para poder revelá-lo, promovendo silêncios a serem quebrados, construindo “verdades” e “saberes” que tornam os corpos permeáveis ao poder (Foucault, 1988:8-36).

A família não é, como se pressupõe, o *locus* da repressão, mas o ponto de partida para toda essa produção da verdade. A família é geradora e perpetuadora desse novo dispositivo, pois é onde o tradicional dispositivo de aliança¹⁶ se cruza com o moderno dispositivo de sexualidade: “A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança.” (Foucault, 1988:102-3).

Segundo Sennett (1988:15-44), a crise pública que sentimos pós II Guerra Mundial, que tem origem na queda do Antigo Regime e na nova cultura urbana, secular e capitalista que se formou desde então, não encontrou um princípio que pudesse dotar novamente a esfera pública de sentido. As soluções impessoais já não suscitam paixão. O mundo público já não serve de fronteira ao mundo privado e nem de forma de investimento alternativo. A erosão da vida pública deforma as relações íntimas, inclusive o amor físico.

É certo que tivéssemos nos libertado da repressão sexual vitoriana, mas, ao menos, na era vitoriana, era do erotismo, o sexo era uma ação social como outras, que implicava atores e representações sociais e, assim, escolhas e consequências para o sujeito. A atividade sexual não era uma esfera à parte, era dotada de sentido social; a própria repressão tinha o seu sentido, assim como sua infração. Hoje, na era da sexualidade, a dimensão social do sexo está se perdendo¹⁷; é mais uma questão de escolha pessoal, de buscar sentir e de nunca conseguir sentir o suficiente, o que leva a uma busca incessante do eu, da identidade pessoal através do sexo e das relações íntimas. A relação se dá muito mais de personalidade para personalidade

¹⁶ Segundo Foucault (1988:101), o sexo por toda parte, em toda sociedade, se abre para um dispositivo de aliança que ele define como sendo aquele que rege o matrimônio, o parentesco, a transmissão de nomes e bens; se estrutura em torno de regras; tem como objetivo principal reproduzir as relações sociais e a lei que as rege; mantém a função autorreguladora da sociedade, daí seu vínculo com o direito e com a reprodução, que deve se traduzir em reprodução social.

¹⁷ Obviamente, Sennett não pretendia com isso sugerir que de fato existe uma possibilidade de sexo sem uma dimensão social; é preciso contextualizar a expressão que nesse caso procura estabelecer um contraponto entre o coletivo e o público com o pessoal, individualista, intimista, ensimesmado (mais uma vez, todos eles com dimensão social).

do que entre atores sociais; a infração das regras neste campo, pois elas ainda existem para muitos, não é mais pesada tanto em termos de suas consequências sociais. Ficar tempo demais com alguém e ainda mais de forma exclusiva pode representar para nós um risco de não termos experiências suficientes, de não sentirmos o suficiente em nossa busca obsessiva pelo eu. E se tudo pode ser importante neste mundo secular e desencantado, como abrir mão de novos contatos e vivências potencialmente cruciais? (Sennett, 1988:39-40).

Para Segato (2003:37-40), o gênero está marcado por um “mandato de violação”¹⁸. O homem (ou o masculino) não viola por uma patologia individual, nem por uma suposta natureza masculina, nem como resultado de sua dominação, e sim porque deve violar. A violação é um imperativo que instaura e mantém a estrutura de gênero ativa. Essa estrutura, ou patriarcado, é a mais antiga, universal e cristalizada das estruturas da ordem de *status*. É origem e paradigma para as outras hierarquias, ou seja, para toda forma de violência. No entanto, ela é frágil, a masculinidade é facilmente arranhável e precisa de vigilância constante, depende da manutenção da subordinação feminina. A mulher (ou o feminino) é vista como uma ameaça, uma vez que é ela quem tem o poder de dissolver essa hierarquia, caso saia desta relação estrutural de subordinação.

Em muitas sociedades tradicionais, a violação é prevista e respaldada pela lei ou pelos costumes, tendo em vista manter sua ordem assumidamente hierárquica. Nas sociedades modernas, de ordem contratual e não mais de *status*, o estupro é uma passagem ao ato; não obedece a condições sociais ou legalmente previstas. Aqui, a violação, que não ocorre mediante situações específicas, e se dá contra uma mulher genérica, mantém a ordem de *status* que sobrevive a despeito e na ordem contratual (Segato, 2003:25-6). Não se exerce o mandato de violação somente por meio do estupro. O mandato é exercido também por meio da fantasia, do simbólico. Vivências que, à primeira vista, não constituem violação podem, porém, ser vividas ou sofridas como tal, uma vez que a violação está lá, no horizonte mental da vítima ou do violador. É o que Segato chama de “violação alegórica” ou “violação metafórica” (Segato, 2003:40). O patriarcado continua ativo na fantasia e nas subjetividades, estruturando, como uma cena primeira, sentimentos e relações, indicando que uma transformação mais profunda no gênero ainda está por vir (Segato, 2003:30).

¹⁸ Para Segato (2003:22), violação é “*el uso y abuso del cuerpo del otro, sin que éste participe con intención o voluntad comparables*” (grifo do autor). Uma concepção abarcante da violação ou estupro, como essa formulada por Segato, é importante para ajudar no reconhecimento da violência contida em ações cotidianas ou banalizadas.

Na verdade, de acordo com Segato (2003:252-61), a sociedade contratual, tal como a conhecemos, depende dessa sobrevivência da ordem de *status* e, dessa forma, também da violência. Isso porque a igualdade, ou contrato, se dá somente entre pares, num eixo horizontal em que se alternam competição e aliança, e para manter essa ordem é preciso que haja, no eixo vertical, usurpação ou expropriação de autonomia e mais-valia material e simbólica desse outro, o subalterno, constituindo estratos com diferenças hierárquicas. Entretanto, apesar da interdependência entre esses dois eixos, a interação entre eles torna a ordem social ou o sistema instável, pois é preciso apresentar aos seus pares na ordem contratual o tributo extraído na ordem de *status*, evitando sua expulsão; mas, por outro lado, o subalterno sempre pode requerer sua igualdade. O gênero também é paradigmático dessa dupla inserção no sistema; a mulher tanto funciona como um predicado necessário aos homens em suas relações de igualdade, como ela própria participa dessas relações contratuais¹⁹.

Dessa forma, o homem com seu mandato de violação não dirige um enunciado somente às mulheres, mas também aos seus pares, mostrando o seu merecimento em “ocupar um lugar na irmandade viril e até mesmo adquirir uma posição destacada em uma fratria que somente reconhece uma linguagem hierárquica e uma organização piramidal” (Segato, 2005:272). E, nesse sentido, a mulher é subproduto desse processo em que importa mais o acesso ao interlocutor, dentro de uma lógica patriarcal que fala através da capacidade de impor sua vontade e de exibicionismos.

Essas perspectivas formam o pano de fundo para a leitura dos dois capítulos mais etnográficos que se seguem à introdução e serão articulados mais diretamente com a temática no capítulo de conclusão, em que alguns contrapontos teóricos também serão delineados, por meio das ponderações feitas por Lia Zanotta Machado (2000) e Adriana Piscitelli (2006) a debates que cindem relações de gênero de patriarcado contemporâneo e sujeição de subversão, respectivamente. Os conceitos de Bourdieu de dominação masculina, corpo como capital, distinção, violência simbólica e *habitus* também são importantes para compreender os rumos deste trabalho.

¹⁹ Referência importante sobre a relação entre contrato e *status*, e clássica neste sentido, é Pateman (1993), também utilizada por Segato (2003:253).

1.7 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa, segundo Schwandt (2006:193-4) não designa um tipo específico de filosofia, metodologia ou teoria social, nem deve ser confundida com toda e qualquer pesquisa social que não faça uso de dados quantificáveis. Ela é muito mais um terreno para a crítica científica social, pela qual circulam vários métodos, teorias sociais e debate epistemológico.

Donna Haraway (1995), epistemóloga feminista norte-americana, é propositiva quanto ao impasse que aflige as filosofias pós-empíricas das Ciências Sociais. O problema enfrentado pelas feministas, segundo a autora, é como ter, simultaneamente, uma explicação de contingência histórica radical sobre todo conhecimento e seus sujeitos, inclusive o reconhecimento crítico de seus próprios mecanismos de construção de sentido, e um compromisso sério com explicações fiéis de mundo que possa ser, ao menos, parcialmente compartilhado e aberto a projetos de futuro (Haraway, 1995: 14-6).

Esse esforço que as feministas empreendem de encontrar uma doutrina utilizável da objetividade leva a uma adesão simultânea ou alternada entre esses dois polos descritos acima, e isso estaria se mostrando pouco promissor, segundo Haraway, e para tanto ela propõe como saída renovar a metáfora da visão (Haraway, 1995:17).

A visão é utilizada para pensar o olhar que não vem de lugar nenhum e que tudo vê, fora do corpo, que significa a posição não marcada da objetividade. Apesar de ser empregada na perspectiva feminista como algo negativo a ser contestado, Haraway acredita que a visão seja a melhor metáfora para evitar oposições binárias e, a partir dela, pensar uma doutrina da “objetividade feminista”, ou “saberes localizados”, ou, ainda, “objetividade corporificada” que possa comportar projetos científicos críticos e paradoxais. Essa corporificação da visão, segundo a autora, tanto orgânica quanto tecnológica, permite que aprendamos a vincular em nossos corpos o nosso objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos, e nomear onde estamos e onde não estamos. Apenas a perspectiva parcial, localizada, promete visão objetiva, e isso faz com que se chame à responsabilidade (Haraway, 1995:18-21).

Não que os subjugados estejam isentos, segundo Haraway, de uma avaliação crítica, da desconstrução, ou da interpretação, afinal, suas perspectivas não são posições inocentes. Elas são preferíveis justamente por terem a menor probabilidade de negar o núcleo crítico e

interpretativo do conhecimento, porque têm experiência com modos de negação pela repressão, esquecimento, desaparecimento (Haraway, 1995:23).

Com certa proximidade dessa perspectiva, Mariza Peirano (1995:31-58) advoga uma ideia de universalidade que exige o confronto entre vários pontos de vista, contrastando com a iluminista ou europeia, mas que, ao mesmo tempo, não pode prescindir dela.

Até mesmo em tempos de positivismo e de evolucionismo social, em que a etnografia²⁰ teve papel ativo e mesmo crucial, já se via nela o esboço da relação dialógica sujeito *versus* objeto, propósito das epistemologias mais recentes e sofisticadas. Como se fosse intrínseco ao trabalho etnográfico a impossibilidade de manter uma relação linear e em sentido único entre pesquisador e pesquisado, mesmo quando esta linearidade é defendida metodologicamente, como no caso do positivismo.

O que não significa que não haja hierarquia entre o etnógrafo e seus nativos, que deve ser assumida pelo etnógrafo que reconhece sua posicionalidade. O “saber localizado” de Haraway (1995) parece estar inscrito na pesquisa etnográfica, como é possível perceber pela recorrência da identidade geográfica dos antropólogos (por exemplo, africanistas norte-americanos, americanistas franceses), apontada por Peirano (1995:31-58). Por mais que isso também denote seu caráter colonial, como bem alerta esta última autora, revela como as perspectivas teóricas estão atreladas a um pertencimento geográfico, relacionando observação etnográfica ao universal teórico. A biografia do pesquisador, seu referencial teórico da disciplina, contexto histórico e os imponderáveis enfrentados no local da pesquisa é que encaminharão o trabalho de campo que, por sua natureza, não tem modelos canônicos possíveis (Peirano, 1995:31-58).

Motivado por esses debates epistemológicos e metodológicos e pela singularidade do objeto de estudo, este trabalho se desenvolve no terreno das pesquisas qualitativas, busca construir um saber localizado e faz uso, em específico, do método etnográfico. Estas três inserções (qualitativo, localizado e etnográfico) se inscrevem ou estão impressas na abordagem feita em campo, nos dados obtidos e sua análise, assim como nas próprias escolhas textuais da dissertação. O tipo de abordagem em campo ficará mais claro no item que se segue e, principalmente, no início do próximo capítulo, quando as relações de poder entre “sujeito” e “objeto” ganham vida na descrição etnográfica desse encontro.

²⁰ Refiro-me aqui à etnografia em sua forma moderna e não à Antropologia “de gabinete”.

Chegado a esse ponto da leitura, talvez já seja possível ao leitor vislumbrar como a metodologia vai participar do próprio formato do texto. Os elementos se apresentarão muitas vezes quase estanques, como trajetória da pesquisa, dados etnográficos, perspectivas teóricas e análises. Os dois capítulos com abundância de dados etnográficos (capítulos 2 e 3), por exemplo, são apresentados praticamente sem interferências teóricas e com análises que parecem apenas sugeridas, mas isso não por uma pretensão de neutralidade, pelo contrário, os dados são construídos e estão carregados de uma visão assumidamente situada e informada por perspectivas teóricas. O que se pretende é que associações venham à cabeça do leitor, em maior ou menor proximidade com aquelas induzidas no curso da dissertação, mas inevitavelmente em diálogo com elas. Assim, o leitor poderá usar também seu próprio referencial teórico e informações sobre *swing* e temas correlatos de que dispõe para construir suas conclusões dialogicamente com as construídas (mas não engessadas) no texto.

Mesmo não sendo *swinger* e tendo sérias críticas a algumas de suas formas, além de ter negado a maior parte dos convites ou investidas, participei de algumas dinâmicas do *swing*. Esse tipo de participação foi relevante para a pesquisa, mas não foi fundamental. Acredito que minha trajetória no gênero feminino, de “saber a dor e a delícia de ser o que se é” – parafraseando, de forma prosaica, Caetano Veloso em “Dom de Iludir” (1986) –, e de ter um pouco da sensibilidade dos dominados de que fala Bourdieu (2010:42), foram, essas sim, determinantes para os resultados que obtive. Por mais que a tônica numa observação participante no *swing* em um sentido mais restrito (aquele de tomar parte nas trocas sexuais) possa se mostrar muito importante ou essencial, a depender do que se propõe a pesquisa, não é uma condição *sine qua non* para toda e qualquer etnografia do *swing*, e essa pesquisa especificamente não se ressentiu disso²¹.

²¹ Moraes da Silveira apresenta uma ótima discussão metodológica em a “intersubjetividade da cena” (2014:48-52) sobre os limites da separação entre objeto e sujeito da pesquisa e a observação participante em campos que envolvem sexo. Apresento um parágrafo: “Portanto, para problematizar aquele debate sobre fazer ou não sexo em campo, trago este ponto de vista. Se estamos envolvidos com aquela cena, e imersos em tais *performances* – ainda que como “espectadores” –, como não dizer que o nativo nos ‘leva’ para dentro de seu ato sexual? Como falar que, do ponto de vista deles, não estamos também fazendo sexo? Por fim, este fazer ou não sexo, no contexto aqui trazido, envolve ao menos duas perspectivas: a nativa e a nossa.” (Moraes da Silveira, 2014:51)

1.8 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Uma vez que não é possível permanecer no *swing* com papel e caneta ou gravador sem levantar protestos e impedimentos, o procedimento consistiu do que se segue. Fora o consentimento prévio do responsável pela organização do *swing*, cada participante só foi informado da existência da pesquisa quando da interpelação, momento em que concedeu ou não sua permissão, após receber a garantia de que nome e dados que pudessem identificá-lo seriam fictícios. A observação e as falas foram reconstruídas por reminiscência logo após o campo. Acredita-se que o agendamento de entrevistas fora do ambiente para a tomada de nota simultânea ou uso de gravador não teria a mesma eficácia de uma “conversa” *in loco* simultânea à observação, o que se mostrou verdadeiro. As expressões corporais e o contexto em que se davam os discursos, enunciados, falas, interpelações, interações se mostraram imprescindíveis para esta pesquisa.

A preferência por observação e anotação de acordo com a memória recente das conversas realizadas no contexto do próprio *swing* ajudou a criar um *corpus* de dados mais espontâneos do que aqueles que seriam gerados durante entrevistas formais em outros espaços, nas quais se ouvem explicações e reflexões mais elaboradas do *swing*, aquelas que frequentemente servem como uma sustentação idealizada da realização da prática, mas distanciadas dela e mais sujeitas a um enquadramento num padrão moral de justificativas “corretas”.

O espaço de observação não ficou totalmente restrito às casas ou reuniões de *swing* e incluiu algumas observações em outros contextos. Algumas das pessoas que conheci ou fiz amizade em outros espaços no decorrer desses anos, ao saberem da pesquisa, revelavam-se *swingers* ou terem participado alguma vez, compartilhando suas experiências. Apesar dessas observações não terem sido feitas *in loco*, foram privilegiadas pela intimidade, no sentido do acesso a outras dimensões da realidade envolvida. Também, a partir do conhecimento travado no próprio *swing*, se mostrou importante aceitar alguns dos convites. Um almoço com um *swinger* e um barzinho com outro deles, por exemplo, revelaram que um grupo coeso e antigo, do qual faziam parte e que parecia ser formado por grandes amigos, não tinha qualquer relação fora do *swing* e nunca se encontrava para outros propósitos. Também as mulheres que acompanhavam esse grupo na casa de *swing* e pareciam fazer parte dele, demonstrando intimidade e antiguidade na relação, não eram convidadas para as viagens destinadas a

frequentar *swings* em outras cidades. A partir desses dados e da observação de campo foi possível reconhecer nesse grupo uma fratria, questão que será explorada mais adiante.

Após esclarecimento de que se tratava de uma pesquisa, o tom foi de conversa e não de uma entrevista estruturada, mas, na medida do possível, algumas questões subjaziam ou direcionavam a conversa – por exemplo, “como você começou a fazer *swing*?”, “o que você pensa do *swing*?”, “que papel o *swing* teve na sua relação?”. E para os comprometidos desacompanhados de seus parceiros: “você traria seu marido (esposa) ou namorado(a) para o *swing*?”. Em caso de respostas do tipo “minha esposa jamais aceitaria”, eram indagados: “mas se aceitasse, você traria?”; e para os solteiros: “se você fosse casado(a), ou se estivesse namorando, você a(o) traria para o *swing*?”. Também, quando possível, foram inseridas perguntas para entender mais a realidade do pesquisado, como, por exemplo, sobre sua religião, profissão, escolaridade, alargando a conversa para outros campos em busca de indicativos do seu pertencimento de classe, étnico, racial e do seu posicionamento político e universo moral.

Sobre o espaço de realização do *swing*, as perguntas que balizaram sua observação compreenderam algumas questões como: qual é o funcionamento ou perfil da casa? Ela segue padrões internacionais? Quais são as condutas, dinâmicas, discursos, convenções tácitas, improvisos? Quem a frequenta? Para isso, a observação buscou ser atenta, na medida do possível e sem pretensão estatística, à composição de gênero, raça, faixa etária, classe social, etc. dos participantes e fazer uma descrição detalhada dos espaços e tempos do *swing*.

1.9 PRÓXIMOS PASSOS

No próximo capítulo falarei, na primeira parte, da receptividade que tive em campo e das muitas dificuldades encontradas que pareceram em grande medida próprias desse objeto específico de estudo que é o *swing* ou de outros afins, nos quais se misturam segredo e exposição, intimidade e publicidade, militância e mercado. Também apresento as saídas que foram se delineando ou expedientes que foram tomados para viabilizar o trabalho. A partir dessas considerações, faço uma apresentação da pesquisa de campo, esclarecendo, dessa forma, o motivo de ela não ter sido anunciada desde a introdução.

Em um segundo momento, em *Arquitetura do amor*²², introduzo a espacialidade de cada casa de *swing* pesquisada. Por se tratar do primeiro contato com uma casa de *swing*, no texto ou para alguns leitores, dou destaque a cada um dos espaços padronizados na descrição da primeira casa. As outras três casas são apresentadas com a ajuda dos seus “receptionistas anfitriões”, que já oferecem indícios dos significados construídos em torno da prática.

E por último nesse capítulo, em *Casa do espetáculo*²³, descrevo os *shows* oferecidos pelas casas, mostrando como a interação promovida com o público favorece a compreensão desses espaços. Também apresento as *Dinâmicas de grupo*, que correspondem a trocas, brincadeiras ou jogos, mais ou menos eficazes, criados pelos participantes e, por vezes, auxiliados pelos equipamentos da casa, para propiciar as *performances* e as trocas no *swing*.

No capítulo 3, *Em nome do casamento*, é que ficam mais evidentes os pontos de convergência e divergência entre o discurso militante e os relatos espontâneos dos praticantes, que são numerosos nesse capítulo. Sobressaem as contradições e o *swing* como reflexo da sociedade que os *swingers* criticam, mas aparecem também alguns casos ou indícios de transcendência. Na primeira parte se firma o argumento principal e geral do capítulo de que o *swing* não se contrapõe ao casamento e nem mesmo à monogamia, com destaque para a questão de gênero, mostrando como o *swing*, enquanto meio de valorização do casamento, reproduz a desigualdade de gênero e suas violências. As subjetividades, emoções e sentimentos envolvidos na valorização do cônjuge através do *swing* também são ressaltados.

Em *Amizades e fratrias*, podemos ter uma noção do grande investimento afetivo que muitos fazem no *swing*, mas também do grau por vezes idealizado e pouco efetivo dos laços

²² Como paródia ao título do documentário sueco, “Arquitetura da Destruição” (1992), de Peter Cohen, que discute como a arquitetura nazista, mesmo com toda sua mediocridade estética, oferece um ótimo meio para compreender sua capacidade de persuasão e racionalização do genocídio. Não que eu pretenda sugerir qualquer comparação entre *swing* e nazismo, e sim pelo paralelo entre os tipos de análise construídas a partir da arquitetura. Outra referência para este tipo de análise está em Sennett (1988) e no conceito de Marc Augé (1994) de “não-lugares”.

²³ Aproveitando o ensejo do item anterior, *Casa do espetáculo* também faz referência a um documentário, “Sociedade do Espetáculo” (1973). Trata-se de um comentário da obra de mesmo título do pensador francês Guy Debord, que também dirige o filme. Na sociedade do espetáculo, as relações sociais são intermediadas por imagens, o fetichismo da mercadoria é levado ao extremo, existe uma obsessão em representar a aventura e a felicidade, espetáculo e realidade têm limites indefinidos ou valores invertidos e essas imagens constantemente produzidas formam uma superfície esmagadora sobre indivíduos/consumidores infelizes, solitários, anônimos. (Debord, 1973)

criados nesse espaço, além da presença de familiares, fora os casais, o que chama atenção para a reprodução de velhas práticas, tais como a formação de fraternias. A observação de campo sobre esta questão vem com poucos “cortes”, mostrando como, apesar de não favorecer uma análise organizada, já que são trazidos elementos que não se referem diretamente a esta abordagem, esse estilo oferece uma imagem muito mais vívida das ambiguidades constitutivas do *swing*.

Em *Aqui não é o “clube de compras Dallas”*²⁴, elementos que já se delineavam no texto ganham força, mostrando como a contradição que permeia o *swing* no que diz respeito à participação de homossexuais, marcada por ausência e presença e, principalmente, abertura e recusa, é parte de uma mesma disposição heteronormativa que, mais uma vez, favorece a manutenção dos casamentos heterossexuais.

Homens que sofrem de impotência sexual veem no *swing* uma possibilidade de salvar não só o casamento, mas, em alguns casos, a própria virilidade masculina, em *Impotência remediada*. Por fazer da sua mulher um falo que circula, ou tomar emprestado o falo de outro, o homem no *swing* não precisa assumir ou se confrontar com sua impotência²⁵.

A recusa discursiva e a presença considerável de prostitutas e ex-prostitutas no *swing* também dizem muito sobre a prática, em *Fronteiras entre prostituição e swing*, e como redundam, mais uma vez, na valorização do casamento tradicional e na troca de mulheres.

Em *Legitimidade conjugal*, outras mulheres que também não podem “ascender” ao papel de legítimas esposas acompanham seus parceiros no *swing*, por se considerarem sem melhores opções.

Também para pensar as ambiguidades do consentimento e da vontade da mulher em participar do *swing*, *Quebrando o pé da cama e desilusão* fala das emoções que, muitas vezes,

²⁴ Em analogia ao filme de Jean-Marc Vallée, “Clube de compras Dallas” (2013), em que o machão e homofóbico Ron (Matthew McConaughey), aos poucos e forçosamente, se sensibiliza com a condição homossexual por conta da própria discriminação sofrida ao ter sua identidade colada à dos homossexuais quando é diagnosticado soro positivo, na década de 1980, no Texas, Estados Unidos. Já os *swingers*, como veremos nesse item, apesar de também estigmatizados, não parecem estar de fato sensibilizados com a discriminação sofrida por homossexuais, daí o título.

²⁵ Apesar de concordar que “a mulher é o falo, enquanto o homem tem o falo”, Segato (2003:97-103) chama atenção para o fato de essa assertiva lacanianiana não reconhecer a usurpação por trás de toda posse e poder.

acompanham a excitação sexual feminina no *swing*. Numa mistura de raiva, desilusão, resignação e revanche, a liberação sexual feminina pode ocorrer sim, mas por motivos bem diferentes dos idealizados no *swing*²⁶.

Em *Identidades* são apresentadas as ambiguidades de imagens projetadas dentro e fora do *swing* sobre os participantes que tornam suas identidades ao mesmo tempo dicotômicas e fluidas, ora mulher casadoira, ora “vagabunda”, *swinger* e não-*swinger*, portadores de um segredo e de um traço distintivo, revolucionários e amantes da ordem.

No capítulo de conclusão, *Que gênero faz o swing?*, num primeiro momento, como já mencionado ao final do marco teórico, articulo as teorias e conceitos de Foucault (1988), Sennett (1988) e Segato (2003, 2005) com inquietações ou conclusões sobre o *swing*. Essa articulação também conta com o auxílio da perspectiva de Bourdieu (2010) sobre a historicidade da dominação masculina e com o de Lia Zanotta Machado (2000) discutindo o termo “patriarcado”, além de trazer Adriana Piscitelli (2006, 2009) para ajudar a levantar questionamentos em relação às fronteiras entre sujeição e subversão e entre mercado e desejo.

A seguir, em *Por que troca de mulheres?*, após apresentar e recapitular dados etnográficos de mulheres sendo negociadas no *swing*, me utilizo do *Tráfico de Mulheres*, de Rubin (1975) – que oferece uma leitura feminista da proibição do incesto de Lévi-Strauss e da crise edípica de Freud – para pensar a troca de mulheres no *swing*. Em *Como o gênero que faz o swing é determinante em sua pesquisa?*, avalio criticamente o presente trabalho, justificando os caminhos tomados a partir da relação entre a singularidade do campo e a perspectiva de gênero escolhida, assim como as diferenças em relação às outras pesquisas sobre *swing* no Brasil, no que se refere aos aspectos das mesmas que foram apresentados na introdução. Também é a partir do gênero no *swing* que justifico o distanciamento da minha forma de pensar a “estratificação sexual” em relação à concebida por Rubin (1993) em seu artigo “Pensando o sexo”.

²⁶ Uma referência importante no debate sobre a relação entre prazer e violência na sexualidade feminina é Carole Vance (1989:9): “La sexualidad es, a la vez, un terreno de constreñimiento, de represión y peligro, y un terreno de exploración, placer y actuación. Centrarse sólo en el placer y la gratificación deja a un lado la estructura patriarcal en la que actúan las mujeres; sin embargo hablar solo de la violencia y la opresión sexual deja de lado la experiencia de las mujeres en el terreno de la actuación y la elección sexual y aumenta, sin pretenderlo, el terror, el desamparo sexual con el que viven las mujeres”.

2 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE SWING

Denil acredita que o swing reforça o amor. Cada relação sexual fora do casamento ou do namoro faz com que a pessoa valorize mais seu companheiro. Mesmo na hipótese de que o sexo com o outro venha a ser melhor, o swing faz crescer a certeza do amor porque é com o cônjuge que se tem sentimento, que se tem algo a mais que sexo. Na relação monogâmica, o casal acaba esquecendo a razão pela qual estão juntos. Denil conta que quando era pastor, costumava dizer às suas ovelhas que, numa crise de casamento, os cônjuges precisam parar para lembrar o que os levou a se amarem, o que atraiu cada um, porque assim se dão conta que ainda estão com a mesma pessoa pela qual se apaixonaram (Denil, swing particular, 2006).

2.1 A RECEPTIVIDADE AO TRABALHO DE CAMPO, SEUS PERCALÇOS E SOLUÇÕES ENCONTRADAS

Defrontados com uma pesquisadora, os *swingers* tiveram, no geral, grande interesse em divulgar sua prática, desde contar sua trajetória pessoal no *swing* e as benesses trazidas por ele em suas vidas como também conceituar, fazer abstrações e generalizações a respeito, e enunciar uma ideologia. Alguns que se negaram ou se mostraram mais reticentes no diálogo, o foram, no geral, pelos mesmos motivos: normalmente para defender uma causa que lhes parece ameaçada. Crendo-se portadores de uma contracultura, eles são seus defensores, ora como porta-vozes, ora como guardiães.

Em uma das casas, tudo estava transcorrendo como de costume – a pesquisa estava sendo muito bem acolhida por todos, por clientes (antigos e recentes) e funcionários, e embora tenha recebido a provocação de um cliente, segundo o qual, eu estaria usando a pesquisa como pretexto para satisfazer minha curiosidade pessoal, nada representava qualquer empecilho à pesquisa –, até que uma funcionária do estabelecimento, influente no meio, implicou com minha presença.

Já haviam me confirmado por telefone que haveria uma pessoa responsável pelo local; assim que cheguei lá, perguntei por ela, e então me disseram que se tratava da proprietária e

que ela ainda não havia chegado, mas que eu não precisaria esperar por ela. Indicaram, de prontidão, outra pessoa responsável²⁷, a quem falei dos meus propósitos em visita ao local. A casa ainda estava bem vazia, conversamos, a esclareci sobre a metodologia, o anonimato, o consentimento e andamento da pesquisa, e seguimos juntas para que eu me apresentasse aos demais funcionários. Todos foram solícitos e voltei para me apresentar como pesquisadora também ao pessoal da recepção.

A recepcionista, muito hospitaleira e entusiasmada, falava de mim e da minha pesquisa para as pessoas que chegavam, e me colocou na linha com um amigo seu da área de Saúde, cuja pesquisa incluía *swing*. O rapaz era simpático e falante. Ele não estava me deixando desligar e eu não podia me afastar para falar mais reservadamente com o aparelho celular de alguém que acabara de conhecer. Uma moça já olhava desconfiada. Absorta, buscando desajeitadamente uma saída para meu impasse, não tive reação quando uma barata passou pelos nossos pés. A tal moça saiu aos pulos e gritos e, com minha indiferença, parece ter se antipatizado de vez comigo.

Quando desliguei, fui procurá-la para tentar desfazer a má impressão e lhe falar sobre o meu trabalho. Ela já estava de opinião formada a meu respeito. Como funcionária e conhecedora da casa, acreditava que os clientes, muitas vezes pessoas públicas, ficariam constrangidos com a pesquisa, e citou algumas funções prestigiosas desempenhadas por eles, todas no masculino. Contei que a minha experiência até então estava sendo o contrário, os *swingers* gostavam de participar do campo e confiavam no anonimato. Acrescentei que, além do mais, cada um tinha o direito de não consentir e ficar de fora da pesquisa²⁸.

O seu tom não era de quem estivesse impedindo ou de alguém que se sentisse no direito de impedir a etnografia, apenas expressava firmemente sua opinião. Todavia, como a proprietária estava ausente, tive um mau pressentimento. O resto da noite transcorreu muito bem, com forte adesão do público à pesquisa, e a proprietária acabou não comparecendo.

²⁷ Entretanto, mais tarde, isso não se confirmou, apesar de ter sido indicada como responsável e ter acolhido a pesquisa, ela não tinha esse poder de decisão, como será explicitado abaixo.

²⁸ Quanto à desconfiança ou precaução que ela tinha em relação à realidade do *swing* ser deturpada na pesquisa, eu lhe assegurei que o resultado da pesquisa era um arquivo público e, dessa forma, os envolvidos que assim desejassem poderiam ler e usar seus canais para fazer críticas. Esse acabou sendo um argumento contra, ela disse: “pior ainda se todo mundo pode ler”.

Em poucos dias, eu estava de volta, e a proprietária, que estava no *hall*, me expulsou, mal me apresentei, e não me deixou falar sobre a pesquisa. Cheguei a mostrar a carta de apresentação da universidade e tentei, em vão, argumentar. Como era uma matinê, as pessoas do *hall* de entrada e da rua pediam desculpas por ela, diziam que tinha humor instável e que logo mudaria de ideia, e colaboraram com a pesquisa do lado de fora mesmo.

Um casal que ajudava no controle da entrada, me vendo pela primeira vez e acatando com uma versão singular a decisão da proprietária, dizia que eu tinha que entender que aquele não era o melhor dia ou local para entrevistas. O marido, segundo ele mesmo, sabia tudo a respeito do *swing*, tudo o que eu queria saber em relação à troca de casais, ele sabia, e estava escrevendo um livro sobre o tema, e que ele era a melhor pessoa para dar uma entrevista, embora estivesse muito ocupado naquele momento, e que melhor seria agendarmos um encontro numa outra ocasião. Não insisti para entrar, muito menos para entrevistá-lo, mas ele, volta e meia, vinha me dizer que ele era a melhor pessoa, a mais indicada, mas não ali, e que deveríamos marcar um horário e que eu levasse um gravador. Eu já havia explicado que esse não era o propósito ou método da pesquisa, mas ele queria dar a versão oficial, versão facilmente encontrada em *sites* especializados ou reportagens sobre a prática. Chegou a me interromper numa interação com um casal que colaborava para dizer aos dois: “ela pesquisa *swing*, ela gostaria de saber...” e deu sua versão da pesquisa, elaborando o que supostamente eram as minhas questões e que, provavelmente, eram as do seu livro.

Não entrei, e vez por outra a proprietária vinha me escorraçar da entrada, e depois dizia que podia ficar e até entrar como cliente, só não podia fazer “entrevistas”. Nas outras tentativas por telefone ela foi de difícil diálogo e nem mesmo justificava sua recusa. Somente mediante a minha insistência, ela repetia a ideia de sua funcionária de que os clientes não aceitariam uma pesquisadora na casa, entretanto eu poderia ir como cliente. Assim, ela dava a entender, apesar de seu tom ríspido e de deixar, por vezes, a ligação “cair”, que ela não se sentia no direito de me proibir de frequentar a casa. E ao mesmo tempo, parecia deixar subentendido que eu poderia fazer a pesquisa, mas sem contar com sua anuência, de forma que ela não pudesse ser responsabilizada, ou mesmo que ela estava dando um consentimento tácito, contanto que eu não espantasse seus clientes dizendo ser uma pesquisadora e fizesse meu trabalho em segredo. Tentei convencê-la, sem sucesso, a me dar uma chance, argumentando que até o momento minha pesquisa estava tendo boa receptividade e adesão, inclusive na casa dela.

Fui uma terceira vez com a esperança de encontrá-la nos seus referidos dias de bom humor; acreditava que, se tivesse oportunidade de me fazer ouvir, ela mudaria de ideia. Telefonei perguntando se poderia ir como cliente. Pela primeira vez ela foi muito simpática, mas, uma vez no local, virou a cara quando a cumprimentei. Os funcionários que haviam se mostrado interessados na pesquisa da primeira vez, depois mantiveram distância ou me lançavam um olhar de solidariedade, como que se desculpando por não poderem ir contra a decisão da proprietária, mesmo discordando dela. Ao perceber que eu estava sentada na mesa ao lado da que ele acabara de escolher, um cliente que havia colaborado muito da primeira vez reagiu de forma totalmente diferente. Com a cara amarrada, usava os mesmos argumentos da funcionária, logo ele que havia demonstrado ser muito independente em suas opiniões. Percebi que era hora de mudar. Aquele local, apesar de muito caro à pesquisa, tinha se esgotado para mim.

Em uma das tentativas de convencer a proprietária, ela, para se livrar do problema, havia sugerido outra casa. Desencorajada pelos últimos acontecimentos, fiz o primeiro contato com a tal casa por telefone mesmo e, surpreendentemente, o proprietário parecia já estar esperando pelo meu contato e com um discurso pronto e a mesma recusa. Eu argumentei que tanto ele quanto sua amiga, dona da outra casa, estavam enganados ao afirmar que os clientes não aceitariam minha pesquisa. Ele me indagou, se a pesquisa era tão bem aceita como eu afirmava, por que eu não tentava em outra casa e fez, por sua vez, uma sugestão.

Na minha primeira incursão no campo, em 2005, durante a primeira etapa, eu estava com uma amiga. Inicialmente ficamos observando o lugar, sem interagir, apenas sendo educadas com quem nos abordava e, somente depois de transcorridas algumas horas, comuniquei à proprietária que gostaria de ter uma conversa em particular. Eu falei do meu interesse em dar início a uma pesquisa sobre *swing*, mas era algo que ainda não estava totalmente decidido, nem para mim, nem com minha orientadora. Expliquei o tipo de método que eu utilizaria e de como preservaria a identidade das pessoas, caso fizesse a pesquisa, e perguntei o que ela achava da ideia. Ela me incentivou e abriu as portas da casa.

Resolvi repetir os passos dessa minha primeira incursão no *swing*, mesmo não sendo mais possível reproduzi-los totalmente, uma vez que agora a pesquisa já estava em andamento. De qualquer forma, com essa atitude, fui até a casa indicada. Primeiro me certifiquei por telefone se o responsável estaria presente. Eu estava com um amigo e fiquei sentindo os humores da casa e do proprietário, esperando o melhor momento para abordá-lo.

Quando já me preparava para lhe solicitar uma conversa em particular, a tal funcionária da outra casa, a “pedra no sapato” no trajeto da minha pesquisa, chegou com o marido e ficou de conversa justamente com ele. Foi o suficiente para eu desistir também desta casa e tentar outras paragens, sobre as quais ela não tivesse nenhum domínio.

Decidi usar meus contatos para que intercedessem por mim em outras casas. Havia vantagens de o pedido partir de alguém de dentro do próprio *swing*, mas também havia motivos para ter evitado essa estratégia até então. Ficou provado, nesse meio tempo de trabalho de campo, que terceiros, ao apresentarem a pesquisa da forma como a entendem, podem lançar, por vezes, expectativas equivocadas. E também porque essas pessoas, apesar da boa vontade, em alguns casos, não são necessariamente influentes, ou mesmo bem quistas no meio, podendo despertar desconfiança em relação ao trabalho. Outro motivo é que alguns tentam fazer disso uma moeda de troca, reduzindo a pesquisa à pesquisadora e esta a uma mulher para “colocar na roda”, ou ainda, porque esperam dela algum tipo de “recompensa” ao interceder pela pesquisa, como de fato havia ocorrido várias vezes com ajudas menores.

Demorou até que encontrasse pessoas com as quais não houvesse esses riscos. Mas, funcionou; fizeram por mim o primeiro contato e eu me encarreguei do resto. Para diminuir a possibilidade de outra recusa, em função dos custos envolvidos e por já ter um material razoável de campo, usei a estratégia sugerida por um dos casais de pedir somente um dia de pesquisa em cada casa contatada. Frisei com os proprietários que nessa etapa da pesquisa o objetivo era mais de observar a casa, os *shows* e as dinâmicas de funcionamento, que haveria poucas interações com os clientes, que nestes casos seriam evidentemente informados, da mesma forma como os funcionários estariam cientes. Conseguimos em três casas e, assim, dei por concluído o trabalho de campo.

Assim sendo, não fará parte desta pesquisa a descrição física da casa de *swing* cuja proprietária não concordou com a pesquisa; e não tomarão parte os *shows* e a dinâmica de funcionamento dessa casa em específico. Observações de campo que inevitavelmente fiz no que diz respeito à proprietária e sua funcionária também serão omitidas, salvo a referida recusa e suas circunstâncias. Entretanto, também será respeitado o desejo de todos os outros clientes e funcionários dessa casa com quem interagi e que participaram da pesquisa com ricas contribuições, por livre e espontânea vontade e, por vezes, com entusiasmo, mantendo na pesquisa suas observações e relatos. A mencionada terceira visita que fiz como cliente com o intuito de melhorar o diálogo com a proprietária e obter o seu consentimento não entra para a

pesquisa, uma vez que não houve brecha para tal. Também não tomarão parte na pesquisa as observações relativas à outra casa a que me referi acima e na qual não cheguei a me identificar ao proprietário, nem a fazer interações significativas²⁹.

Alguns aspectos importantes para uma pesquisa como esta, de um campo que está em plena constituição, não foram tratados diretamente ou aprofundados aqui, como, por exemplo, o vocabulário dos *swingers*; a história e o estado atual do *swing* no mundo, no Brasil, nos locais específicos onde pesquisei e na Internet; o papel das redes sociais no *swing*; estatísticas ou números referentes à quantidade de casas, praticantes e sua distribuição no espaço ou o cruzamento com outros dados como classe social, posicionamento político, religião, etc.; o tipo de relação que o *swing* estabelece com outros produtos do mercado de bens sexuais e outras práticas, como a pornografia e o sadomasoquismo; ou uma análise do *swing* no Brasil usando perspectivas teóricas sobre sexualidades brasileiras. Apesar de terem servido em alguma medida como subsídios para esta pesquisa, esses temas não receberam igual atenção talvez porque as questões sobre as quais me debrucei já sejam de uma densidade considerável e porque esses outros aspectos não me mobilizam da mesma forma, ficando aos mais habilitados. Além do mais, em muitos casos não havia dados fiáveis ou suficientemente disponíveis, e seria pura especulação me ocupar deles. Produzir os próprios dados pode ser tão trabalhoso a ponto de chegar a se constituir numa pesquisa à parte. Um exemplo disso é a dissertação de Silva (2011), cujo mapeamento do *swing* no quadro do turismo sexual na cidade de São Paulo parece não ter deixado praticamente nenhum espaço para a análise ou considerações teóricas. Já outros aspectos que inicialmente eu pretendia articular na pesquisa, como amor, desejo, amor romântico e também um diálogo com conceitos psicanalíticos (pelos próprios autores e não através de cientistas sociais), de fato eram parte dos interesses centrais, mas por sua complexidade e pela necessidade de delimitação das polêmicas, que já eram muitas, tiveram que ser renunciados.

No decorrer da pesquisa foi ficando claro que seria difícil preservar a identidade das pessoas e das casas com a mera troca de nomes, uma vez que se trata de um universo restrito, de forte circulação interna, mesmo que numeroso, em que a identificação, principalmente

²⁹ Refiro-me ao uso explícito ou minucioso desse material, porque evidentemente toda e qualquer observação ajudou na construção ou compreensão do *swing*, e a mera menção a esses espaços, pessoas e recusas se manterá presente ao pensar as outras casas.

entre os pares, pode ser fácil. Nem todos estão preocupados em fazer disso um segredo, e alguns até gostariam de ter suas identidades reveladas, entretanto, seria complicado ou mesmo inviável dar tratamento diferenciado aos dados, ora revelando-as, ora ocultando-as. Ao revelar uma identidade, a de outras pessoas adjacentes ficaria facilmente reconhecível. E uma coisa é ter seu nome ligado a um ativismo ou discurso oficial sobre o *swing*, outra é vê-lo associado a falas ou comportamentos contraditórios com o mesmo, como ocorreu com frequência nesta pesquisa.

Isso sem mencionar tantas outras dificuldades que podem ser antevistas para um tratamento diferenciado dos dados. E com a referida negativa de uma profissional e da proprietária de uma das casas, negativa não compartilhada por seus frequentadores e outros funcionários que permitiram a pesquisa, ficou ainda mais patente a necessidade de tornar mais abstrata possível a identidade das pessoas e casas envolvidas, e de dados que pudessem identificá-las.

Dessa forma, mesmo perdendo informações, especificidades e correlações valiosas que poderiam ser traçadas por mim ou pelo leitor, essa opção pela máxima abstração foi pelos motivos acima explicitados e não por ter a pretensão de traçar generalizações, como se o *swing* ou os *swingers* fossem sempre os mesmos, independente do local. Isto posto, e levando em conta o número reduzido de casas de *swing* na maioria das cidades brasileiras, nem mesmo as cidades nas quais essas casas de *swing* se encontram serão mencionadas. Trata-se de quatro casas de *swing* e um *swing* particular observados em duas regiões metropolitanas brasileiras, que serão chamadas de *Alfazema* e *Solaris*. Apesar de a casa localizada em *Oitivas* (também fictício) não entrar, por falta de consentimento da proprietária e da funcionária influente, entram vários dados relativos às pessoas que estavam lá e foram de opinião diferente, e que deliberadamente quiseram colaborar com a pesquisa.

Alguns dados são de encontros marcados ou casuais com *swingers* em outros ambientes, como bar, restaurante, ônibus ou conversas por telefone, e também de amizades tecidas em outros contextos com pessoas que depois se revelaram *swingers* quando souberam da pesquisa. Além das buscas realizadas na Internet de material que circula sobre o tema na imprensa e em *sites* e *blogs* de casas de *swing* espalhadas pelo Brasil – que não se deram de forma sistematizada, mas contribuíram para a pesquisa.

Para a troca dos nomes dos pesquisados, procedi a um sorteio aleatório numa lista de nomes próprios, e o nome do cônjuge ou companheiro foi escolhido com a mesma inicial para reforçar seu caráter fictício. A lista usada foi a de nomes oficialmente autorizados em Portugal³⁰. A escolha desta lista se deu por sua disponibilidade na Internet, para evitar nomes que possam ter alguma carga semântica ou de difícil pronúncia em português, e porque oferecem uma relativa distância dos nomes mais comuns no Brasil³¹, descartando possíveis coincidências. Como algumas pessoas me forneceram codinomes que usam para o *swing* e outras forneceram seus nomes verdadeiros, qualquer identificação dos nomes utilizados aqui com seus nomes verdadeiros ou codinomes trata-se de mero acaso.

Usando um *site* de busca para descartar nomes de casas de *swing* já existentes (buscas pelo Google em outubro de 2014, testando os nomes aventados com as palavras *swing*, *casais* e *sexo*), e evitando aqueles mais prováveis de virem a se constituir como tal e também os pejorativos ou elogiosos, escolhi nomes ambíguos ou inusitados, são eles *Alhures Swing*, *Mirar Swing*, *Amostra Swing*, *Tatame Swing*³² e o já mencionado acima *Oitivas Swing*, e depois procedi a um sorteio aleatório para dar um nome a cada casa. O *swing* particular será designado tão somente por *swing particular* ou *privativo*.

São sete saídas de campo em Alfazema entre 2005 e 2007, sendo seis na casa Alhures e uma em um *swing* particular. Em 2014 são vários dados de colaboradores em Oitivas, nas condições já explicitadas acima e três observações de campo em Solaris nas casas *Mirar Swing*, *Amostra Swing* e *Tatame Swing*.

O procedimento utilizado em campo, o que eu esclarecia aos participantes que eu interpelava ou que me interpelavam, e a forma como reconstituía falas e acontecimentos já foram mencionados na introdução.

³⁰ “Lista de nomes admitidos” do Instituto dos Registos e Notariado do Ministério da Justiça de Portugal, disponível em http://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/ (Acesso em: 09/07/2015).

³¹ E mesmo, no geral, uma distância dos nomes mais comuns usados em Portugal, uma vez que a lista traz nomes que tiveram algum motivo para serem submetidos à decisão judicial sobre sua “normalidade” ou aceitabilidade.

³² Apesar do nome “*Tatame Swing*” parecer pejorativo, ele apenas dá margem à ambiguidade, e foi escolhido porque o tatame (ou cama tatame) é um dos equipamentos das casas de *swing*, como veremos adiante.

Houve outras dificuldades com a pesquisa que, entretanto, acabaram se tornando, de alguma forma, ou indiretamente, parte importante ou constitutiva dela: namorados que desconfiavam da minha fidelidade por pesquisar ou ter pesquisado *swing*; falsos candidatos a namoro ou amizade que só estavam interessados no meu objeto de pesquisa; amigas, conhecidas, esposas de amigos que, vez por outra, demonstraram ver em mim uma ameaça aos seus relacionamentos por ter o *swing* como objeto de pesquisa; muita luta para obter dispensa, que acabaram concedendo, pois o edital não fazia restrições quanto ao tema, e eu cumpria com todos os seus quesitos; alguns intelectuais do gênero masculino que foram até simpáticos ao tema escolhido, mas se tornaram hostis ao ler o projeto, provavelmente em função de suas teorias ou implicações feministas.

Na primeira fase da pesquisa aceitava mais os riscos de ir acompanhada de homens. No geral, eram desconhecidos que precisavam de uma parceira para entrar no *swing* em noites restritas a casais ou simplesmente com o intuito de pagar o valor do ingresso de casal, muito inferior ao de homem solteiro. Eles ficavam zangados com minha recusa em participar, mesmo tendo sido avisados de antemão dos meus objetivos, e eu acabava, muitas vezes, tendo que voltar de carona com outras pessoas, e passando, muitas vezes, pelas mesmas dificuldades. Curiosamente, o dia mais cansativo foi na companhia de uma mulher que quis me ajudar na pesquisa e conhecer o *swing*. Depois que o movimento na casa já estava acabando, ela me disse que ficaria constrangida se eu a acompanhasse na parte escura, então me pediu que aguardasse no salão. Entrou num quarto com os últimos remanescentes e lá permaneceu por horas, enquanto eu esperava sem ter o que observar ou sem ter com quem interagir, até o raiar do dia, quando ela ressurgiu.

Isso foi entre 2005 e 2007. A segunda parte da pesquisa, em 2014, foi mais tranquila neste sentido. Agora eu podia bancar os meus gastos e mesmo ajudar a custear as despesas de amigos de minha inteira confiança que fizeram a gentileza de me acompanhar em algumas incursões. De qualquer forma, esses gastos consideráveis se constituíram em um dos motivos, não o mais importante, para poucas saídas de campo.

Apesar de o respeito à vontade alheia ser maior no *swing*, ao menos de acordo com seus princípios, e de a insistência, no geral, ser diferente da sedução e do assédio corriqueiro, passei por algumas situações desagradáveis. Muitas vezes, a música era alta de doer os tímpanos e só era possível escutar os entrevistados ao pé do ouvido, e isso acabava

ocasionando constrangimentos perante alguns participantes difíceis no trato, que se tornavam ainda mais inconvenientes diante desta proximidade física.

Houve uma tentativa de estupro, quando fui fazer a pesquisa com os funcionários da Alhures *Swing*. Diferente dos procedimentos usados no decorrer de toda pesquisa, nesse dia, solicitei a cada empregado um minuto de seu tempo e, quando sua função permitia, nos isolávamos em algum canto mais quieto para eu tomar anotações simultâneas às conversas. O novo funcionário que a casa ganhou na figura de animador, diante da dificuldade de achar paz para nossa conversa, me sugeriu um quarto. Ele passou a chave, mas não vi problema algum naquilo, acreditando que fosse apenas para manter a privacidade no isolamento. Também por ele ser *stripper* e constantemente assediado, eu não esperava uma ameaça. Uma profissional do sexo, levada como acompanhante e com quem conversei nessa mesma casa, havia comentado o seu fastio com o sexo dizendo que “pesadelo de puta é pinto”. Inclusive era também de fastio o olhar de cumplicidade que ele lançou para mim enquanto me chamava para o quarto sugerindo que as pessoas que estavam ao redor não nos deixavam “conversar em paz”. Entretanto, ele foi se irritando, à medida que se dava conta: a pesquisa não era uma desculpa para assediá-lo e eu não o considerava irresistível. Chegou a me imobilizar, mas desistiu quando o alertei para os riscos de que, naquelas circunstâncias, ele não tinha muito como escapar, poderia perder o emprego e ser preso, e assim saí ilesa.

Explicitadas as dificuldades – o que pode ser de alguma utilidade para o pesquisador que deseja se aventurar nesse campo ou num debate metodológico sobre o mesmo –, e uma vez nomeadas as casas, parto agora para pensar os espaços de sociabilidade *swing* através da descrição detalhada do espaço arquitetônico, além de convidar o leitor a se ambientar nas casas de *swing* pesquisadas.

2.2 ARQUITETURA DO AMOR

2.2.1 Alhures *Swing*

Eu e minha amiga percorríamos a estrada numa noite arejada e estrelada, as luzes da cidade ao longe. Poderíamos estar a caminho de um luau ou de um acampamento, mas

estávamos no fusca de dois rapazes conhecidos numa sala de bate-papo que, levados pela curiosidade, se predispuseram a acompanhar essas moças, ditas pesquisadoras, ao *swing*.

Na amplitude verde da estrada, um condomínio aqui e outro ali, espaçados. Em meio à paz e espaço abundantes, pessoas de condições sociais diferentes se avizinham nesse tipo de região rural onde todos parecem, mesmo que ilusoriamente, poder desfrutar da mesma tranquilidade. Crianças aproveitavam as últimas horas de brincadeira num quintal delimitado por uma cerca de arame, ao lado de uma casa murada em seus quatro cantos. Por trás desses muros altos e portaria com segurança uniformizado, estava bem guardada uma boa casa de dois andares, estacionamento, área verde, piscina e varanda, a Alhures *Swing*.

Se não for uma noite muito agitada ou se for só início de noite, nada denota que estamos entrando numa casa de *swing*. Na entrada, um bar, pessoas sentadas, totalmente vestidas, conversando, às vezes com formalidade excessiva, um ou outro dançando. É como se estivéssemos num ambiente familiar, mas de uma família alheia, daquela festa na casa do conhecido de um amigo, à qual nos arriscamos num dia solitário, sem saber o que nos espera, só com poucos indícios. No espaço do bar, mesmo quando mais animado, no máximo podemos ver um *striptease* espontâneo de alguma cliente³³ ou pessoas mais sensuais na forma de falar e dançar, mas, raramente, atividade sexual. É um bom espaço para aqueles que não têm certeza se querem participar, ou que ainda estão se ambientando.

Os praticantes de *swing* comentam e os mais “viajados” confirmam que as casas de *swing* do mundo inteiro costumam ter características em comum na sua arquitetura, como salão com *pole dance*, labirinto, cinema, quarto aquário, cama ou quarto tatame, cabines, além de cabines ou salas *glory hole*³⁴, entre outros.

A Alhures não possuía cabines nem quarto aquário ou tatame, ao menos designados dessa forma, pois vários quartos lembravam esses tipos. Entretanto, eles serão apresentados na descrição das próximas casas. Talvez, na época, a padronização fosse menos generalizada, ainda não tivesse incorporado esses elementos ou eles já existiam, mas o vocabulário *swing* é que não estava tão padronizado. Com o tempo, as falas e anúncios foram tomados por

³³ Nem tão somente clientes e nem tão espontâneos, muitas vezes essas mulheres estão comprometidas com o sucesso da noite, seja pela participação nos lucros ou pelo cachê, seja por seu engajamento ideológico no *swing*.

³⁴ O termo será explicado logo adiante.

palavras e expressões *swing*, principalmente em inglês, algumas emprestadas de outros circuitos, como *dark room*, *american bar*, além das que designam ocupações, a exemplo de *DJ's*, *gogos* e *promoters*, e práticas como *gang bang* e *body shot*³⁵.

O labirinto da Alhures é um ambiente sombrio e apertado, com corredores, pequenas salas e estofados em cima de alvenarias. As paredes são escuras e irregulares, com buracos³⁶ por onde se pode enfiar o braço e sentir quem está do outro lado, além de outras possibilidades. As luzes são fracas e coloridas. Tem sala de luz azul, luz vermelha e luz negra. Ao final do labirinto há uma sala principal, também apertada, onde o estofado é central e exatamente do tamanho necessário para uma pessoa ficar de quatro. Ali costuma haver *gang bang*, em que uma mulher faz sexo com vários homens, ou há apenas um casal, enquanto os outros ao redor tentam interagir ou ficam apenas observando.

No outro piso, uma pequena área parece querer se constituir num espaço de ambientação, agora já num grau mais elevado da escala de ambientação. Trata-se do cinema, onde uma televisão exhibe constantemente filmes pornô. Entretanto, esse espaço na Alhures não costuma ser ocupado, serve mais como área de circulação entre os cômodos, e seria, neste caso específico, melhor designado como *hall* do pornô.

Uma grande sala sem porta possui um banco que percorre todas as paredes. A cena mais comum, quando esse ambiente lota, é de homens sentados e mulheres ajoelhadas, fazendo sexo oral. Por ser aberto, ali o clima é tenso, afinal nunca se sabe quais são as trocas permitidas. É comum um homem ter sua mão afastada ao tentar acariciar uma mulher, por ela própria ou por seu parceiro.

A casa dispõe de um quarto completamente convencional, ou “quarto privativo”, com uma cama de casal, porta com chaves e sem visores. Por vezes entra só um casal e se tranca. Também acontece de o casal ficar à disposição somente dos olhares nos quartos com visores.

³⁵ São circuitos como boates, boates *gays* e pornografia. *Dark room*: sala escura. *American bar*: bar com balcão de bancos altos e *barman* preparando e servindo *drinks*. *DJ's*: disc-jóqueis ou discotecários. *Gogos* ou *gogo boys*: dançarinos conhecidos por uma compleição física e coreografias sensuais muito específicas. *Promoters*: responsáveis pela organização ou promoção de festas e eventos. *Gang bang*: uma mulher fazendo sexo com vários homens ao mesmo tempo. *Body shot*: tomar uma dose de bebida nas curvas do corpo de alguém, geralmente no umbigo de uma mulher. No caso de tequila, por exemplo, um limão é colocado na boca e o sal próximo ao umbigo.

³⁶ Com o tempo, esses buracos passaram a ser conhecidos mais pelo nome norte-americano, *glory hole*, e seu uso em cabines foi mais padronizado.

Na verdade, quase todos os quartos têm porta e chave, de forma que se pode escolher quem participa, e seu uso não se dá necessariamente de forma coletiva, pode se restringir a um ou poucos casais. Variam de tamanho, quantidade de camas e ausência ou não de visores.

Diferentemente das casas de Solaris, esta casa em Alfazema era bem sólida, paredes de tijolo. Somente um quarto era feito de paredes de compensado, mas com o propósito de parecer uma casinha de brinquedo. Na janela, uma cortina de tecido delicado; assim, os que ficavam no quarto podiam fechar as cortinas e os de fora podiam abri-las, mas costumavam respeitar ou só espiar.

Quando voltei a campo, depois de longo intervalo, esse quarto de casinha havia sido retirado. No início da pesquisa, a casa tinha um ar menos comercial, mais familiar. Com o tempo, o volume da música aumentou e não era mais possível conversar normalmente. Introduziram formas de controle no pagamento, mais empregados e a casa ganhou um animador profissional que também fazia *striptease*. O salão perdeu um tanto de sua discrição e o perfil dos frequentadores mudou um pouco, sendo que anteriormente era mais diversificado. Talvez aqueles que se garantiam mais em sua expressividade corporal não tenham sentido a mudança, mas quem era “bom de conversa” se viu em desvantagem. Entretanto, o número de frequentadores não caiu. Se, para alguns, o clima de boate e mais impessoal representa um problema, para outros é um atrativo, tanto que é muito comum se referir ao *swing* nos termos de “uma balada como qualquer outra, só que...” em seguida vem uma explicação do *swing* e a ressalva que só participa quem quiser, ou seja, é possível ficar só na “balada”³⁷.

³⁷ A reportagem “*Swing* universitário vira opção de balada na noite paulistana” fala da crescente participação de jovens que vão ao *swing* mais por curiosidade do que por vontade de experimentá-lo, e ressalta a jogada de *marketing* para transformar o *swing* numa “balada liberal” como fator importante na popularidade das casas [Folha de São Paulo, 31/10/2010, <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano>, acesso em 31/07/2015]. Existem exceções no uso do termo “balada” no *swing*, como numa casa que, apesar de também usar “balada” e “balada liberal” no sentido positivo usado por outras casas, em alguns anúncios em que pretendia ressaltar o lado ousado ou transgressivo de festas específicas, empregou o termo como algo não desejável (mas, repare que, nesses casos, evitou usar a palavra *swing*): “não é balada, não é festa exclusiva para casais, é uma festa para quem gosta de *ménage* e *gang bang* ao extremo” [www.privatebarclube.com.br, acesso em 31/07/2015].

2.2.2 Mirar *Swing*

Às 22h de uma sexta-feira, desci do ônibus numa avenida de em um bairro popular de Solaris. Eu havia esboçado um mapa, mas não estava “batendo”, e perambular por ruelas à procura da casa não parecia uma boa ideia. Para me informar, somente grupos de homens sentados em botecos. Eles não conheciam a tal rua e insistiam que eu especificasse o local. Acabei encontrando sem precisar dar mais detalhes. Era sem asfalto, escura e com buracos cobertos de água, mas a casa estava logo ali adiante. No portão, três funcionários faziam a segurança, não como “leões de chácara”, com uniformes pretos e posturas rígidas; um deles estava sentado displicentemente na cadeira, outro em pé, balançando os braços para trás e para frente, e o terceiro escorado de lado na parede, consultando seu celular, como rapazes do interior que se socializam na calçada.

Já na propriedade, duas mulheres faziam a primeira recepção com comandas, máquina de cartão de crédito, cadernos com listas dos nomes daqueles que obtiveram descontos antecipadamente e, talvez, balancetes e, quem sabe, fiados. Uma delas estava vestida de espartilho e calcinha *retrô* e, depois, na função de garçoneiro, dançava passando pelo salão, fazia graça, interagia e parecia ter amizade com os *habitués*, principalmente mulheres. Era uma mulher forte, simpática e eficiente, corpo fora do padrão, costas e braços largos, glúteos e quadris pequenos. A outra, mais senhoril, usando todas as peças do vestuário, controlava a entrada e a saída dos clientes, fazendo a cobrança das comandas.

Na casa, o *barman* esbanjou uma sensualidade convencional e, lançando um olhar oblíquo, providenciou minha bebida e chamou a anfitriã que me mostraria a casa. Ela também estava vestida a cabaré e, apesar da maquiagem carregada, a roupa era mais discreta, assim como sua atuação. Durante a noite esteve bem ausente de sua função de recepcionista, talvez desempenhasse outras funções nos bastidores. Ela me mostrou a casa, sem desprezo nem entusiasmo, sem acanhamento nem desenvoltura, apenas se desculpava pelo ar-condicionado desligado, e tentava ligar com o controle, sem sucesso, como quem apresenta a própria casa ou pousada, tendo o cuidado de mostrar que para os dias de calor abafado havia ar-condicionado, e isso sem carregar a fala, sem tentar “vender o peixe”.

Suas explicações de conteúdo sexual não eram pronunciadas em tom empresarial ou de *telemarketing*, mas nem por isso carregavam alguma sensualidade, malícia ou caras e bocas que, muitas vezes, acompanham esse tipo de fala. Ela apenas dizia “aqui é onde os casais ficam

se esquentando”, ao mostrar o cinema; “aqui não é permitido entrar à noite, mas, às vezes, entram para apagar o fogo”, apontando a piscina; e “aqui é para quem gosta de transar em pé, tem pessoas que gostam de transar em pé, que não gostam de ficar deitadas” ao mostrar um pequeno vão sem mobiliário.

Ela também frisava, sem afetação, aspectos como “todos os quartos têm banheiro”, que podiam ser índices de higiene, de civilidade, de *status*, assim como os inúmeros aparelhos de ar-condicionado³⁸. Já os preservativos não foram mencionados e nem estavam facilmente disponíveis, era preciso trazê-los ou comprá-los no bar.

Buscando seguir os padrões internacionais das casas de *swing*, uma cama do tamanho de duas camas de casal e colchão feito de espuma encapada com napa preta se constituía no “tatame”; um quarto com um visor comprido disposto na horizontal defronte à cama era o “aquário”; um corredor sinuoso feito de compensado e pintado de preto figurava o “labirinto”; com o mesmo tipo de compensado, disposto em quatro paredes, eram feitas as “cabines”; assim como os círculos abertos nesses compensados, ou “*glory hole*”, tinham a função de permitir apalpar anonimamente, entre outras possibilidades; e um quarto com uma TV, um DVD pornô e um sofá era o “cinema”.

As regras da casa também eram as oficialmente conhecidas, sendo a mais importante que nada é proibido, entretanto ninguém é obrigado a nada, mas que cada casa ou grupo pode reescrever de uma forma inventiva. Geralmente elas podem ser vistas no *site* da casa, no cardápio ou afixadas na parede³⁹.

³⁸ Os *sites* das casas estão repletos desses elementos, avisos de que o ambiente da casa é climatizado, higienizado, que possui área de fumante ou acessibilidade para deficientes físicos. Costuma haver também recomendações de trajés, de comportamento ou de como se portar (inclusive o tom de voz) e de asseio. Sobre higiene, por exemplo, nas dicas do Blog *Swing Marina&Marcio* tem um *post* chamado “Nóis é *swing* mais é Limpinho!” [www.marinaemarico.com.br, acesso em 31/07/2015].

³⁹ Poderia citar as regras de algum *site* de casa de *swing* escolhido aleatoriamente, entretanto, elas costumam ser explanadas e, portanto, longas. Sucintamente, as regras que mais costumam aparecer são: proibição de entrada de menores de 18 anos, o uso armas, o uso de equipamentos fotográficos ou filmadoras, e ir acompanhado de prostitutas; há recomendação de respeito à privacidade, ao anonimato e aos limites de cada um, principalmente quando se trata de casais; os cônjuges, antes de sair da casa, devem estabelecer claramente entre si seus limites. Há, ainda, recomendação do tipo de comportamento e dos cuidados com o próprio asseio. Os trajés também podem figurar nas recomendações, e costumam ir do “fino” ao “sensual”, dependendo da casa ou da proposta da festa anunciada, e é comum a proibição do uso de bermudas, bonés e chinelos.

Ao contrário do que era valorizado em Alhures, onde todas as portas dos quartos poderiam ser trancadas, aqui, a regra, também valorizada ou ressaltada a cada maçaneta que a recepcionista pegava, era a proibição de trancar as portas dos quartos, que já vinham sem chaves.

Houve um momento em que um homem segurava uma das portas por dentro enquanto outros dois faziam sexo com uma mulher. Um aglomerado de solteiros se juntou de frente ao quarto, olhando pelo visor e pedindo para entrar. Um deles reclamou comigo que o marido estava obstruindo a porta e que isso era contra as regras da casa.

Já nas cabines, que ficavam num ambiente à parte, era permitido se trancar e não havia visores. A anfitriã contou que as pessoas se empoleiravam para ver, mas fez referência a isso como uma transgressão bem aceita ou incorporada a um jogo e não como um problema, assim como quando falou com leveza dos casais que pulavam a grade e entravam na piscina. De fato, depois presenciei as pessoas espiando e também tive a oportunidade de espiar. Elas não se empoleiravam, até porque seria difícil fazer isso numa parede de compensado sem derrubá-la, mas puxavam o madeirite com as pontas dos dedos, onde as folhas se juntavam, num esforço um tanto frenético porque eram justas e com farpas. O ambiente estava bastante escuro, e em uma das cabines só foi possível ver com mais nitidez uma mulher porque era de pele muito branca e apenas vultos de homens, e numa outra, a silhueta de dois homens e de uma mulher.

Fora o quarto do cinema, onde a TV ligada clareava o ambiente, os outros quartos eram muito escuros, a ponto de não se ver praticamente nada, devido tanto à ausência de iluminação quanto ao fato de paredes, mobiliário e colchões serem também pretos. Essa se mostrou uma característica recorrente do *swing* observado em Solaris, um breu quase por completo nos quartos, cabines e labirinto, o que destoou do observado em Alhures, onde, apesar de um tanto escuro, havia sempre uma meia luz, uma luz colorida ou paredes e lençóis claros. O que leva mesmo a pensar se nessas casas mais escuras a fantasia passa mais pelo anonimato e mistério do que pelo voyeurismo/exibicionismo, cuja importância aqui também não poderia ser negada e depende de uma alternância daquilo que se furta e se expõe, se esconde e se deixa ver. De qualquer forma, ao menos em um primeiro momento, quando a

pupila ainda não se acostumou com a escuridão, a cena pertence muito mais aos outros sentidos que à visão⁴⁰.

Sem dúvida fazendo parte da dinâmica do *swing*, esse escuro não chegava a se constituir num preceito inquestionável ou num princípio estético. Havia uma proposta de ambientes muito escuros, mas sem rigidez, com possibilidades de iluminação propositais ou forjadas. Às vezes, as luzes dos banheiros eram deixadas acesas para iluminar os quartos ou simplesmente se esquecia de apagá-las. Não era nenhum tipo de luz especial tradicionalmente usado para esses fins, mas tão somente lâmpadas econômicas brancas, daquelas que dizem não favorecer a beleza das pessoas e nem criar uma atmosfera misteriosa ou intimista. O próprio ambiente do labirinto e cabines, que pareceu ser propositadamente escuro ao extremo, era, por vezes, iluminado de forma um tanto acidental devido a um cômodo contíguo de uso dos funcionários. Havia também um banheiro sem luz, e se estava propositadamente sem lâmpada ou com uma queimada, o fato é que figurava dessa forma na composição da casa.

Aliás, o banheiro não pode ser visto somente como uma adjacência ou requerido por uma necessidade óbvia independente da prática. Os banheiros, em todas as casas de *swing* que observei, inclusive no particular, fazem parte da dinâmica do *swing*. Neles, sexo e negociações ocorrem paralelamente às práticas mais comuns ao recinto, como telefonemas, maquiagem, duchas higiênicas, banhos e as propriamente escatológicas. Essas últimas parecem ter um limite tênue com as sexuais, uma vez que se tornam muito vívidas quando a casa se anima, como se quisessem ser expostas - urina, fezes, vômito, menstruação e preservativos, papéis e absorventes higiênicos mostrando a que vieram.

Nas cabines e labirintos, por se tratar de ambientes mais exíguos, não há nenhuma cama, apenas pequenos sofás e banquetas. Os furos no compensado, quando havia, ficavam na altura dos dois braços, cabeça e genitália, ao que ela explica que “enquanto uns transam, outros passam a mão”. Essas aberturas em várias alturas, principalmente na altura dos olhos,

⁴⁰ Na discussão metodológica do trabalho de Moraes da Silveira (2014), vi que ele teve sensação semelhante a que tive em campo, de que, em um espaço com aquelas características, todos os meus sentidos eram convocados na apreensão do *swing*: “Pondero que, em determinados contextos, somente o ver e ouvir não dá conta de toda complexidade do ritual que se instaura. Mesclado à descrição espacial do clube, trago então como se dá a percepção de tal lugar a partir de nosso tato, olfato, paladar, visão e audição, e proponho que todos estes sentidos sejam inteligíveis na percepção deste objeto de conhecimento, contrapondo assim a perspectiva clássica e sua ênfase apenas no ver e ouvir” Moraes da Silveira (2014:14).

pareciam recriar os propósitos do chamado *glory hole*, uma vez que a graça delas, ao menos no labirinto de Alhures, onde se localizavam mais abaixo, indicava ser justamente o contrário, ter acesso apenas a uma parte do corpo e trabalhar outros sentidos fora a visão, que já conta com visores e treliças em outros ambientes.

Os elementos justapostos de um ambiente doméstico e de uma “balada” compunham as duas casas. Em Alhures, nos quartos, a presença de camas convencionais e de paredes sólidas e brancas dava um ar familiar ao espaço. Por outro lado, a iluminação era cuidadosamente pensada para uma casa noturna, além dos funcionários terceirizados que lhe conferiam um toque impessoal. Na *Mirar Swing*, havia vários elementos que davam características de ambiente comercial; por exemplo, nos quartos, no lugar de colchões com lençóis, havia estofados de corino e paredes pretas, muitas de compensado à maneira de repartição ou baias. Entretanto, a descontração dos funcionários, que viviam numa relação de compadrio com o empregador (que, nas duas casas comparadas, era mulher), a iluminação com ares de improviso, entre outros elementos, evocavam um ambiente doméstico.

2.2.3 Amostra *Swing*

A aventura começa ao entrar numa rua bastante sinistra, que segue sempre em linha reta, sem possibilidade de quebrar à direita ou à esquerda, com a sensação de que seria muito fácil cair numa emboscada. Os buracos eram verdadeiras crateras cobertas de água de chuva, as casas eram todas muito fechadas e gradeadas e não havia nenhuma iluminação ou transeunte⁴¹.

Nesse cenário, a casa de *swing* se erguia como um oásis, e era a mais ampla e luxuosa de todas visitadas. Local cuidado, arejado, com jardim, varanda, piscina, sacadas. O aspecto alvo e

⁴¹ Se o *swing* lembra, no geral, ou um ambiente familiar ou de “balada”, controlado ou para entretenimento, em outros momentos pode causar grande estranhamento e se tornar uma experiência de encontro com o mistério, repugnância ou mesmo uma experiência estética. A sensação de estar num lugar sinistro ou que lembra o inferno, na forma como o cinema e a literatura o representam, foi referida por Vidal, praticante de *swing*. Ele teria tido essa sensação algumas vezes nos ambientes escuros das casas, quando repletos de “urros” e barulhos de pessoas sendo “curradas”, que ele descreveu muito bem. Um casal da *Mirar* também relatou como, às vezes, o *swing* pode ser um lugar “assustador”, e se lembrou de uma ocasião em que entraram num quarto com vários casais e não puderam suportar o “mau cheiro de sexo”.

verdejante da área externa e da fachada da casa em nada lembrava uma casa noturna, parecia mais uma daquelas casas de eventos que se aluga para casamentos.

Essa casa oferecia serviços de hotelaria, seguindo a tendência de algumas casas de *swing*, e tinha tudo limpo, novo, organizado, e com decoração e paisagismo. As grandes proporções do terreno, da piscina e da construção exigiam um público também maior, entretanto, se dava justamente o contrário, a quantidade de pessoas em um sábado só era comparável com os dias mais vazios das outras casas. Diferente de outro *swing* hotel sobre o qual ouvi tantas histórias, e que atraía gente de toda parte (tanto que era preciso reservar com antecedência, mesmo cobrando valores altos de diária), esse minguava, e o empresário já oferecia os quartos como serviço de pernoite para aqueles que quisessem fugir da Lei Seca. Talvez ele tivesse superestimado o poder de atração do *swing* e de uma boa propriedade, instalando seu empreendimento em uma região sem outros atrativos, e considerada perigosa pelos próprios moradores.

Nas primeiras e nas últimas horas da noite, o público era formado majoritariamente por garotas da região, mulheres negras, entre 18 e 25 anos, que saíam para tentar a sorte. Inclusive, chamava a atenção uma moça muito pobremente vestida, com roupas sujas e sem banho, que “forçava a barra” com qualquer homem ou mulher que parecia identificar como mais promissores. Um ou outro rapaz local mais abastado acompanhava esses grupos de mulheres. Dois grupos de pessoas brancas e visivelmente endinheiradas permaneceram por pouco tempo na casa, mal disfarçando o seu desgosto pelas outras pessoas e pelo desânimo do local.

O proprietário nos mostrou a casa, com o orgulho e desespero de quem fez um belo empreendimento que não emplaca. A recepção ficava num ponto privilegiado com vista para o jardim e o salão. Neste último, apesar de sua dimensão nada intimista, era possível buscar diferentes tipos de socialização de acordo com o mobiliário pensado para esse fim. Para os mais solitários ou ainda em busca de um primeiro contato, havia como opção o balcão do bar, uma ilha de mesas altas, ou simplesmente sentar nos sofás e assistir as apresentações. Para os enturmados ou desinibidos, era possível dançar na pista ou no *pole dance* do palco. Destinadas aos casais ou grupos de amigos mais interessados em interagir entre si, havia mesas mais recuadas, com vista apenas parcial dos *shows* e dos outros ambientes. Ao menos é o que parecia buscar promover aquela disposição do mobiliário e das áreas planejadas.

O acesso aos quartos dos hóspedes seguia os padrões do ambiente externo, iluminado e de paredes claras. Já o acesso aos aparatos do *swing* propriamente dito era todo de paredes negras. Na entrada, havia uma sala, que era mais um local de passagem, e os amplos quartos do tatame e do aquário, que restavam um tanto esquecidos por estarem posicionados muito à frente. Nos corredores, muitas vezes, era preciso tatear as paredes para saber onde começavam e onde terminavam. Irônico nosso anfitrião ter frisado, ao passar por esses ambientes, que sua casa era mais iluminada que as outras. As luzes a que ele se referia pareciam mais luzes de emergência, e serviam apenas para não dar com a cara na parede, já que não iluminavam quase nem um palmo à frente.

Ele ressaltava, apontando para a entrada de cada quarto, o papel toalha e o álcool em gel. Nenhuma menção a preservativos. Não havia banheiros nos quartos, entretanto, o banheiro do corredor era grande e limpo. Dentro do banheiro, dois ambientes buscavam disciplinar as práticas; como bem foi explicado pelo anfitrião, “aqui é o banheiro e essa parte é para quem gosta de ‘fazer alguma coisa’ no banheiro”. O labirinto quase inexistente era mais um corredor para as cabines *glory hole*. Outras cabines muito inventivas brincavam com as possibilidades do olhar – colocar-se à mostra sem saber se realmente estava sendo visto ou ver sem ser visto –, pois elas possuíam vidros, cortinas e interruptores. Como de praxe, o último quarto deste corredor, ou labirinto, parecia ser o mais frequentado. Não era mais que um vão, com luz negra, cortinas e um estofado do tamanho de uma cama de solteiro.

A diferença espacial em relação às outras casas pesquisadas era ter um ambiente reservado para a hospedagem. Entretanto, a espacialidade era diferente do outro *swing* hotel muito comentado a que me referi, onde não haveria um ambiente separado para o *swing*, que poderia se dar nos espaços comuns ou nos quartos dos hóspedes interessados na troca. Se por um lado isso poderia ser um indício de uma diferença entre esses dois *swings* hotéis, no que se refere à ritualização ou tentativa de disciplinamento das práticas, por outro lado, diferente da casa pesquisada, o ingresso naquela casa estaria restrito aos hóspedes, o que facilitaria, do ponto de vista da segurança de um empreendimento comercial, um relaxamento das regras.

2.2.4 Tatame *Swing*

Nos dias de semana, em horário comercial, aquelas ruas pavimentadas deveriam ser movimentadas pelos trabalhadores dos galpões, garagens, fabriquetas e motéis que compunham o cenário, agora ermo, num sábado à noite. A casa de *swing* que funcionava num prédio escuro e de poucas janelas parecia fechada e algumas pessoas já devem ter desistido pensando o mesmo. Entretanto, lá estavam os carros, discretamente estacionados, e uma portinhola no escuro.

O local, mesmo podendo ser facilmente transformado em presídio, tomava a precaução de cobrar ingresso na entrada. Na saída, era preciso passar por esse controle novamente, agora com o recibo da conta do bar. Também, desta forma, a pessoa recém-chegada não poderia desistir facilmente. Como de costume, esta primeira recepção, de ordem mais prática, indicava outra recepcionista que iria mostrar os aposentos e explicar que tudo era permitido, mas nada obrigatório, e dar os indícios de civilidade, como, por exemplo, gás desodorizador, espuma higienizadora, papel toalha, área reservada para fumantes. Os preservativos estavam à venda no bar, foi o que me responderam. Nas casas em que estive não vi nada que se assemelhasse com o narrado por meu amigo em sua lua de mel no *swing*, em que garçons elegantemente trajados passavam com bandejas de preservativos⁴².

O primeiro ambiente é de boate, escuro, luzes coloridas, gelo seco, e o volume da música é alto, mas não a ponto de não ser possível conversar. O animador não parecia estar nos seus melhores dias, e falava apenas vez por outra e sem convicção. Os espaços eram do mesmo estilo das outras casas. Os quartos e cabines possuíam trincos nas portas, mas curiosamente as dos banheiros não, e alguns nem mesmo porta tinham. A edificação era velha, o que mal se percebia nos ambientes escuros ou muito decorados, mas era visível nos

⁴² Considerando a seguinte afirmação de Bauman, “Graças a um inteligente estratagema publicitário, o significado vernáculo de ‘sexo seguro’ foi recentemente reduzido ao uso de preservativos. O *slogan* não seria o sucesso comercial que é se não atingisse um ponto sensível de milhões de pessoas que desejam que suas explorações sexuais sejam garantidas contra consequências indesejáveis (já que incontroláveis)” (Bauman, 2004:33), é de se pensar: se o *swing* é de fato uma prática por meio da qual se busca controlar as angústias provocadas pelas circunstâncias imponderáveis do encontro sexual fora do casamento e aquelas decorrentes de estar preso a um relacionamento e, ao mesmo tempo, temeroso da sua dissolução (como o próprio autor afirmou em outros termos), se uma certa displicência com o uso e a promoção do uso de preservativos em alguns espaços *swing* não adviria do fato de o participante ter no próprio *swing*, e não no preservativo, o significante de sua segurança contra essas “consequências indesejáveis”.

banheiros. Tudo muito escuro, só um pouco menos que na Amostra *Swing*. Somente um quarto era iluminado pela luz de enfermaria do banheiro sem porta. O sexo parecia ser estimulado nos banheiros unissex com pequenas poltronas, mas havia banheiro separado por gênero também.

Mesmo a recepcionista sabendo que eu conhecia outras casas de *swing*, talvez por não conhecer a dela, ou por respeito ao amigo que me acompanhava, e que deveria estar com cara de assustado, foi explicando tudo em detalhes, de forma burocrática, e parece não ter feito nenhuma diferenciação entre o que diria a outros clientes e o que dizia para nós na condição de amigos pesquisadores. No *swing*, parece que casais são sempre casais, um homem e uma mulher juntos, não importa o que digam sobre sua relação, devem ser tratados como casal. Inclusive, pode até se tornar um bom lugar para quem está em crise com sua solteirice e quer sentir um pouco o *status* de pessoa casada.

Explicaram que, se quiséssemos, poderíamos transar ou trocar com outros casais na própria sala de cinema, ou fazer as combinações ali e seguir para outro ambiente. Apesar de bem aparelhado, o cinema permaneceu um tanto vazio pela localização não muito estratégica. Em outro momento foi enfatizado que tudo era permitido, mas nada obrigatório, que só faríamos o que quiséssemos e poderíamos ficar só os dois. Também foi dito que o labirinto se tornava tão cheio que às vezes não dava para passar, ou seja, era o local predileto do público.

Interessante notar que o labirinto, além de ser o ambiente mais movimentado em todas as casas observadas, pareceu conduzir em seu último cômodo ou destino, que é ainda mais movimentado, ao *gang bang*, ou seja, uma mulher e muitos homens, e não à troca de casais.

O frio na Tatame *Swing* era glacial, impossível não tremer, o que não devia contribuir para a ereção. Entretanto, essa potência do ar-condicionado pareceu ser fundamental para uma casa sem janelas como aquela quando estivesse cheia e em plena atividade. Para atenuar possível mau cheiro também usavam bastante desodorizador, que conferia à casa um ar asséptico. Mesas altas cambaleantes e mesas comuns com sofás, *pole dance* e DJ compunham o salão. Atentando para o escuro que fazia no quarto tatame, a recepcionista explica que aquele recinto era para as pessoas tímidas, como se vários outros ambientes da casa não fossem totalmente escuros e, o que pareceu ainda mais curioso, avisou que esse quarto especificamente não possuía porta. No quarto aquário também havia um tatame e ela avisou ser o único com opção de iluminação; era uma suíte e a luz vinha do banheiro.

Havia cabines com um pequeno estofado, paredes de compensado, algumas com *glory hole*. Somente na Alhures, onde a estrutura era mais sólida, possuía labirinto em concreto, cuja espessura incrementava os buracos, dando um ar misterioso, também pela textura que fizeram, parecendo um glacê de bolo. O labirinto desta era até extenso, mas sem recursos como estofados ou *glory hole*. De qualquer forma, de fato, era o espaço que as pessoas mais frequentavam. Ao final do labirinto, havia um quarto com três estofados estreitos. A disposição dos estofados colocados em paralelo diante de uma grande janela aqui não parecia motivar o *gang bang* (apesar de ter sido essa a prática observada naquela noite), e sim o exibicionismo competitivo entre três mulheres ou entre três homens, cada um com seus pares.

O primeiro *barman* que me atendeu não foi simpático, nem teve confiança em ir preparando as bebidas sem antes marcar na comanda, que tinha sido entregue ao homem, no caso, meu amigo que estava no banheiro, mesmo que tivesse sido eu, a mulher, a pagar a entrada. Não deve ser fácil para uma mulher se desgarrar do seu par no decorrer da noite, se não possui nem uma comanda própria para tomar uma água ou apanhar um preservativo. O segundo *barman* foi muito simpático, até sensual, fez uma caipirinha muito forte para mim, provavelmente com duas doses. Não foi a primeira vez que aconteceu algo do gênero. No Amostra *Swing*, quando pedi mais gelo no copo, o *barman* colocou outra dose com sorrisos de cumplicidade, mas pareceu ser mais uma política da casa, voltada para as mulheres em noites desanimadas. É comum também as casas premiarem as mulheres mais sensuais no palco com um *drink*.

Logo que nos sentamos, uma terceira recepcionista, e também garçõete, se apresentou. Repetiu os mesmos discursos, mas de forma mais verdadeira, menos burocrática e perguntou se estaríamos interessados em conhecer um casal por quem intercedia. Ela atuava mais diretamente no salão, promovendo contatos, principalmente os que envolviam casais tímidos ou iniciantes.

A arquitetura e o *design* de interior das casas pesquisadas falam muito sobre o *swing* observado nelas, assim como a forma como elas são apresentadas por suas recepcionistas anfitriãs. A indeterminação ou a fluidez que marcam a estética desses espaços ou os elementos que a compõem são denotativas do amálgama de forças e motivações que caracterizam a prática. As mudanças promovidas no espaço também são esclarecedoras de para qual lado pende mais, em cada momento, o jogo dessas tendências contraditórias e constitutivas do *swing*. O familiar, o mercadológico, o público, o privado, a transgressão, a

ordem, o disciplinado, o inusitado, o segredo, a exposição, a segurança, o risco, o consumo, a militância, o espontâneo, o contratado, o infernal, o tedioso, as bodas de casamento e o bordel, tudo permeia as paredes, quartos, salas, portas, trincos, tintas, música, luzes, temperatura, odores, TVs, tijolos, compensados, quintais, vizinhanças, estacionamentos, banheiros, andares, lençóis, visores, estofados, varais com roupa estendida, bebidas, comidas⁴³, além de recepcionistas e anfitriões, guardas e rapazes na calçada, patrões e madrinhas dessas casas que são também estabelecimentos comerciais, hotéis, pousadas, boates, baladas e casas de *swing*.

Além dessa interação da arquitetura, do *design* e da decoração com a prática e o público, e da sua intermediação principalmente pelos recepcionistas anfitriões, os espaços de sociabilidade *swing* podem ser melhor descritos se pensarmos também na sua dimensão espetacular, principalmente através da figura, que chamo aqui, do animador, como veremos a seguir.

2.3 CASA DO ESPETÁCULO

2.3.1 *Show* em Alhures

Quando a casa ainda não dispunha de um animador – ou seja, nos primeiros tempos do trabalho de campo –, nas mesas mais próximas ao palco, sempre os mesmos casais, cujas mulheres, volta e meia, ocupam espontaneamente a cena, o papel do animador estava

⁴³ A questão da culinária no *swing* é algo que chama atenção por sua ausência, tanto no que poderia se configurar como pretensão comercial de um restaurante, ou pretensão familiar de uma “comidinha gostosa” ou de um “banquete para os convivas”. Nem por isso a alimentação no *swing* escapa dessa análise. A escassez de pedidos e o cardápio muitas vezes restrito a “porções” chamam atenção para o lado “balada” do *swing*, com preponderância das bebidas alcólicas e de hidratação. Já os alimentos congelados esquentados em micro-ondas, encontrados em algumas casas pesquisadas e oferecidos tais quais, sem nenhuma tentativa de enganação, podem remeter ao *fast food* impessoal de postos de gasolina, mas também ao ambiente doméstico, da comida preparada na correria do dia-a-dia, tanto quanto seria o alimento mais cuidadosamente preparado. A oferta de um *buffet* de café da manhã, anunciado na propaganda de casas encontradas na Internet, lembra tanto o aconchego familiar ou as grandes festas de casamento, em que a última refeição é o café da manhã, como os *coffee breaks* empresariais e, principalmente, os lanches oferecidos em eventos esportivos após uma maratona de atividades, devido sua ênfase no “nutritivo”, “equilibrado” e “com frutas”, afinal, o *swing* não escapa do discurso da valorização do “corpo e mente saudáveis”.

reservado a elas. Dançavam como profissionais, fazendo acrobacias no *pole dance*, tirando a roupa lentamente e exibindo seus corpos perfeitos, sem mácula, sem idade, e estimulando outras mulheres igualmente belas a fazer o mesmo. Diante dessas *performances*, mesmo com jogos de luzes que ajudam a disfarçar as imperfeições e a falta de ritmo, mulheres comuns só são vistas no palco “quando a noite pega fogo”, como se representassem algum tipo de indecência apropriado somente com a atividade sexual já instalada (ou garantida e generalizada).

Já o *show* do animador que a casa ganhou e sua figura são tão peculiares que uma descrição poderia identificá-lo. O que é possível dizer é que, ao encarnar um herói, sua masculinidade excessiva parecia transbordar e deixar de ser tão masculina. Outra característica (que também pôde ser notada numa gerente que eventualmente tomava a fala na Mirar e que gritava, por exemplo, “é gay que eu sei”), é que ele tinha um tom agressivo e um tanto berrado em suas falas ao microfone, deixando sempre no ar a possibilidade de suas provocações desandarem e não serem aceitas como brincadeiras.

2.3.2 *Show* na Mirar *Swing*

Como em algumas vezes em Alhures, o clima no início era mais de missa do que de *swing*, com casais bem aconchegados, e apenas um deles se beijava, os outros estavam durinhos, um ao lado do outro. Aos poucos a casa vai lotando, e então chega o animador, ou locutor, conduzindo um homem até o palco. O animador, pessoa educada, discreta, agradável, voz de rádio do interior, ou locutor de eventos, fala da casa (“gente bonita, casais bonitos, as melhores esposas de Solaris, as esposas mais bonitas do Brasil”) e diz que as esposas vão fazer daquele homem um homem objeto. Vai até um casal, negocia com os dois e leva a moça para vender e alisar o rapaz que esperava. Então ele narra o “tesão” dos dois e da cena, embora a dinâmica esteja bem morna e desajeitada. Depois, negocia com mais um casal e leva mais uma mulher. Essas duas mulheres que subiram ao palco foram um tanto acanhadas, meio surpreendidas pelo convite, e ficaram só alisando o “homem objeto”. O locutor falou para o rapaz alisar as moças também, então ele obedeceu. Depois, solenemente, ele fez entrar a *stripper* da casa e disse a ela que deixasse o convidado “louco”, ensinando para as duas “como deixar um homem louco”. Ele ficou com a *stripper* do lado esquerdo e uma das moças do lado direito. Mão direita ágil, mas sem foco, mão esquerda mais interessada, porém inábil. O

narrador era quem conduzia tudo, mas como não estava rendendo muito, deu por encerrado, pouco depois que tiraram a camisa do rapaz.

Então subiu ao palco uma mulher. O locutor fez as mesmas negociações, mas desta vez sempre ia perguntar ao namorado dela se podia ir além. Depois convidou dois homens solteiros. Eles levantaram sua blusa, mas quando quiseram levantar o sutiã, ela abaixou a blusa. Moça de rosto bonito, alta, braços fortes, corpulenta. O namorado estava muito ansioso. Eu me encontrava sentada entre a mesa deles e de outro casal com quem conversava e que ficava olhando para mim, apontando o rapaz e brincando, perguntando se ele estava com muito ciúme, mas eu não podia entrar no jogo e nem me senti à vontade para iniciar uma conversa naquele momento, que parecia ser para ele, de excitação, ou de nervosismo. Seria muito invasivo. A moça voltou agitada, os dois ficaram agarrados conversando, em tom de discussão. Ela pediu que eu olhasse a mesa que eles iriam sair pra fumar, mas voltaram rápido. Então perguntei se tinham desistido de fumar, para puxar assunto. Ela balbuciou que ele queria ver o “*striptease* da moça bonita”, que era a profissional da casa. Também contou que só tiveram tempo de ir ao banheiro e que ela não pôde conter o vômito, assim que viu o vaso sujo. Entretanto, apesar de terem permanecido, enquanto aquele “mulherão” tirava a roupa, eles ficaram conversando de perfil, como se ela exigisse um olho no olho e como se ele, mesmo visivelmente com vontade de assistir, estivesse com medo de contrariá-la, não obstante ela ter acabado de vir da brincadeira no palco com dois homens.

A *stripper* estava fazendo seu número tradicional, “a enfermeira do chocolate”, “a enfermeira que deixaria qualquer homem doente de ‘tesão’”, segundo nosso narrador, e que despiu lentamente seu uniforme e a lingerie na primeira música, romântica por sinal. Na segunda, mais frenética, vários malabarismos no *pole dance*. Interessante que, apesar da técnica e do profissionalismo, que denotavam muita prática, seus passos, principalmente quando queria se deslocar, denunciavam muito recalque, timidez e movimentos engessados. Com a terceira música, o locutor passou a convidar homens da plateia para saborear pequenos chocolates que ela equilibrava em seu corpo escultural com a aderência provocada pelo calor da pele e de alguma posição erótica ajudada por uma escadinha que o locutor, volta e meia, reposicionava com a gentileza de um cavalheiro cedendo seu assento a uma dama.

Nesse momento havia vários casais e seis solteiros (disseram que o número de solteiros ficava restrito a dez, nos dias em que não eram interditos, mas, por volta das duas da manhã, havia mais de vinte solteiros). Os participantes pareciam tímidos. O locutor atíça, ora ele

entrega o pacote de chocolates a um candidato e posiciona a escada, ora ela própria posiciona os bombons no corpo e se aproxima de algum homem. Começa pela lateral do tórax e coxas, e para cada parte do corpo um era escolhido; as mais discretas ou menos erógenas ficavam para os casados conhecidos da casa, mas logo depois abriu as pernas para dois solteiros, um de cada vez, para receber sexo oral achocolatado. Um se empolga e se posiciona por trás, mas meio indeciso se queria lambe tudo, apenas sondando, e o locutor já se adianta: “ele quer tudo”. Para se desfazer do inconveniente de ser lambida ou de lhe negarem uma lambida em público depois de anunciada, a *stripper* dá meia volta e continua a dança.

Depois do *show*, o salão se esvaziou e o *swing* “pegou fogo”, tanto em termos das atividades quanto da movimentação, que aumentou bastante, com cerca de vinte casais e vinte homens desacompanhados e apenas uma desacompanhada, que me contou que o marido costumava frequentar, mas estava viajando. Entretanto, mais tarde, isso se mostrou falso, porque se tratava de uma frequentadora assídua das casas de *swing*, que sempre chegava desacompanhada. Em um momento da noite havia uma mesa só de mulheres, elas procuravam por um canto escuro e escondido do salão, ou simplesmente a proximidade com o DJ, com quem interagiam. Não tive oportunidade de conversar ou observá-las por mais tempo, não sei se estavam acompanhadas ou não.

O salão passou a ser praticamente um local de circulação e de pessoas permanecendo apenas o tempo de tomar uma bebida, um pouco de fôlego ou de fazer alguma negociação. Nessas negociações e nos acertos de conta com as mulheres, alguns homens apresentavam rostos ansiosos e nervos à flor da pele. Mesmo nesse cenário esvaziado, nosso locutor, que nunca perdia a compostura, incentivou mais uma vez as “esposas, as melhores esposas do Brasil” a subirem ao palco e realizarem a “fantasia que toda mulher, que toda esposa tem de fazer *striptease*, de tirar a roupa”. Nenhuma se animou, só mais tarde uma mulher, que já havia ensaiado várias vezes, se encorajou e subiu ao palco.

2.3.3 *Show da Amostra Swing*

A proposta era começar com uma brincadeira no palco, antes de partir para os *shows* propriamente de *striptease*. O conteúdo não era somente sexista como costuma ser, mas exercia também o preconceito com os pobres, os fora de forma, os homossexuais, os travestis,

e principalmente os negros. Uma *drag queen* “montada de velha negra pobre” é quem conduziria o *show* de “humor”. Conversavam comigo e não pude ouvir direito esse primeiro número. Depois, fazendo caras e bocas de *stripper*, ela trocou a fantasia por uma de mulher loira nua. Tirou as roupas invernais de indigente, a peruca branca e a segunda pele negra e exibiu por baixo uma segunda pele, agora rosada, com os bicos do seio e os pelos pubianos de lantejoula. A julgar pela lógica do *show* e pelo dourado da nova peruca, a loira deveria parecer glamorosa, além de jovem, em contraste com a fantasia anterior, mas o estado da fantasia e da própria apresentadora, que tinha aspecto sofrido, custava a passar a mensagem. Brincou com a homofobia dos homens, ameaçando ficar de fato nua, beijá-los, segurar seus pênis, e diante das recusas já esperadas, disse que no beco tal, no carnaval, era bem diferente, nenhum “bofe” recusava, deixando ali seu protesto em relação aos homens que escarnecem dos travestis e *drag queens*, mas procuram seus préstimos sexuais às escondidas.

Mesmo com a crítica, ela e o público pareciam bem à vontade com as reações homofóbicas e se divertiam com elas. Apesar de certa dose de ironia, demonstrando consciência da segregação social que havia ali, o *show* foi todo direcionado ao público branco e mais abastado, a quem ela dirigia suas falas (“pessoal do bairro tal que gasta mais”, “pessoal da zona tal que é quem gasta”), mesmo eles estando em pequeno número.

O “*show* de humor” não se contentou com o conteúdo discriminatório dos dois primeiros quadros. A terceira parte, que a princípio seria uma apresentação sensual, na verdade, era continuidade do *show* de humor, mesmo que nem todos se dessem conta. A apresentadora, agora montada de *drag queen*, escolheu homens, inclusive meu amigo, para subir ao palco, e todos aceitaram. Em seguida, convidou meninas muito fora do padrão de beleza, ou com excesso de peso, e apenas uma muito bonita, de rosto e corpo de uma beleza indígena. Pediu que os homens ficassem no paredão com as mãos para trás e cada menina fez um *show* para o par que lhes havia sido designado. Ela deu a instrução de que não precisavam ir tão longe, não era para tirar a roupa ou beijar na boca; era apenas uma competição pela melhor *performance*. As moças pareciam acreditar que faziam um *show* de fato muito sensual ou simplesmente não se importavam com os risos e comentários que provocavam. Mesmo tratando-se, sem dúvida alguma, de uma exceção, a que fez par com meu amigo estava exalando banho vencido e mau hálito, o que pude verificar mais tarde, quando ela se aproximou para falar comigo (era a mesma que usava roupas muito sujas, mencionada anteriormente).

Foram duas músicas, a primeira de par fixo e, na segunda, as meninas deveriam circular, enquanto os homens se mantinham sempre imóveis, embora encontrassem uma forma de demonstrar aos seus amigos, com acenos e sorrisos, algum contentamento quando era sua vez de ter a única menina bonita rebolando para eles. Nessa segunda música, elas foram bem mais ousadas e se esfregaram mais nos rapazes. Tanto em uma quanto na outra, a dança sensual consistia em, na altura do pênis, rebolar com suas minissaias ou esfregar seus seios e lábios. Depois a votação foi através da reação mais, ou menos, empolgada do público a cada candidata. Elegeram entre assovios e gargalhadas a mais obesa que fez um solo, com e sem o seu par. Todos os participantes do *show* ganharam um picolé. Ela fez seu *show* de vencedora com o picolé na boca, mas os rapazes não queriam chupar os seus, parecendo que isso poderia ferir sua masculinidade, e então os ofereciam às meninas. Além do sorvete, a vencedora poderia escolher um *drink*, mas foi avisada, com graça pela animadora, que de preferência dos mais baratos. O picolé também tinha uma aparência bem chifrim para um ambiente caro.

Após intervalo era a vez dos *shows* de *striptease* profissionais. A *stripper* feminina não compareceu para fazer o *show* e nenhuma satisfação a respeito foi dada ao microfone, nem mesmo de que o *show* estava cancelado. O *stripper* masculino usava roupas e adereços de um luxo decadente, vestes velhas de lantejola. Era um homem baixo, musculoso, tatuado, corpo em V. Ele parecia muito tímido e constrangido diante da reação do público; os homens não olhavam, ou mesmo viravam a cara, e as mulheres, quando ele se aproximava, se negavam a interagir. Diferente da reação de aprovação que costuma haver nos *shows* de *striptease* feminino, ou mesmo nos masculinos espontâneos, esse era tratado com aversão. Na segunda música, ao tirar a sunga, ele teve a ereção tão anunciada pela *drag queen*. No primeiro número, já havia tirado a calça de um só golpe, daquelas grudadas na lateral, próprias para esse fim. Mas todo o esforço dele e da animadora não pareciam estar rendendo muito efeito. Ele convidou uma moça bonita do público, mas seu parceiro não gostou, ou fingiu não gostar, e logo “a resgatou”. Sem sucesso, o *show* se deu por finalizado. Então foi este último marido quem foi convidado a subir ao palco para comemorar seu aniversário, forjado ou não. Ele ficou sentado numa cadeira encostada no *pole dance*, e a “mulherada” foi subindo, inclusive a que estava com ele, mas desta vez ele não reclamou. Elas rebolavam, se esfregavam, o beijavam. Era um homem por volta dos 35 anos, corpo em ordem, vaidoso e aparentando um profissional liberal de poucos recursos, mas de condição estável, assim como a companheira. Depois ele passou a participar do *swing* na parte de dentro, e quando voltava ao salão, vinha sem camisa, exibindo seu corpo tatuado.

Antes dos *shows* e da chegada da animadora, duas mulheres brancas de corpo escultural, silicone nos seios, cabelos oxigenados, olhos claros, sorriso carismático e jeito descontraído subiram espontaneamente no *pole dance*, interagiram entre si, dançaram sensualmente e brincaram com a possibilidade de fazer *striptease*. Isso teria chamado atenção em praticamente todos os ambientes por onde estive, mas ali, fora a mesa de amigos delas, a reação foi glacial. O público local parece que não quis dar esse gostinho às meninas, e a outra mesa, formada também por brancos de classe média, ainda não tinha chegado.

2.3.4 *Show* na casa Tatame *Swing*

Diferente de uma dinâmica muito comum em que o *show* é que dá o mote para o *swing*, e é quando a casa “pega fogo”, na Tatame, as pessoas frequentaram as partes escuras durante toda a noite, mesmo sem fogo ou mesmo não sendo para valer. O *show* só começou uma e meia da manhã e foi fraco, sorte de quem não ficou dependendo dele para entrar no clima. O animador da casa falava raramente e não tinha nada de muito animador. A proposta do cartaz de comemorar a festa junina não se efetivou, não havia decoração específica e as músicas eram norte-americanas, de boate; no máximo, tocaram algumas músicas como “apaixonada, sofro calada, tudo fica mais difícil sem você”, ou “me usa, me abusa, pois o meu maior prazer é ser tua mulher”⁴⁴, além do *stripper* masculino que entrou com chapéu de palha e colete com adesivos imitando retalhos. A noite foi um tanto entediada, sem liga ou sintonia, com pessoas apagadas ou indiferenciadas, por mais que aos poucos a casa tenha ficado relativamente cheia.

Interessante que, ao contrário das outras casas, na Tatame *Swing*, ao menos foi o que pude observar nessa noite, a beleza das mulheres é algo indiferente, não é uma moeda de troca. Aqui, ainda mais que nas outras casas, ter uma mulher é o que importa nas trocas.

Assistimos aos *shows* de *striptease*, que foram desanimados. Primeiro o feminino, uma moça muito inexpressiva; ela usava saia e camisa branca transparente amarrada no peito sem sutiã, e se despiu rapidamente até que ficou de calcinha. O rapaz ao lado a avaliava negativamente, mas, pelo tom e argumentos truncados, parecia querer agradar sua namorada, a quem fazia os comentários. De qualquer forma, de fato, a *stripper* tinha o corpo fora dos

⁴⁴ Respectivamente, “Apaixonada” e “Me usa”, da Banda Magníficos.

padrões vigentes, quadrado no tronco, barriga inchada e dançava desajeitadamente. Uma coisa fazia bem, acrobacias ousadas no *pole dance*, mas fez poucas. Outros rapazes se perguntavam se não seria um travesti, mas, ao tirar a calcinha, se confirmou que não, neste caso – porque essa casa empregava funcionários de orientação sexual variada.

O *show* não estava trazendo muito entusiasmo, e o animador dizia “assim você me deixa louco” tão sem convicção que a última coisa que parecia era que aquilo o estivesse enlouquecendo ou pudesse enlouquecer alguém. Em seguida entrou um rapaz, estilo *gogo boy*, na dança, nos trejeitos, nos músculos. Somente da cintura para cima estava vestido de caipira de festa junina, e parecia não colar bem nessa imagem; da cintura para baixo trajava uma calça colada de vinil e um tênis de cano alto em couro que lhe caíam bem. Ele era muito expressivo, mesmo que de uma expressividade fabricada. Gostava de se exibir e talvez fizesse sucesso em uma grande casa noturna. Entretanto, para um ambiente tão “familiar”, como às vezes é o *swing*, o *show* não emplacava. Ele ia até as mulheres e ficava dançando, simulando uns “amassos”. A música passou de forró para eletrônica, que agora ele dançava perfeitamente, da forma padronizada para boates e, principalmente, padronizadas para *gogo boys*. Embora ele tirasse as peças de roupa no escuro, nos cantos onde ia tentar se agarrar com as moças, e só tirou a sunga nos últimos segundos, e com as mãos escondeu o pênis provavelmente encolhido.

No anúncio seriam dois *gogos*, mas só teve um. Todas as casas que visitei descumpriram o anunciado, mas isso não parece ser um problema nem para o estabelecimento, que não dá explicações, e nem para o público, que não cobra nada em específico na programação, apenas fica aborrecido quando a casa parece ou desanimada ou pouco promissora para sexo.

Por um lado, as casas de *swing* se apresentam como um espaço de exceção em relação à espetacularização virtual que a sociedade vive, uma vez que a maioria das casas, incluindo as pesquisadas, não permite a utilização de fotos, filmagens e gravação de áudio. E por isso, também, não é de bom tom ficar vidrado em um *smartphone*, mesmo que não esteja utilizando estes recursos⁴⁵. Isso no que diz respeito ao ambiente da casa de *swing*, porque, de forma alguma, o universo *swing* escapa dessa tendência, ele usa ativamente as redes sociais para postar fotos, perfis, anúncios de festas, narrativas ou contos eróticos, notícias, artigos, comentários e debates sobre o tema. Também não significa que a casa de *swing* fuja das

⁴⁵ Algumas casas recolhem esses aparelhos na entrada.

características da sociabilidade virtual. Há uma virtualidade nas relações desenvolvidas nesses espaços, no sentido de serem apenas potencialmente relações e nem sempre se realizarem, e pela possibilidade de manter o outro à distância, sob controle, sem consequências maiores, mesmo que a relação (sexual) se efetive⁴⁶. Outra semelhança é que a sexualidade no *swing* é performática, e o desejo sentido e o desejo espetacularizado têm fronteiras tênues.

A importância do animador chama atenção para a preservação de uma sociedade que promove espectadores para ver apresentações e para a necessidade pedagógica de sugerir possíveis moldes de atuação para os *swingers* conseguirem se entregar ao ambiente. Pelo que se poderia esperar daqueles que frequentam um lugar “ousado”, levando em conta suas convicções, há, muitas vezes, uma boa dose de acanhamento.

O animador no *swing* é um locutor, no sentido tanto daquele que apresenta e anima um programa, dando instruções e diretivas aos seus convidados participantes e ao público, quanto daquele que narra aos espectadores as imagens que eles têm diante de si, quando o público não é mais só ouvidos (rádio) e pode ver com os seus próprios olhos (TV). O desejo dos clientes deve ser estimulado, mas também domesticado e disciplinado. Valem muitos artifícios na animação das casas: quebrar o gelo com um pouco de “humor”; trazer um *stripper* masculino instalando uma mistura de desejo e repulsa; aos poucos, convidar as mulheres “gostasas” do público ao palco que, se não souberem deixar os homens “loucos” ou “doentes de tesão”, receberão instruções precisas do animador ou ajuda profissional da *stripper* (e que, “maravilhosa” ou não, deve ser assim anunciada, como um símbolo máximo da mulher sexualmente desejável). Depois desse crescendo, que venham também “gordinhas” e “senhoras fogosas”, e dessa vez já não será mais necessário fazer disso uma piada. “Boas de cama” e “boas esposas” são enaltecidas, às vezes em pessoas separadas, às vezes na mesma

⁴⁶ Neste sentido, em *Amor Líquido* lemos: “*Les échangistes* estão matando dois coelhos com uma só cajadada. Em primeiro lugar, eles afrouxam um pouco os grilhões do compromisso matrimonial, concordando em tornar menos obrigatórias as suas consequências e, portanto, um pouco menos angustiante a incerteza gerada pela obscuridade endêmica das expectativas. Em segundo lugar, conseguem cúmplices leais em seu esforço para rechaçar as consequências incertas, e portanto irritantes, do encontro sexual – já que todas as partes interessadas, tendo participado do evento e portanto desejosas de evitar que escape à moldura do episódio, seguramente estarão juntas nesse rechaço. (...) As convenções do *échangisme* podem, como já prometeram os cartões de crédito, evitar a espera para se satisfazer os desejos. Da mesma forma que a maioria das inovações tecnológicas recentes, elas encurtam a distância entre o impulso e sua satisfação e fazem com que a passagem de um a outro seja mais rápida e menos trabalhosa. E podem também evitar que um parceiro exija mais benefícios do que o encontro episódico permite” (Bauman, 2004:34).

pessoa. A figura do animador pode evocar um símbolo sexual, uma *drag queen*, um leiloeiro de prendas da quermesse ou um radialista entediado. São vozes de espetáculos mundanos com gritos, xingamentos e gargalhadas, e de espetáculos narrados em tom monocórdio e respeitoso, uns e outros, assim como acontece na TV, voltados à família espectadora.

2.3.5 Dinâmicas de grupo

2.3.5.1 Algumas brincadeiras ou jogos para começar

Mesmo nem sempre felizes em seus propósitos, esses *shows* no palco se prestam, entre outras coisas, a promover interações de pessoas e da casa como um todo, a dar um mote ou ensejo para começar o *swing* ou, mais próximo do que os participantes diriam, para fazer o *swing* “pegar fogo”. Outras dinâmicas, brincadeiras ou jogos para começar são usados pelos próprios *swingers* com o mesmo intento, inclusive tomando o palco. Algumas casas podem não ter *shows* contratados. Em Alhures, nas primeiras vezes que frequentei, o palco era do público, mas alguns *shows* eram tão profissionais e religiosamente repetidos pelas mesmas mulheres que persistiu a dúvida se de fato eram espontâneos ou contratados pela casa. De qualquer forma, o interessante é pensar, mesmo que contratados, o porquê da intenção de que parecessem espontâneos e do espontâneo ter deixado de ser valorizado com o tempo e ter tido seu lugar tomado pela animação assumidamente profissional. Mas deixemos um pouco o palco de lado para falar dessas outras dinâmicas, começando por uma que presenciei no *swing* privativo, que ocorreu num apartamento em Alfazema.

Primeiro rememoraram velhas histórias vividas juntos, nas quais teriam sido muito performáticos, em que fulana “deu” para uns dez ou ciclano “comeu” outras tantas. Em meio às inibições, uma brincadeira ajudou a dar início ao *swing*. Começaram a falar da brincadeira do *vick vaporub*, um descongestionante nasal conhecido por provocar sensação de ardência. Uma delas tirou uma latinha de *vick* da bolsa, abriu as pernas para mostrar que estava sem calcinha e ofereceu a latinha para quem quisesse passar nela. Outra disse que também queria, mas que estava com vergonha, então a turma do sofá entrou para os quartos. (Diário de Campo, *swing* particular, Alfazema, 2006)

A sinuca, presente na área de lazer de algumas casas de *swing*, também se mostra um jogo particularmente propício a jogos sexuais, por exigir curvar o corpo, o que pode ser

exagerado para deixar claro o propósito sexual; a pessoa que ensina uma tacada pode se colocar por trás, roçando; pelo vocabulário de forte homologia com o sexo, como *tacos, bolas, buracos, caçapas*. Assim, de acordo com a reação de cada um no jogo, os tipos de piadas feitas e aceitas, é possível ir definindo quem será trocado ou não, quais são os limites, as fantasias, um contrato estabelecido de forma lúdica.

Avisar que “vai dar uma volta” também é um jargão bastante empegado na dinâmica do espaço do *swing*. Além do convite direto para entrar no ambiente dos quartos ou do labirinto, que significa um convite para participar do *swing* e que pode se dar de uma forma insípida ou amorfa, há uma maneira ainda mais indireta de propiciar um começo. É quando uma pessoa ou casal avisa que “vai dar uma volta”, deixando ao avisado a possibilidade de se convidar para ir junto. Por vezes, após o aviso, acrescentam um “querem ir também?” ou “se quiserem ir...” Desta forma, nada é obrigatório, o “convidado” pode decidir passo a passo até onde quer participar, e aqueles que convidam não se arriscam a “levar um fora”.

O *swing* normalmente se beneficia desse costume, um tanto generalizado em locais públicos, quando as mulheres se convidam para ir ao banheiro, como um meio discreto de fazer investidas. Uma vez no banheiro, essa negociação pode ser um pouco sensualizada, na medida em que se podem trocar olhares no espelho enquanto o batom é retocado, ou enquanto se arruma a lingerie. Ao mesmo tempo, essa negociação tem que ser muito direta pelo intervalo breve que o tempo de uso de um banheiro impõe.

Duas mulheres casadas com o mesmo homem insistiram que eu fosse ao banheiro com elas. Entre risinhos nervosos, elas sugeriram que eu fizesse *swing* com os três e, à medida que eu agradecia e explicava mais uma vez que naquele momento só pretendia mesmo pesquisar, elas foram ficando aflitas e até me imploraram, porque se não conseguissem cumprir a missão de me convencer, seriam castigadas, pois mantinham uma relação sadomasoquista com o marido.

Já iniciada a festa particular, chegou o casal de três, o sádico com suas duas masoquistas. Alguns da sacada vieram recebê-los, sentaram no sofá. Começamos a conversar sobre a minha pesquisa e sobre a proposta deles de sadomasoquismo; me contaram, por exemplo, que ele havia comprado a “coleira” de uma por R\$2,00 e a da outra por R\$2,50 dos seus antigos companheiros e, de repente, ele ordenou às duas que ficassem em pé, e continuou a falar comigo, explicando como funcionava a relação deles. Então ele mandou elas tirarem a roupa, e elas ficaram nuas

mostrando os sinais da idade e suas gorduras⁴⁷, enquanto todos permaneciam muito vestidos e formais. Estávamos visivelmente constrangidos, menos ele, que parecia muito confortável. Elas me convidaram para ir ao banheiro. Lá me chamaram para participar do *swing* e disseram que o “desejo do mestre” é que ficássemos os três. Eu expliquei, mais uma vez, que não estava ali com este objetivo. Elas não se convenciam, faziam xixi e tentavam me seduzir. (Diário de Campo, *swing* particular, 2006)

2.3.5.2 *Um tênue limite entre o sucesso e o fracasso da noite*

Em determinada ocasião, Alhures estava cheia de homens desacompanhados, alguns poucos casais arredios, eu e mais duas mulheres solteiras. Num momento em que boa parte dessas pessoas circulava pelo labirinto, um dos solteiros estragou qualquer possibilidade de dar início às atividades numa noite que já se arrastava para todos sem sucesso.

Ele estava com um hálito muito forte, e muito específico, dava para saber exatamente o que tinha comido no *happy hour* antes de ter tido a inspiração de ir ao *swing*. Ele decididamente havia tomado uma cerveja e pedido um filé acebolado de tira-gosto. Em cada cômodo do labirinto as pessoas buscavam alguma aproximação, mas bastava ele entrar no recinto para o ar ficar irrespirável e todos fugirem. Começou como algo “quebra clima” e acabou como uma brincadeira que uniu as pessoas não exatamente para o sexo, mas com risadas e fugas em massa. O rapaz não se dava conta do que estava acontecendo, ficava todo excitado perseguindo as pessoas que se deslocavam, como crianças brincando de monstro em casa mal-assombrada. (Diário de Campo, Alhures, Alfazema, 2005)

No *swing*, cenas de casais que se isolam em meio a discussões intermináveis ou a crises existenciais, às vezes regadas a lágrimas, e também a imagem de casais sentados durinhos, imóveis, sem palavra, olhando o palco vazio, me lembravam dos bailinhos de pré-adolescentes

⁴⁷ Segundo von de Weid, “dois atributos que parecem contar negativamente na hora da conquista são o peso e a idade. Pelas entrevistas pode-se notar que um casal mais velho, acima de uma certa faixa etária, teria mais dificuldade para se relacionar sexualmente com outros casais. De acordo com um entrevistado: (...) *o casal chega aqui, a gente conversa, conversa indiscriminadamente com os novos, com os velhos, com os feios e com os bonitos. Mas para fazer sexo, entendeu, essa coisa de você... aí não é por discriminação, é questão de tesão*” (2008:87). Também verifiquei essa realidade, embora, para outros praticantes, mais idade ou peso não contam negativamente no desejo sexual. No entanto, de fato, nessa situação acima, se as duas fossem jovens e de corpos malhados, as pessoas presentes provavelmente teriam conseguido converter o constrangimento provocado pela submissão a que estavam sujeitas com elogios ou brincadeiras diante da nudez inesperada.

que frequentei no interior, no início da década de 1990, em casa de colegas de escola. Uma cena na Tatame foi particularmente ilustrativa de como o *swing* pode ser pudico, tão ou mais do que para garotos e garotas que ainda não descobriram o sexo:

Já tinha quatro horas de casa aberta, *striptease* masculino e feminino, muita gente, mas nada esquentava essa noite que, com ajuda do ar-condicionado no máximo, era glacial. Quase que numa última tentativa, as pessoas se dirigiram ao labirinto que terminava num quarto de estofados próprios para mulheres ficarem de quatro, mas, principalmente, para mulheres “cavalgarem” seus parceiros. O quarto que pode ser facilmente acessado pela abertura sem porta ou ser visto pela treliça estava vazio. Uma espécie de antessala a esse quarto, ou o penúltimo cômodo do labirinto, estava repleta de casais, todos em pé, lado a lado, namorando na parede. O namoro consistia de beijos e abraços tímidos e desprovidos de excitação, num último esforço cansado de quem já foi tomado pelo tédio ou sono, mas não quer ir embora “no prejuízo”. Alguns casais estavam de costas para a parede, homens atrás e mulheres à frente, de costas para eles, às vezes, escorregando ou escorando um pouco para não denunciar a baixa estatura do parceiro. Como nos bailinhos, quando se formavam casais adolescentes que ainda não sabiam reconhecer seus próprios desejos e só descobriam a total falta de interesse pela parceria depois de tudo arranjado, os beijos e carinhos eram protocolares, apenas para poderem se manter ali, observando e sendo observados. Mais intrigante foi o tempo interminável que essa dinâmica poderia durar, revelando o outro lado do *swing* que, muitas vezes, anda paralelo com a ansiedade, uma paciência de Jó. Quando o ar já estava repleto de tédio e tensão, uma das mulheres que estava nessa posição de costas para o parceiro colocou inadvertidamente a mão por trás e o masturbou, saturando o ar de tensão, agora sexual. Ela deu alguns passos à frente, abriu as pernas, inclinou o corpo se apoiando nas treliças, e levantou a saia. O parceiro estava pronto e começou imediatamente com uma expressão ao mesmo tempo feliz e acanhada, de quem se vê subitamente colocado sob as câmeras depois de um feito extraordinário não programado. De bailinho pré-adolescente passaram para ânimos muito excitados num piscar de olhos. A mulher que parecia fortemente compenetrada no que estava fazendo, recusava algumas investidas e aceitava outras, às vezes pegava em um pênis e deixava que a acariciassem, outras vezes retirava as mãos e afastava os pênis de forma bruta. Depois ela se ergueu, entrou no último quartinho, ficou de quatro em um dos estofados e manteve a mesma interação de antes.

As mulheres, no geral, emburraram. Uma ficou com cara de perdida, pensando numa solução, outra foi puxar o parceiro e lhe dar uma bronca e uma outra ficou desolada. Dois rapazes continuaram ali com suas parceiras na parede, ou porque de fato queriam apenas se excitar com a cena ou para evitar maiores complicações. Depois, a moça que deu início aos trabalhos e que sempre tomava a decisão de onde ficar, voltou para a antessala, sempre com o parceiro atrás, seguido por um grupo de homens e suas mulheres, por sua vez, atrás deles. Entretanto, ela

acabou entrando num canto totalmente escuro dessa sala e não foi possível observar mais nada por alguns minutos.

Ela voltou vestida, puxando seu parceiro pela mão e percorrendo o caminho de volta do labirinto. O bando que perseguia o casal então se rarefez. As mulheres seguraram seus rapazes ali, umas com broncas, outras com promessas, afinal o clima agora já era bem mais promissor. Quando passei, avistei o casal já quase na outra ponta do labirinto, agora eram eles os que buscavam interação com outro casal que fazia sexo, formado por um “coroa bonitão” e uma “ninfeta”. O senhor estava sentado num banco e a garota sentada em cima e de frente para ele, e a mulher por trás dela, alisando o seu corpo, e seu fiel parceiro, sempre por trás, procurando uma posição. Entretanto, o senhor não parecia estar apreciando muito, não se sabe se por conta da intervenção do casal ou da audiência minha e do meu amigo, então voltamos ao salão. Logo depois apareceu o casal que salvou a noite com outra *performance* ousada, começaram a fazer sexo no ambiente do salão, onde é mais raro de ser visto, mas nem tão ousada assim, porque fizeram numa mesinha mais afastada. Diante do desinteresse do público, que minguava, eles desanimaram e se sentaram na parte mais clara para uma bebida. (Diário de Campo, Tatame *Swing*, Solaris, 2014)

Os homens desacompanhados parecem, no geral, acabar cedendo ao nervosismo e expondo um desespero que os fazem parecer, por vezes, patéticos. Os solteiros que se apresentam desde as primeiras horas da casa aberta, no geral, controlam sua ansiedade, que só desanda se a noite não “rende”. Já os que chegam madrugada adentro, muitas vezes dão mostras claras de desespero, que parecem trazer de uma noite malograda em outro lugar e que só se acumula ali, acrescidos da excitação, do álcool e da dor no bolso pelos salgados ingressos para homens solteiros. Quanto mais patéticos se tornam, mais difícil parece ser seu êxito; eles buscam alisar mulheres nos ambientes escuros, e tem suas mãos afastadas ou retiradas por elas próprias ou por seus companheiros, e é mais desastroso ainda quando buscam essa interação com casais que já estão fazendo sexo. Andam em bandos, tem feições muito carregadas de tensão, com uma ansiedade que lhes faz perder a postura e parecer todos iguais, infantilizados, pedintes de sexo. Eles seguem os casais que vão para os quartos, se empoleiram nos muros ou tapumes para espiar, disputam os visores como meninos na disputa pelo buraco da fechadura. Entretanto, também nada impede que venham a ter sorte. Presenciei a ação de um desses antes de ir se juntar aos demais.

Ele chegou como se fosse íntimo da casa, entregando o capacete para que uma funcionária o guardasse. Sentou-se à mesa que acabara de vagar ao meu lado; a casa já estava cheia. Ele puxou conversa, eu falei da pesquisa. Diferente do comportamento geralmente praticado no salão, ele

foi insistente e de forma pegajosa e apressada. Na verdade, era apenas a sua segunda vez no *swing*, e ele talvez tenha sido o único a se mostrar visivelmente sem-graça quando perguntei se ele frequentaria o *swing* acompanhado da esposa. Querendo se desculpar, se esquivou de uma forma um tanto desastrada, respondendo: “ela não pôde vir porque teve que ficar olhando o nosso bebê, que só tem três meses, e por isso não convidei”. Nessa situação, já madrugada, obviamente ele teria pressa e nenhum tato para as etiquetas do local. Não conseguindo o que queria, pulou diretamente para a mesa da frente com um casal bem mais velho, provavelmente porque, no seu julgamento, eles, assim como as desacompanhadas, não deveriam estar em condição de exigir muito. Entretanto, para o seu infortúnio, o casal o tratou com desdém. Em seguida ele tentou uma moça do balcão, sem sucesso. Era um olho aqui e outro ali procurando uma mira mais certa. Depois ele se juntou ao grupo de homens solteiros que nessa noite era grande e vagava desesperado pelos corredores. (Diário de Campo, Mirar *Swing*, Solaris, 2014)

Como nas dinâmicas de grupo que ocorrem em entrevistas de emprego, no primeiro dia de aula, no experimento do laboratório de Psicologia Comportamental, na confraternização de Natal do trabalho, e mesmo na despedida de solteira, guardadas as devidas proporções, uma vez que esta é também um rito de passagem, as dinâmicas que se dão no *swing* também têm o papel de “quebrar o gelo”, fazer interagir pessoas que não se conhecem, ou não se gostam, ou não se atraem, ou não têm nada em comum, ou pessoas tímidas, inibidas, retraídas e, além do papel socializador, serve como um teste, um termômetro para perceber os sentimentos, a disponibilidade e a vontade do outro, além das próprias, também as do cônjuge e as do cônjuge do outro, quando é o caso. Poucas dinâmicas foram elencadas nesse item, e serviram mais para ressaltar essas características da socialização do *swing*, pois elas estão por todo o texto, aqui e ali, muito presentes na observação dos *shows* e em várias falas ou relatos que se seguem no próximo capítulo.

O fato de o trabalho de campo nas três últimas casas visitadas ter ficado um tanto restrito à observação, mais do que às interações, pelas razões explicitadas acima, explica a ampla dimensão descritiva que ganharam nesse capítulo, em comparação com a primeira casa, à qual daremos mais peso às falas do que aos espaços, como poderemos notar no próximo capítulo. Assim como acontece com Oitavas, que por conta da recusa da proprietária não entrarão no texto suas especialidades ou *shows*, mas os vários relatos e interações daqueles que quiseram participar da pesquisa. Quanto ao *swing* particular ou privativo, uma visão geral foi oferecida a título de epígrafe da dissertação, e um pouco mais de suas dinâmicas e depoimentos terão lugar no capítulo que se segue.

3 EM NOME DO CASAMENTO

Assim eles se humilham mutuamente. Quando ele já está muito bêbado e triste, ela tenta “alegrá-lo” e uma das coisas que faz é despi-lo no salão para expor sua magreza, sua idade e seu pênis diminuto e impotente. Ele, por sua vez, faz questão de exibi-la como um troféu, mas também a desmerece, inclusive em sua beleza, mostrando que existem outras mulheres tão ou mais bonitas que ela. (Alhures Swing, Alfazema, 2006)

Apesar de também proferido por participantes eventuais em formulações como “ninguém é de ninguém”, na fala dos praticantes, e em especial entre os *swingers* quando saem em defesa do *swing*, o casamento monogâmico aparece como instituição que já nasceu falida, que responde a certos interesses moralizantes⁴⁸. Foram citadas igreja, religião, sociedade hipócrita e por vezes aventados interesses econômicos e políticos por trás da monogamia. Ela reprimiria os instintos naturais, ao que se seguem comparações com espécies animais poligâmicas; trairia a natureza humana e, assim, supostos representantes dos primórdios da civilização, ou homens supostamente em estado natural são citados, como indígenas políginos e poliandros ou árabes e muçulmanos com seus haréns. Ao revés dessa ideia de instinto e natureza humana corre outra: a monogamia representaria uma involução ou

⁴⁸ Participante é todo aquele que faz parte do *swing*, mesmo que seja sua primeira visita. Nesse sentido é o termo mais abrangente, mas pode ser usado também na acepção restrita daquele que só participa e nada mais. Já o praticante é aquele que faz do *swing*, em qualquer uma das suas variadas formas, uma prática. O *swinger*, além de ser um participante e um praticante, identifica-se como *swinger*, afina seu discurso a um discurso institucionalizado partilhado por outros *swingers* e é um porta-voz do *swing* enquanto prática, movimento ou ideologia. Muda mais o grau de comprometimento ou a importância do papel que o *swing* exerce na vida de cada um do que o número de intercursos sexuais realizados nesses espaços. Inclusive, um *swinger* pode nunca ter tomado parte numa “troca de casais”, ou nunca ter mantido relações sexuais na casa de *swing*, o que não se mostrou algo raro. Nem todos poderiam ser facilmente assim classificados e nem é esta a intenção, nem mesmo a de construir tipos ideais; também não se trata de categorias nativas. Essa divisão não deve ser levada ao pé da letra e serve somente como um guia ou facilitador na construção do texto nesse capítulo, nos casos onde especificar um tipo ou traçar comparações entre eles seja relevante. Em várias observações ou interações, durante o trabalho de campo, não haveria como dizer se tratava-se preponderantemente de participante, praticante ou *swinger*. Entretanto, apesar de rápidas ou distanciadas, ou focadas em outros aspectos, essas observações ofereceram dados importantes e não poderiam ser desmerecidas.

atraso civilizatório e, neste caso, a poligamia dos árabes ou dos indígenas não é lembrada, mas sim as orgias, bacanais e mitologia da antiguidade greco-romana⁴⁹.

Diferente do participante eventual que pode se sair com um “todo homem precisa variar de parceira” (ou mesmo um *swinger*, numa fala descuidada), no enunciado do *swinger*, a traição convencional é tida como machista e a liberação sexual pelo *swing* é também uma conquista feminina. Quem tem contato isoladamente com esses discursos, pensa que a proposta está baseada no amor livre, ou até no antimatrimônio ou, no mínimo, na antimonogamia. Entretanto, ao mesmo tempo em que se critica o casamento, muitas vezes de forma apaixonada, e em particular, a monogamia, o *swing* é apresentado como prática para casais, como prática que melhora o casamento, que reforça a confiança, intimidade e a qualidade do sexo do casal e que até mesmo garante a fidelidade, ao diminuir os riscos da traição, separando o sexo do amor e fortalecendo o vínculo do casal.

Importante frisar que, segundo os *swingers*, ou segundo o *merchandising* das casas e *sites* especializados, o *swing* não salva casamentos em crise, pelo contrário, só funciona para casais afinados, casais de alguma forma especiais ou distintos⁵⁰, que transcendam a institucionalização do casamento, em especial a monogamia e o conservadorismo no sexo.

⁴⁹ Ler o *post* “*Swing* de Evangélicos” do sitecristao.com e seus comentários é particularmente elucidativo sobre os tipos de argumentos comumente utilizados por participantes e não participantes de *swing* (pelos que o execram, pelos que são favoráveis a ele e pelos que o “respeitam”), principalmente entre os pertencentes a uma comunidade religiosa. Nele, um casal evangélico que está flertando com a ideia de fazer *swing*, que já avançou um pouco o sinal neste sentido e tem seus argumentos na defesa da prática, mas também suas dúvidas sobre a correção religiosa da mesma, escreve ao pastor Caio Fábio. Ele responde, e entre os comentários recebidos dessas duas postagens, apresento o que mais se relaciona com o assunto em questão, mas o conjunto do material é tão rico que quase daria uma etnografia: “(...) O *swing* foi uma prática instituída divinamente (Pastor, seja democrático e não censure minha opinião). Jesus nasceu de Maria, que era casada com José e teve um filho de Deus (que não era José). Desconsiderando a falta de conjunção carnal, uma vez que Deus não está nesse plano, temos aí uma tipificação de *swing* divino. O fato de José ter aceitado, isso significa que o ato foi consumado, pois, caso contrário, seria traição! Ou José foi corno manso ou foi o primeiro praticante de *Swing* da Terra”. (Anônimo, 01/12/2010) [www.sitecristao.com, acesso em 18/07/2015].

⁵⁰ A referência sociológica utilizada para pensar “distinção” neste trabalho é *A Distinção* de Bourdieu (2008). Segundo o autor, cada grupo reconhece seus próprios valores naquilo que faz o seu valor, ou seja, naquilo que lhe afere o maior valor, a última diferença, a última conquista na distância estrutural que o define. O que é valorizado ou distintivo no topo da hierarquia social não deve guardar qualquer relação com qualquer valor de uso. O que é raro ou luxo inacessível para uma camada social é banal ou comum para a camada superior e isso sucessivamente. Quando um grupo finalmente consegue alcançar o inacessível, ele já perdeu seu valor distintivo. É que aqueles consumos já perderam o seu caráter

Trata-se de compreender que as críticas à instituição do casamento não pretendem de forma alguma liquidar com o casamento. No *swing*, o casamento é protegido de variadas formas. Além dos casais que se fortalecem enquanto tal por meio do *swing*, há maridos que deixam suas esposas em casa e jamais as levariam a um espaço semelhante àquele, preservando, assim, seu casamento. Há ainda a traição convencional, conhecida como auxiliar na manutenção do casamento ou mal necessário, exercida no *swing* por estes mesmos maridos que o frequentam escondidos de suas esposas. Sem esquecer os casais arranjados que adoram brincar ou posar de casados e os pares formados assumidamente por amigos e que todos insistem em tratar por casal, como se isso fosse elogioso, respeitoso ou mais aceitável. Além dessas formas, a preservação do matrimônio abrange, por outro lado, a desconfiança da veracidade de alguns casais e a suspeita ou condenação da participação de prostitutas no *swing*⁵¹.

As condenações no *swing* aos não casais e às prostitutas são, ao final, mais discursivas do que de fato. Talvez sua presença seja proibitiva em clubes mais fechados de que se ouve falar. Já as casas pesquisadas, mesmo em dias reservados aos casais, são muito maleáveis à presença de pares arranjados, prostitutas e pessoas desacompanhadas, principalmente mulheres, sempre bem-vindas. Fora do plano discursivo do *swing* ideal, no *swing* de fato conta menos o *status* da mulher como casada ou solteira, correta ou prostituta, bonita ou feia, entre outras dicotomias, do que o fato de serem mulheres e que cada homem tenha alguma a oferecer na troca. Esse *status* da mulher nem sempre é indiferente, muitas vezes tem o seu peso e será ponderado nas trocas, mas, no geral, é muito mais classificatório do que eliminatório.

distintivo pela simples vulgarização, ou seja, por estarem acessíveis às camadas *inferiores*. Dessa forma se mantêm as distâncias entre as posições e o racismo de classe que faz com que as *classes inferiores* sempre estejam condenadas ao *mau gosto*. Mesmo elogiar determinadas coisas é tacitamente desprezar a classe social identificada com o seu contrário. Assim como a reivindicação da naturalidade de seus gostos tem uma crítica implícita aos *pretenciosos* que buscam alcançar a sua posição. A eficácia distintiva de determinado gosto, ou simplesmente de “o gosto”, uma vez que parâmetro depende da ideologia do gosto natural, que se revela tanto mais natural, quanto menor for o número de “vestígios visíveis de sua gênese” social e histórica, “convertendo diferenças nos modos de aquisição da cultura em diferenças da natureza”.

⁵¹ No site de uma casa chamada *Desirée club*, por exemplo, encontramos: “É proibida a entrada de casais montados (*fake*), ou seja, homem e mulher que sejam amigos ou que um dos parceiros seja contratado; A *Desirée* não é um espaço para a prostituição.” [www.desireeclub.br, acesso em 08/07/2015].

Mesmo as separações induzidas ou aceleradas pelo *swing* não se dão por ele colocar a instituição do casamento em xeque, mas apenas por aquele casamento específico não ter passado no teste do *swing*, particularmente determinante em momentos de crise no relacionamento, no “vai ou racha”, provação fortemente desaconselhada pelos *swingers*⁵². O casamento não resiste quando não se mostra forte e especial o suficiente para resistir à prova⁵³.

Não só o casamento é preservado, como pode ser salvo pelo *swing*. Apesar das advertências de que a prática não salva casamento, vários relatos vão neste sentido.

O marido vinha chegando tarde em casa, e bêbado. Até hoje Eutália não sabe se ele já frequentava *swings* antes de convidá-la. Um dia ele a chamou para jantar fora, e ela estranhou, porque nunca faziam aquilo. No jantar, Eustácio revelou que estava sentindo “dificuldades no casamento” e que tinha falado com um médico (urologista, pelo que ela se lembra), e que este havia prescrito “arranjar outras mulheres”. Ela ficou muito mal e bebeu uma garrafa inteira de uísque naquela noite. Mas, querendo “salvar” o seu casamento, pensando principalmente nos seus dois filhos, resolveu ceder. Contrataram, então, uma garota de programa (não naquele mesmo dia). Ele transou com as duas. Eutália conta que a garota perguntou por que ela estava se sujeitando, afinal ela era muito bonita e não precisava daquilo. Atualmente elas são amigas. Não houve nem há relação sexual entre as duas. Não, ela não tem interesse sexual por mulheres. Sobre sua trajetória no *swing*, explica que “a coisa foi indo aos poucos”, primeiro *ménage* feminino, depois *swing*, e o ciúme e o desconforto cederam e deram lugar ao prazer. Hoje sua avaliação é que “casamento é muito monótono, não tem como aguentar essa monotonia. O *swing* salvou o casamento e o tornou muito melhor do que antes, mais apimentado”. (Eutália e Eustácio, *Alhures Swing*, Alfazema, 2007)

Notei que uma mulher estava sentada sozinha havia um bom tempo, apesar de não estar deslocada, já que era cumprimentada por muitas pessoas, mostrando ser frequentadora assídua. Fui conversar com ela, sobre como ela começou a frequentar a casa. Ela disse que no início achou difícil, teve muito ciúme, mas precisava fazer alguma coisa pelo casamento, e agora já acha

⁵² O conselho serve tanto como aviso de que *swing* não salva casamentos, como para marcar a distinção do *swing* para casais preparados, seletos, eleitos, como mencionado acima.

⁵³ Entretanto, encontrei um *swinger* de longa data que, não conseguindo convencer sua esposa a participar do *swing*, resolveu se divorciar. Ele frequentou por muitos anos sem que ela soubesse, mas à medida que isso ganhou muito espaço em sua vida e ficava difícil justificar tanto tempo fora, resolveu fazer a proposta, já decidido que o mais importante seria manter o *swing*, e então se separaram.

“tranquilo”. Gracinda explica que faz bem para o casamento o homem ver “mulheres mais interessantes que a dele”..., “e para mulher também”, arremata, ao se dar conta do que havia dito. Estão fazendo vinte e cinco anos de casados e quase um ano de prática. Hoje ela ainda tem ciúme, mas só fora do *swing*. Eles têm três filhos, e conta, em tom libertário, que fora o mais novo de dez anos, os outros “sabem”, mas, quando indago sobre a reação dos filhos, revela que eles não sabem se tratar de *swing*, apenas que saem para uma boate. Neste momento, o *stripteaser* da casa interrompe a conversa para lhe perguntar qualquer coisa sobre salgadinhos. Ela me conta que é dona de uma fabricação caseira de salgadinhos para festa. Ela está proibida de comer porque está de dieta e com “problemas de obesidade”, mas nunca enjoa. Adora salgadinhos e faz salgadinhos “24 horas por dia”. O marido tem um escritório, trabalha para o governo, com política. Indago quem tem a maior remuneração. Responde que, com certeza, é o marido. (Gracinda e Graciano, *Alhures Swing*, Alfazema, 2007)

Outro conselho comum é de que os casais devem estar preparados e combinar de antemão todos os limites e respeitá-los⁵⁴, mas os relatos, no geral, apontam para um período doloroso até chegar a esse ponto, e provavelmente muitos desistem nesse meio tempo. Quem se propõe frequentar o *swing* parece só descobrir estar de fato preparado a custo de alguns atropelos. É difícil saber de antemão quais são seus limites, se é que não são constantemente restabelecidos. Inclusive é comum os *swingers*, principalmente no que se refere à experiência das mulheres, relatarem que não se sentiam preparados, ou mesmo que, de início, não queriam participar do *swing*, e depois aprenderam a gostar ou a se adequar, e isso significou uma mudança, um ganho de maturidade em suas vidas.

Casal experiente no *swing*, ele num canto conversando comigo, discurso *swinger*, mas com digressões ou leitura própria de alguém versado em várias áreas do conhecimento. A sexualidade para ele é algo completamente livre, ninguém “tem que” nada, nem sequer tem que “sair do armário”, sexo é um prazer muito próprio, de cada um, sem regras. No outro canto do salão, sua esposa (que depois tive o prazer de conhecer, muito sensível e inteligente, mas com educação formal destoante com a formação intelectual do marido) conversava com Joás, e “se pegavam”. Inicialmente, ele se preocupou se ela estava à vontade ou se o rapaz “forçava a barra”, depois relaxou e comentou que um moço “feioso e gordinho” como aquele poderia ganhar uma mulher “bonita e gostosa” como a sua se fosse “bom de papo” como parecia ser (não mencionei, mas

⁵⁴ Por exemplo, no *site* amorproibido.com.br vemos entre as regras “combine previamente com seu (sua) parceiro(a) o que vocês podem ou não fazer” e “ao escolher um casal, converse bastante e combinem regras claras com eles.” [acesso em 02/08/2015].

não era da mesma opinião. Acabara de conhecer Joás, achei que era bastante insistente e que dificilmente poderia ser considerado “bom de papo”). Permanecemos conversando, eu e Matias, que estava completamente indiferente ao fato de a esposa estar aos “amassos” com o rapaz. Mesmo depois que foram para o quarto, ele continuou compenetrado na nossa conversa. Entretanto, de repente, saiu correndo atrás dela, com olhos estatelados: ódio, ciúme, preocupação? Joás me contou que ele chegou nervoso esmurrando a porta, mas que depois de alguma “agressividade”, ainda conseguiram “negociar” e ele pôde terminar sua transa com Matilde (Matias, Matilde e Joás, Oitivas *Swing*, Oitivas, 2014).

Para Reno, seu pai sempre fora um “mentiroso”, traía sua mãe e ele assistiu todo o sofrimento dela. Então ele prometeu a si mesmo nunca mentir para ninguém. Depois de 15 anos de casado e dois filhos, sua mulher, Roana, ficou “muito gorda e sem solução”. Também teve a “monotonia própria do casamento”. Sentia falta de sexo, mas já não aguentava sempre a mesma coisa. Queria mais. Leu uma reportagem sobre *swing* e começou a se interessar. Sua mulher não queria nem saber, mas “a vontade” foi crescendo, até “perceberem” que era uma questão de salvar o casamento e, que se ela não fosse, acabaria indo sem ela. Roana foi e ficou emburrada o tempo todo. Ela não quis participar e estava com vontade de chorar, mas ele sabia que seria assim mesmo. Na segunda vez, ela parecia “revoltada” e queria “dar para todo mundo”, e depois de “brincarem” um pouco, “resolveram” ir embora. Foi assim no começo, até se acertarem. Um “jogava” com o outro e o resultado era que “sempre um se divertia e o outro ficava mal”, alternadamente. Hoje em dia não é mais assim, estão juntos nessa e quando é ruim, é ruim para os dois. E quando é bom, é bom para os dois. Uma das coisas que os ajudou foi que ele parou de olhar para as muito bonitas e as muito jovens. Essa nova postura, explica, evitou desgaste com sua esposa. Reno acha que ela ficava enciumada quando ele corria “que nem besta” atrás destas “gostosinhas”. Ela lhe dizia que os olhos dele até brilhavam. Na verdade, ele ainda olha e se excita, mas olha com o “rabinho do olho”. (Reno e Roana, Alhures *Swing*, Alfazema, 2005).

Não só nos relatos, observando o *swing*, era muito comum ver cenas em que transparecia possíveis mostras desse clima de teste dos limites: pessoas mais paradas e apáticas do que se estivessem assistindo TV em casa, talvez para evitar confusão com o cônjuge ou sabe-se lá invadido por que tipo de emoção; também casais discutindo e pessoas emburradas ou chorando, principalmente as que se arriscavam em percursos mais propriamente sexuais.

O controle da sexualidade pela sociedade ou pelo cônjuge no modelo tradicional de casamento é fortemente criticado no *swing*. Da crítica ao conservadorismo em sexo e da identidade cultivada como liberal, poder-se-ia avaliar o *swing* em nome de práticas sexuais

dissidentes ou alternativas. Entretanto, em termos de sexo, tudo deve ser combinado antes com o casal com quem se troca e principalmente entre si. E, de preferência, somente flerte, alguns amassos e nenhuma penetração.

Além dessas recomendações expressas de estabelecer todos os limites de antemão⁵⁵ serem um tanto curiosas para um espaço onde se pressupõe a busca da liberação sexual e práticas sexuais dissidentes, é surpreendente como o *swing* é por vezes um local de baixa densidade sexual, como já mencionado. Em outros casos não se trata da tensão sexual que é baixa; mesmo havendo excitação, também são comuns relatos de pessoas que frequentam, algumas vezes por anos a fio, e optam apenas pela “diversão”, de “se sentirem bonitas ou paqueradas”, de “fazer amizade” ou de “dar uns amassos, mas sem penetração”⁵⁶. Também recorrente no discurso *swinger* e no *marketing* das casas é o orgulho por não tomar parte nas trocas sexuais ou a não participação de muitos casais nas trocas ser apresentada como uma qualidade desses espaços⁵⁷.

Lineia é muito elogiada, então faz questão de dizer a todos que tem 55 anos e netos adolescentes. Ela tem um corpo com tudo no lugar, um corpo de dar inveja a muita mulher de 25, realmente impressionante. Não se sabe se por genética, plástica, muito exercício físico ou se por todas essas razões. O certo é que se trata de uma beleza dispendiosa. Isso fica claro em cada detalhe caro de suas roupas e cuidados com o cabelo, a pele e tudo mais. O marido, Lineu, é só simpatia, e não esconde os sinais da idade, que, no seu caso, são bem visíveis, e nem parece preocupado com o seu peso. Ela é comunicativa, alegre, dança, se exhibe. Ele, sempre do lado, sorrindo, parece aprovar tudo. Às vezes, ela aceita umas “passadas de mão”, às vezes se esquiva. Eles dão a entender que não mantêm relações sexuais com outros casais ou que isso só ocorre raramente. Contam que vão mais para brincar, para se divertir (Lineia e Lineu, Alhures Swing, Alfazema, 2005).

⁵⁵ Essa ideia de estabelecer limites está presente não só nas recomendações ou regras, ela se faz muito presente nas falas dos participantes, principalmente dos *swingers*.

⁵⁶ E “sexo sem beijo na boca”, sabidamente comum entre prostitutas e clientes.

⁵⁷ Um exemplo dessa fala é a declaração feita à imprensa de um empresário de uma agência de turismo que promove cruzeiros de *swing*: “Precisamos quebrar esse preconceito [em relação aos *swingers*]; a minoria dos casais pratica a troca. Nossos clientes geralmente focam em três coisas: exibicionismo, sexo no mesmo ambiente e voyeurismo” [*Turismo liberal seduz adeptos do suingue e casais curiosos*. www.noticias.bol.com.br, 25/04/2014, acesso em 02/08/2014].

Dois anos depois, encontro o mesmo casal, na mesma casa. A história é a mesma. As “passadas de mão” e não mais que isso. Lá pelas tantas, Lineia chega ao bar toda suada. Eles estão indo embora. Pergunto por que já vão e ela explica que tinha um “negão” querendo pegar na “boceta” dela. Disse que não gosta desta história de “dedinho aqui, dedinho lá, no meio de todo mundo” e explica, pegam em uma, em outra, depois nela e assim pode acabar contraindo uma doença, uma infecção. Ela estava com o visual muito mudado, ao que explicou que estava “fantasiada de puta de beira de estrada”. (Lineia e Lineu, *Alhures Swing*, Alfazema, 2007).

Conheci um casal em Oitivas, Diná e Dioclécio, em que o marido me lembrava o homem do casal acima, com mais de 60 anos, branco, abdômen farto, dentes de quem frequenta um bom dentista, roupas de qualidade, quase não conversava, mas sorria muito, sem que isso configurasse uma cantada para outras mulheres, e era carinhoso com sua esposa. Ela, 45 anos, entre negra e indígena, magra, tudo em cima, belo corpo, que ela classificou como melhor do que as que tinham coxas e bunda demais e ficavam todas moles, cheias de celulite. Interessante que as mulheres sobre as quais ela insinuava, sinalizando com o olhar, terem coxas e bundas moles eram mulheres de corpo escultural. Entretanto, diferente do marido, ela tinha o rosto sofrido, dentes pouco preservados e olhos opacos. Eles estavam para completar vinte anos de casados e seis de *swing*. Vão sempre à mesma casa e não costumam participar; frequentam para conversar, dançar, se divertir. Eles têm amizades ali, principalmente nos dias reservados só para casais e solteiras. Porque, ela explica, têm os casais que só gostam dos dias proibidos aos solteiros. Indaguei por que não se incomodavam com as solteiras. Ela não abstraiu, só repetia explicando que tinha dias para (homens) solteiros e dias para casados. Sobre as amizades, deu a entender que o convívio era grande, uma vez que frequentava muito a casa e que havia encontros em outros lugares (que nem sempre acabavam em *swing*, mas cuja expectativa, segundo ela, era essa). Ele permanecia sentado, e ela, muito sensual, dançava, de minissaia justa e brilhante, miniblusa colada e arranjo no cabelo. Seu corpo era incrivelmente mais jovem que seu rosto. De fato parecia ter intimidade com as pessoas; uma mulher que dançava sozinha do outro lado do salão se aproximou e elas começaram a conversar, dançando juntas, e com grande intimidade se juntaram a elas duas garçonetes. Não usaram o palco, permaneceram no canto. Ela, às vezes, se encolhia, dançando entre mim e o marido sentado, que ficava com cara de paisagem, sorrindo como um vovô, sem qualquer conotação sexual em sua expressão. Elas sensualizavam, se abaixando e olhando de lado. Parecia que ali ela se realizava, dançava bem e tinha um belo corpo para exibir, mas não chegava a fazer *striptease*. (Diná e Dioclécio, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

A busca de inovação sexual no *swing* no geral termina em valorização do sexo dentro da relação ou do matrimônio. Quando os casais de fato falam de sua experiência no *swing*, em termos de sexo, o que mais relatam é que o sexo com o cônjuge em casa, quando voltam do *swing*, se mostra o “melhor sexo do mundo”. Eles se referem a isso de diferentes maneiras:

“fazer amor com a pessoa que amamos não tem igual”, “a melhor transa que tivemos”, “sexo divino como nos velhos tempos (da relação)”, “a cada visita, ficamos tarados (um pelo outro) por uma semana”, “renovamos a certeza de que nos amamos”, “nos faz lembrar dos motivos que nos uniram e renovamos nossos votos”.

Sol acabara de descer do palco, onde havia participado de uma brincadeira a convite do animador – aquela fora sua primeira vez, estava sem graça, mas parecia satisfeita por ter encarado o desafio. Ela se juntou a nós, eu e seu marido. Eles eram simpáticos e despreziosos. Depois de quase 20 anos de casados e três filhos é que resolveram procurar o *swing* – informação que me causou espanto, pois aparentavam ser bem mais jovens. A vitalidade do olhar e os sorrisos muito sinceros de quem estava totalmente tomado pela experiência de estar no *swing* e de poder falar sobre isso os tornavam ainda mais joviais. Tudo havia começado recentemente. Eles marcaram um encontro numa boate por meio de um *site*, e seguiram para um motel⁵⁸. O outro casal em questão era jovem e inexperiente. Sol ficou com muito ciúme, ainda mais porque a outra era bonita e nova. Contam como foi constrangedora a inexperiência deles próprios somada à do outro casal, além da diferença de idade. Apesar disso, não ficou claro se gostaram ou não da troca, a fala era truncada; talvez não pudessem confessar perante o outro sua real avaliação. Depois, em uma viagem, procuraram uma casa de *swing*. Entretanto, o contato de algumas casas só circula no meio, não chega a ser secreto, mas é preciso conhecer alguém de dentro ou que já tenha ido alguma vez, e o contato deles se restringia ao *site* no período do referido encontro. Também nem todas as grandes cidades brasileiras contam com uma casa comercial de funcionamento permanente, embora, com o crescimento da prática, isso já esteja se tornando algo raro. Então resolveram arriscar em sua própria cidade, e era a terceira vez que vinham a Oitavas *Swing*. Depois, só fizeram troca de casais por mais uma vez, e não gostaram; dessa vez foi com um casal experiente. Por isso, pelo fio do raciocínio, ficou difícil entender se gostavam ou não da experiência dos casais e de participar das trocas. De qualquer forma, relataram que, assim que chegaram em casa, após a primeira troca de casais, “pegaram fogo”, “transaram como nunca”. Acreditam que o *swing* “apimentou” a relação; foi muito diferente ver o(a) parceiro(a) de tantos anos com outra(o), deu raiva, ciúme e muito “tesão”. (Sol e Santiago, Oitavas *Swing*, Oitavas, 2014)

⁵⁸ Enquanto alguns casais começam a frequentar a casa de *swing* para depois se decidirem sobre participar ou não, outros primeiro fazem *ménage* ou *swing* em espaços mais privados para depois buscarem uma casa.

Verena e Vidal são tipos raros, no *swing* e fora dele. Oriundos de famílias humildes⁵⁹, hoje têm carreiras acadêmicas consolidadas. Bem-sucedidos, viajados, vaidosos, corpos esculturais, mantêm laços estreitos com pessoas das mais variadas condições culturais e socioeconômicas, sejam eles amigos, parentes, companheiros de trabalho ou de esportes, e todos parecem encantados por eles se manterem tão acessíveis. Em se tratando de fronteiras entre sexo e amizade, não ficou muito claro o que se passa exatamente entre eles e algumas de suas amigas, mas, de qualquer forma, transparecem deixar uma margem fluida para amizades mais lúdicas e não são de demonstrar ciúme. Uma longa amizade entre eles precedeu o relacionamento amoroso, e já estão como casal há quase dez anos. Por um período estiveram separados, e essa teria sido “a famosa crise dos sete anos”, entre outras crises menores, que também consideram normais nos relacionamentos. Não falaram sobre a crise; Verena só deu a entender que foi traída e, por sua vez, arranjou um namorado no período de separação. Quanto ao *swing*, estiveram algumas vezes na Mirar e outras tantas em uma pousada de *swing* e nudismo, além de terem frequentado duas ou três festas no exterior. Ela também conheceu rapidamente a Amostra *Swing* com um grupo de amigos e amigas, porque Vidal estava exaurido por um treino físico e preferiu ficar em casa dormindo. Consideram o ambiente do *swing* estimulante, seja por encontrarem pessoas interessantes, seja como observadores. Divertem-se brincando com a nudez, a sensualidade, conversando e dançando. Participaram de pouquíssimas trocas e, mesmo assim, sem penetração. Ela conta que, embora tenha se divertido na ocasião que mais se aproximou de uma troca, se sentiu desconfortável devido à diferença de idade. O casal era mais jovem que eles e, apesar de adultos, eles tinham a mesma idade dos seus sobrinhos, e aquilo lhe desagradou. Como relatado por outros casais, ou eles destrocam na hora de transar, ou aquilo serve como estímulo para depois. Segundo Verena, o *swing* os deixa “tarados por uma semana”. (Verena e Vidal, Solaris, 2014)

Fala-se entre os frequentadores, principalmente em suas declarações à imprensa, que existe uma diferença entre amor e sexo que é hipocritamente negada na sociedade, mas é aceita como humana ou natural no *swing*, no qual pode ser vivenciada sem culpa⁶⁰. Por outro

⁵⁹ Utilizei também as expressões “origem humilde” anteriormente e “aparência humilde” mais adiante porque considerei que, apesar de não serem categorias sociológicas, seriam nesses contextos mais claras do que, por exemplo, o conceito embutido em “classes populares”.

⁶⁰ Como exemplo desse discurso, apresento um trecho de uma entrevista na *Folha de São Paulo*, de 08/04/2011, intitulada *Sexo em grupo é mais comum do que se imagina: “O swing - a troca de casais - também se torna cada vez mais comum; chegou à classe média do Ocidente em fins da década de 1970, nos EUA, embalada pela revolução sexual, mas sua prática é antiga em outras civilizações. Os esquimós costumavam deixar suas mulheres emprestadas ao vizinho, quando saíam para caçar. O objetivo era a preservação da mulher, que podia não resistir às baixas temperaturas, sem apoio de alguém. A China também tinha o costume, até a Revolução Cultural, de os maridos, quando se ausentavam, alugarem as*

lado, os *swingers* constatam ou reconhecem que juntos, amor e sexo, o efeito é melhor e insuperável, e que isso só pode ser encontrado na pessoa escolhida ou cônjuge.

Há casos, porém, em que essa clivagem não se traduz posteriormente em união, mas é apenas acentuada no *swing*, como acontece com os casais que permanecem sem sexo conjugal: é o caso da mulher dos salgadinhos acima e o seu marido, ela fica no salão, enquanto ele participa do *swing* para compensar a falta de sexo em casa, ou do relatado por ex-prostitutas que veem no *swing* uma oportunidade de dividir com outras mulheres um pouco o encargo de transar com seus maridos. Também é o caso, que será visto mais adiante, de Irina e Rubina, entre outras, cuja experiência no *swing* lhes deu uma dimensão em seus relacionamentos de que “tudo é uma ilusão” e de que “não existe amor verdadeiro”.

O drama de Matias se apresentou um pouco diferente, é como se representasse ao mesmo tempo os dois grupos, os que fundem e os que separam amor e sexo no *swing*. Ele relata que ama sua mulher, mas não consegue sentir desejo por quem ama e isso não é um problema, segundo ele.

Sua sexualidade simplesmente opera assim, e o *swing* se oferece como oportunidade de ver a mulher como desejável. E aqui sua fala foi se tornando um pouco confusa, talvez porque ainda esteja elaborando seus sentimentos e conclusões a respeito. A esposa se tornaria desejável no *swing* porque estaria descolada do papel do amor (e, neste caso, não funcionaria como reafirmação dos seus sentimentos amorosos), ou, ao vê-la como desejável no *swing*, se encontraria ao mesmo tempo com a mulher que ama. (Matias e Matilde, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

Situação semelhante é a de Lícia e Luca. Começaram pelo “sexo louco e selvagem” de desconhecidos que se dão à experimentação. À medida que caminharam para a paixão e o ciúme, e também para o amor e companheirismo, Luca não conseguia mais desejar Lícia sexualmente, enquanto ela continuava a desejá-lo.

esposas. Os filhos que nascessem no período pertenceriam àquele que alugara a mulher. No Tibet, na África e no Haváí há registro sobre o costume em questão. Penso que no futuro homens e mulheres poderão buscar a realização de seus desejos sem culpa por se livrarem da submissão à moral que nos foi imposta” [www.folha.uol.com.br, acesso em 02/08/2015].

Foram muitas crises, jogos, separações. Lícia ora se revoltava, arranjava outros ou apenas fingia para enlouquecê-lo, mas nada o tirava desse estado de aversão sexual. Em outros momentos, ela buscava compreender, aproveitar o máximo do seu companheirismo, mas a insatisfação de ser “mal comida” não a deixava tranquila por muito tempo. Luca, muito apaixonado e com medo de perdê-la, fazia de tudo para voltar a sentir “tesão” por ela. (Lícia e Luca, Alfazema, 2012)

O *swing* em que estiveram por duas vezes foi uma entre muitas “tentativas desesperadas” dos dois para buscar resolver tantos desencontros. Não tivemos oportunidade de ter outra conversa tão íntima para saber como saíram do impasse e se a passagem pelo *swing* teve algum papel. Eu só soube, tempos depois, que estavam bem e de casamento marcado.

3.1 AMIZADES E FRATRIAS

Não é apenas por meio da troca de casais ou da traição convencional que ocorre no *swing* que se busca ou se tem como efeito o fortalecimento de instituições como o casamento e mesmo da própria monogamia. Falando em família, ela está presente no *swing* também através de outros parentescos além do cônjuge. No caso dos homens, encontrei irmãos, primos, cunhados, tio e sobrinho, sogro e genro. Os encontrei tanto como frequentadores como fazendo da casa de *swing* um empreendimento ou fonte de renda⁶¹. Em relação a parentescos femininos, tive oportunidade de entrar em contato somente com o caso já relatado de uma mãe com sua filha – entretanto, a filha desconhecia que elas estavam no *swing* e permaneceram na entrada do estabelecimento.

Cedrico é garçom e uma espécie de gerente da Alhures Swing. Não tinha tempo para dar entrevista e não queria agendar. Ficou com muito medo porque sua esposa não sabe que a boate onde ele trabalha é uma casa de *swing*. A mulher é “piauiense brava”. Pergunto se ele faria *swing* com ela, caso ela não fosse brava. Não, ele não faria. Seu irmão Cristóvão também trabalha lá na

⁶¹ Mas, em termos de fazer do *swing* um negócio (o que se mistura muito com o engajamento ou militância no *swing*) se destacam os casais. São casais que patrocinam o *swing*, que cuidam da portaria, do caixa, da organização de eventos, da programação, dos *shows*, do *site*, da contabilidade, entre outras tarefas. Entretanto, seria difícil falar mais sobre esses casais sem quebrar o anonimato. Apesar da expressiva presença desses parentes e casais desempenhando funções, a maior parte delas era ocupada por funcionários comuns.

mesma situação, o que significa que é um segredo que envolve a família. Estão na casa há mais de cinco anos. (Irmãos Cedrico e Cristóvão, Alhures, Alfazema, 2007)

Estava esperando o táxi, formávamos uma roda, eu, dois rapazes que fumavam do lado de fora e o segurança. O de aparência mais burguesa⁶² puxou assunto sobre a Copa do Mundo, então em andamento, dizia-se não muito satisfeito e elogiava a de 94, que teria sido sua primeira e a melhor. Seu colega sustentava 2014 (antes da derrota do Brasil); segundo ele, sabia defender o seu país, era patriota, “tinha que ser patriota”. O segurança, que parecia gostar de ironizar assuntos masculinos, perguntou se eles se lembravam como havia acabado a copa de 94, respondendo ele mesmo, numa gargalhada: “no zero a zero, nos pênaltis”. O rapaz patriota e de aparência mais humilde, mudando o rumo da conversa, que não lhe era favorável, se vangloriou de ser cunhado da “Betinha”. E explicou, “Betinha, a Bertina, a sócia, a dona da casa”. Ele era seu cunhado, seu amigo, não pagava nada, podia entrar e beber à vontade. Indaguei pelo parentesco, se o irmão dele era casado com ela, ao que ele respondeu de imediato, de forma muito espontânea e na defensiva, protegendo a honra do irmão: “casado não, ele come aquela vagabunda”. Depois ficou meio vermelho e sem-graça por ter falado assim da sua Betinha. Então passou a descrever o irmão com características heroicas, falando do seu tamanho e apetite voraz nas refeições e, agora, de forma mais suave, explicou que o irmão tinha um caso com Betinha, que não eram casados. (Irmãos Berardo: o namorado e o cunhado de Bertina, 2014)

O posicionamento crítico em relação ao casamento é acompanhado, no *swing*, de uma proposta de novas formas de relacionamento, amizade e sociedade. Se a amizade e a convivência propiciadas pela casa são relatadas por alguns como algo que poderia ocorrer em qualquer outro espaço, para os mais engajados, é no *swing* que surge uma maneira inovadora de se relacionar, e mesmo uma nova forma de pensar a sociedade, baseada numa concepção libertadora da sexualidade. Ou, no mínimo, o entendem como um espaço privilegiado para se fazer amizades.

Em Alfazema, muito se fala dessa nova concepção das relações sociais, mas pareceu difícil encontrar um exemplo dela. Quando pedia aos próprios *swingers* defensores dessas ideias que me dessem um exemplo dessa relação, eles tinham dificuldade em responder.

⁶² A ideia quando falo em aparência burguesa ou dispendiosa é apenas fazer referência de forma simplificada ao *habitus de classe* (Bourdieu, 2008) que fica impresso nas roupas, nos cuidados com o corpo e nas maneiras ou modos do sujeito e que é identificável pelo outro, geralmente de forma rápida, mesmo que nem sempre exata, num primeiro julgamento ou olhar – da mesma forma como outras segregações incorporadas se operam, por exemplo, na diferenciação entre mulheres e homens, brancos e negros, jovens e velhos, de um modo um tanto automático.

Zaqueu defendeu a importância da intimidade e cumplicidade que se cria no *swing*, entretanto “tudo com muita discrição”. Dito isso, “intimidade” e “cumplicidade”, indago se os laços estabelecidos no *swing* transcendem aquele espaço. “Não..., sim”, se enrolou. Disse que em nome da discrição, não, mas que alguns casais mantêm amizade. E o seu discurso abstrato, cheio de exemplos históricos, foi reduzido a um “eles podem marcar para tomar um chope juntos”. Curioso é que quando conheci Zaqueu no *swing*, ele fazia parte de um grupo que me pareceu muito coeso. Eles, inclusive, viajavam juntos, frequentando *swings* de outros lugares. Apesar de estarem sempre com as mesmas mulheres nos *swings* de Alfazema (que não eram suas esposas ou namoradas), nunca se referiam ao grupo como se elas fizessem parte dele. Esses homens, que têm em média 45 anos, se designavam por um nome coletivo que exaltava sua masculinidade e deixava claro tratar-se de um grupo formado somente por homens, nome que era ao mesmo tempo uma identidade e uma propaganda dos seus dotes sexuais. Outra identidade que compartilhavam era a de raça e local de origem, identidades que também funcionavam (ou eram articuladas) como atributo sexual ou de virilidade. Especificamente no dia dessa conversa sobre amizade, Zaqueu estava sozinho, boa parte dos membros não morava na cidade, e não mencionou nenhuma vez o seu grupo que tanto prezava, quando perguntei pelos laços criados no *swing*. (Zaqueu, Alfazema, 2005-2007)

Talvez o grupo seja anterior ao *swing* e ele não identifica uma coisa à outra, e procurou se lembrar de amizades originadas no *swing*, o que seria estranho, porque não estávamos sendo específicos. É possível, ainda, que esse grupo, claramente tão importante para ele, não seja composto de amigos, mas de pares, o que pode ser caracterizado como uma fratria, ou irmandade viril na constituição da hierarquia de gênero, como pensada por Segato (2003,2005) e que explorarei no último capítulo.

Clídio, que também já havia dado várias mostras do pertencimento e antiguidade e de ter Zaqueu e os outros integrantes na mais alta conta, não se surpreendia com o fato de nunca ter encontrado em outras circunstâncias as mulheres que sempre os acompanhavam nos *swings* de Alfazema, e também não lhe causava nenhum estranhamento o fato de não pensar nos integrantes do grupo como amigos, e de mal saber da vida deles.

Nos *swings* em Oitivas e Solaris, de fato, são perceptíveis os laços mais estreitos e, em alguns casos, sinais de maior aceitação da diferença no geral e das sexualidades periféricas; entretanto, há vários indícios de discriminação padrão. A forma, por exemplo, como alguns casais, e principalmente algumas mulheres, se movimentam no salão já denota outro tipo de vivência, como abraços e olhares de interesse sincero, pessoas que se reencontram e têm assunto para colocar em dia. Algumas se frequentam há muitos anos e não só na casa de

swing. A intimidade entre determinados clientes, funcionários e proprietários da casa é revelada por abraços, cumprimentos, pessoas que se chamam pelo nome, que comemoram aniversários, se presenteiam e falam do trabalho e dos filhos.

Apesar de aparentarem ser casal antigo e terem muita história para contar, Ítalo e Ionara estavam juntos há apenas dois anos. Ítalo tem uma teoria: o *swing* em Oitivas é formado por pessoas amigas e solidárias, diferentemente dos *swings* em cidades como x, y, z, e cita outras cidades, inclusive Alfazema. Explica inicialmente essa diferença pelo tamanho das cidades, cidades grandes teriam uma sociedade fria e um *swing* muito comercial, consideração que revelou muito mais uma identidade formada por um imaginário compartilhado por Ítalo de uma vivência comunitária do que uma diferença real do porte das cidades, uma vez que algumas citadas para exemplificar as grandes e frias eram menores que Oitivas. Sociedades solidárias se refletiriam num *swing* cheio de amizades, as pessoas não estariam preocupadas só com o *swing*, mas estariam unidas pelo *swing*, sentindo-se mais à vontade entre si por compartilharem da mesma forma de pensar o sexo, como era o caso daquela rua em que estávamos, a Fulano. Então indaguei se não estaríamos, na verdade, na rua Sicrano. Sim, estávamos, mas em seguida começava a rua Fulano, rua conhecida como liberal e *gay*. Vem em seu socorro para ajudar a falar da rua liberal o teórico do *swing* mencionado no capítulo 2, aquele que dizia entender tudo de *swing*. Falam de forma confusa; é a rua, é o *swing* ou é a cidade liberal, a quê se referem? Dão a entender que o *swing* recebe bem os *gays*. Então pergunto, e um e outro respondem: “aqui vocês não discriminam homossexuais?” Nem poderíamos, claro que não. “Mas os homossexuais frequentam o *swing*?” Não, eles frequentam a Boate Beltrano. “E por que eles não frequentam o *swing*?” Porque *swing* é para casais. “Mas e os casais *gays*?”... (Isso sem mencionar os heterossexuais desacompanhados e as lésbicas que de fato frequentam o *swing* e não são “casais”). Desconversaram. O rapaz voltou à portaria, e continuei com Ítalo. As amizades no *swing*, segundo ele, eram de verdade, pessoas com quem se podia contar em momentos difíceis e com quem se sentia à vontade com sua forma de viver, ou seja, com o fato de serem adeptos de *swing*. Pedi que ele me falasse um pouco sobre essas relações de amizade. A primeira coisa de que se lembrou foi do *swing* em outros espaços. Relatou que encontros com cerca de 40 pessoas em motéis eram comuns. Nem todos eram conhecidos, mas precisavam ser apresentados por alguém de dentro, porque aceitar pessoas da Internet era complicado. Os casais não só podiam como deveriam apresentar novos casais⁶³. O grupo era muito aberto às novas relações, contanto

⁶³ Moraes da Silveira fala da importância dos novatos no *swing*: “Mas tal estratégia não se mostrou rentável, e tal noite – voltada somente para pessoas com carteirinha – não teve muito público; com isto, é possível interpretar que o público assíduo gosta de novos *swingers* em potencial. O convite e a sedução dos(as) não iniciados(as) faz parte, assim, do jogo que ocorre no clube” (Moraes da Silveira, 2014:16).

que as novas pessoas “soubessem se comportar”. E como exemplo dessa relação de amizade extrapolando não só a casa de *swing*, mas o próprio *swing*, falou dos aniversários dos filhos, em que as crianças dos casais da mesma faixa de idade do aniversariante eram convidadas. (Ítalo, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

Sentando-me ao lado de Ionara, solidariedade, aceitação e contradições se repetiram em sua história. Ela contou em detalhes como havia se estabelecido sua relação com Ítalo. Quando o conheceu, ela estava muito ressentida por ter tido que mudar para uma região pobre da cidade. A convivência no mesmo bairro com o seu ex-marido se tornara impraticável e, com a mudança, ela se viu longe dele, mas em uma realidade que não conseguia aceitar. Nesse contexto conheceu Ítalo e o novo relacionamento a tirou da amargura que sentia naquela época. Seus dotes domésticos a ajudaram a se aproximar da família dele e também a ter uma nova fonte de renda. Com uma cirurgia estética que dera errado, mais uma vez ele fora para ela sinônimo de aceitação, compreensão, apoio. Ela se sentia péssima, mas ele não deixara de desejá-la e a ajudara a passar por tudo, mesmo tratando-se de um relacionamento recente, e ela lhe era muito grata. Fora ele, antigo adepto, quem havia lhe apresentado o *swing*. Eles nunca participavam das trocas, apesar de frequentadores assíduos. Ela não se sentia à vontade para expor suas cicatrizes e ele concordara em não participar, uma condição colocada por ela. Enquanto falava comigo de forma tão compenetrada, me olhando nos olhos, não tinha como ela saber o que ele fazia, por onde andava, e não parecia preocupada. O mesmo aconteceu depois, quando ela se ausentou e ele não pareceu preocupado enquanto conversávamos. Se a cicatriz ficava embaixo da roupa e servia como garantia de não precisar tirá-la, ela pareceu reforçar uma aparência não desejável. Apesar de graciosa, tinha um aspecto adoentado que não fazia questão de disfarçar, dava ares de alguém que recebe visitas de condolências. Já ele era bem apumado. (Ionara, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

O *swing*, para ela, era bom porque (e antes fez um adendo), embora não tivesse preconceito (e mudou o tom de voz e me puxou para baixo para falar), não tinha pobre, porque um casal devia desembolsar em média duzentos reais, e isso já funcionava como uma barreira, pois, querendo ou não, os pobres não podiam pagar⁶⁴. Não que eles fossem abastados, ao menos não deram nenhum indício disso em suas narrativas, pelo contrário. Entretanto, ela tinha suas preferências,

⁶⁴ A preocupação com os traços distintivos, também no que se refere ao capital cultural, pode ser verificada nesse anúncio de uma festa de um “*swing* universitário” em noite “exclusiva para casais”. Nota-se ademais que o casal não precisa ser simétrico, basta um ter o traço distintivo: “Estudantes e diplomados (comprovados) pagam somente meio ingresso! Amiga de casal, *free*. Basta um dos integrantes do casal ser estudante ou diplomado”. [privatebarclub.com.br, acesso em 31/07/2015]

citou, por exemplo, os bairros nobres que admirava. Quando ele voltou, também comentou sobre o preço dos ingressos no *swing*, o que, apesar de ter usado cifras muito próximas às utilizadas por ela, gerou uma discussão. Ele usava os mesmos valores e também os considerava vantajosos, entretanto, a argumentação era invertida. Enquanto para ela o preço do *swing* era motivo de distinção social, para ele, apesar de também considerar caro, era vantajoso por ser mais barato se comparado a uma “saída normal”, como um barzinho, e com mais garantias de diversão. (Ionara e Ítalo, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

Já na percepção de Anunciada, considera as amigadas no *swing* como interessadas, apenas visando sexo, e se ressentia em sua trajetória nesta prática de uma rejeição às pessoas verdadeiramente excêntricas, como o seu marido, Alípio.

Eu tinha trocado olhares com ela várias vezes, muito bonita e simpática (ela estava na minha frente e o corredor de passagem, entre nós duas). Ela gracejou comigo e com quem mais estivesse por perto que tinha perdido o marido, mas olhava para a rua, ou seja, mais provavelmente no movimento da rua do que no *swing*. Ela participa do *swing* há dois anos, sendo que no último ano raramente e, antes, quase toda semana. Primeiro justifica o afastamento em função das muitas ocupações que agora ela e o esposo estão envolvidos. À medida que conversamos foi ficando claro que seu envolvimento recente com a universidade tirou seu foco do *swing*. Ela aparenta 25 ou 30 anos, mas está na casa dos 40, já tem filhas adultas e está há cerca de quinze anos com o marido. Os dois passaram muito tempo vivendo no exterior. A experiência foi boa e aprendeu várias coisas, mas teve que interromper sua história no Brasil, que estava buscando retomar agora. Um dos lugares onde morou no exterior mudou muito sua visão de mundo. As pessoas eram diferentes, liberais, muito por causa do calor, segundo ela. Foi bom voltar ao Brasil, mas foi difícil em parte, porque estranhou muito o comportamento conservador das pessoas, principalmente a falta de independência das mulheres (e, nesse momento, não levou muito em conta o calor indescritível que fazia enquanto conversávamos). Aos poucos foram ficando claros os motivos da sua interpretação. No exterior, ela era uma mulher independente e, no Brasil, foi um choque passar a depender da família, o que a tornou mais sensível à falta de independência das outras mulheres. Agora já era novamente independente, tinha seu emprego e a universidade. Explica que se afastou do *swing* porque as pessoas só queriam sexo, não tinham amizade de verdade. Até marcavam outras coisas, em outros lugares, mas a intenção era sempre acabar em *swing*. O *swing* representou seu único grupo de amigos no primeiro ano após o regresso (porque tinha perdido contato com os seus amigos antigos), mas ficava insatisfeita. Pareceu-me também que foi no *swing* em que ela buscou as pessoas liberais das quais sentia falta, mas não as encontrou. Agora já estava formando um grupo de amigos no trabalho e principalmente na universidade; era uma fase da vida que lhe dava bastante contentamento. (Anunciada, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

Anunciada explicou que seu marido “fazia muita festa, tanto se ele te viu ontem como se te viu há dez anos”, quando encontrava as pessoas, o que a deixava enciumada. Perguntei se no *swing* ela ficava menos enciumada, e ela me respondeu que sim e depois que não, que no *swing* ela ficava ainda mais enciumada. Disse que por muito tempo esse jeito dele não havia sido fácil para ela, mas que naquele momento estava tranquila. Na verdade havia apenas dois anos que praticavam *swing*, era muito recente, diferente do que sou quando colocou o ciúme e o *swing* num passado remoto. A percepção do tempo pode ser muito diferente quando se vive em um torvelinho de emoções.

Eles já participaram do *swing* “cada um para um lado”, sem problema. Ele já foi uma vez sozinho e em outra foram juntos, mas não participaram. Teve outra vez que ela estava tão cansada que adormeceu no quatinho do filme pornô e só acordou quando ele voltou contando que tinha transado com um casal. Ele ficava ansioso a semana inteira quando combinavam de ir ao *swing* e era um problema quando ela mudava de ideia. Às vezes estava cansada, sem vontade de ir ou tinha um contratempo, mas ele se tornava “tão insuportável” (no sentido de irritante, chato) se o programa fosse cancelado, que era melhor ir de qualquer forma ou incentivá-lo a ir sozinho. Mas o melhor mesmo, que é o que tentava fazer agora, era não combinar nada com ele com antecedência. Na vez que foram e não participaram, ele também ficou insuportável, conta. Parece que só ela se decepcionou ou perdeu o interesse pelo *swing*. (Anunciada, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

Depois reconsidera dizendo que no *swing* existem amigos sim, mas formam “panelinhas”. Ela sente que ela e o marido são excluídos, não são convidados para os programas. Contou uma situação específica ocorrida em uma festa particular de *swing*, na qual as esposas provavelmente a teriam visto como uma ameaça e, desde então, não foram mais convidados. Falou várias vezes que o marido era “meio hiperativo”, que fulano disse que ele é hiperativo. Deu a entender que o marido não tem muito tato, que é um pouco inconveniente, ou numa leitura mais positiva que fez, o marido é “diferente dos outros”, é “doido mesmo”. Entendi do que ela estava falando ao observá-lo. Alípio era muito espontâneo, sem muita malícia ou tato para as regras, dentro e fora do *swing*; ele fazia e dizia o que lhe vinha à cabeça. O que ela pareceu querer dizer quando falou que ele era diferente, é que ele era de fato uma pessoa muito livre. Presenciei no caminho até o carro deles uma situação que pareceu ilustrar o que ocorre recorrentemente com ele e que ela captou tão bem. Alípio muito gentilmente fez questão de me dar carona, de aumentar um pouco o seu caminho, e afirmou que mesmo que fosse muito mais distante, me levaria. Poderíamos também marcar um dia no *swing*, e que ele me buscava e me levaria sem problema, e que também deveríamos marcar uma pizza ou programas sem relação com a pesquisa, ou que eu poderia também sair só com a sua esposa e a família dela, irmãs e mãe, para um sorvete, como elas costumavam fazer. Enfim, uma pessoa muito dada, sem reservas. Na rua, duas moças de

aparência burguesa que dobravam a esquina perguntaram pelo melhor caminho para tomar um táxi. Alípio explicou detalhadamente as opções, mas também ofereceu carona e insistiu em levá-las, mesmo as meninas sendo deselegantes, recusando sem polidez necessária para um estranho que é gentil de forma tão gratuita. Ainda assim, ele insistiu uma última vez. Anunciada só observava, muito consciente de todo o processo de discriminação sofrido pelo marido. Já ele parecia alheio ou indiferente. (Anunciada e Alípio, Oitivas *Swing*, Oitivas, 2014)

Inicialmente, a diferença de Oitivas em relação à Alfazema me impressionou; supus que o *swing* em Oitivas, mesmo também tendo suas contradições, estivesse mais próximo do que a ideologia *swing* enunciava. Com o tempo, entretanto, fui percebendo que essas diferenças são possivelmente melhor entendidas levando em conta a própria diferença entre determinadas características das sociedades de Alfazema e Oitivas. No contato ou convivência fora do *swing* com sujeitos dos mais diversos estratos sociais provenientes das duas cidades, pude notar que nos cidadãos de Oitivas (e o mesmo pode ser afirmado em relação a Solaris) havia uma liberdade sexual maior e relacionamentos menos ciumentos se comparados aos de Alfazema. Em relação às amizades também existe uma diferença, que não é necessariamente a mesma assinalada por Ítalo, já que fazer amizades em Oitivas também não parece fácil. Porém, uma vez estabelecidas, elas se mostram muito comprometidas e solidárias.

Entretanto, ao mesmo tempo em que isso aponta para características diferenciadas entre os *swings* das três cidades, devidamente exploradas nessa pesquisa⁶⁵, a maior liberdade sexual e maior presença de laços de amizade nos *swings* pesquisados em Oitivas e Solaris não são muito significativas em termos utópicos ou emancipatórios propostos pelo *swing*, uma vez que são um reflexo das sociedades em que os *swings* se dão. Além do mais, independente dessas diferenças, são mantidas a mesma valorização da monogamia (e da heterossexualidade) e a clivagem de gênero nos *swings* pesquisados das três cidades. Assim como em todos eles foi possível perceber, paralelamente à reafirmação de preconceitos e reforço da normatividade, indícios, em maior ou menor grau, de transcendência ou de rebeldia com as estandardizações em termos de sexo e desejo.

⁶⁵ Refiro-me aqui às características, uma vez que a comparação do *swing* entre as cidades de fato não pôde ser explorada, devido à preservação do anonimato.

3.2 AQUI NÃO É O “CLUBE DE COMPRAS DALLAS”

Swingers e praticantes afirmam que não há homofobia no *swing*, e chegam a alinhar em seus discursos, mesmo que remotamente, o *swing* enquanto causa com a luta LGBT; entretanto, somente mulheres bissexuais acompanhadas de homens ou solteiras são bem-vindas e tanto casais de mulheres como de homens *gays* estão fora de questão. Isso ficou claro no caso da rua, mencionado acima, em que a identidade compartilhada com os *gays* só vale enquanto dividem a mesma rua liberal, mas *gays* e *swing* não se misturam. O mencionado grito de chacota em tom agressivo dirigido a um heterossexual, “é *gay* que eu sei”, ao microfone, também é ilustrativo ou um alerta dos vexames a que os *gays* podem ficar expostos caso queiram participar do *swing*. É possível encontrar menção expressa em alguns sites de que o *swing* não é para *gays*⁶⁶. Entretanto, esse discurso oficial se pretende neutro, não homofóbico, como se fosse possível excluir os *gays* sem nenhuma implicação política para o *swing*: simplesmente aquilo não é para eles. Em contrapartida, a participação de mulheres bissexuais é altamente incentivada, assim como de lésbicas desacompanhadas. Neste caso, também não é à sexualidade que pretendem dar peso, mas à disponibilidade de mulheres e principalmente de mulheres dispostas a participar de *ménage*. O que se pretende atrair não são casais de mulheres, mas mulheres desacompanhadas e mulheres que se dispõem a fazer sexo com outras mulheres.

Se existe um desejo homossexual consciente ou inconsciente entre os homens no *swing*⁶⁷, então ele tem que se realizar sobretudo por meio do corpo da parceira trocada, beijada, tocada e penetrada por outro; ou por meio do voyeurismo e do exibicionismo, pela possibilidade de estar em um ambiente na presença de outros homens nus e outros homens fazendo sexo; ou do toque “acidental” ou “inevitável” em ambientes exíguos, escuros, lotados ou para se adaptar a determinadas posições sexuais. (Levando isso em conta, não seria menos verdade que os homens podem ter acesso a outras mulheres também por meio do corpo de suas parceiras, em casos em que haja um impedimento para um contato direto, como, por

⁶⁶ Nas “regras e dicas” do site da casa *Desirée Swing Club* encontramos: “Casais, no meio *swinger*, são homens e mulheres casados, noivos ou namorados. (...) O *Desirée Swing Club* não é um espaço/balada LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero).” [Acesso em: 08/07/2015, www.desireclub.com.br].

⁶⁷ Não foram observados em campo nem a presença de um público *gay*, nem indícios de desejo homossexual entre homens.

exemplo, impotência ou um acordo do casal de que a experiência no *swing* deve se restringir ao contato da parceira com mulheres e o parceiro apenas assistir).

Foram observados alguns *gays*, transexuais e *drag queens* no papel de animadores e *promoters*. Fora isso, os relatos que surgiram sobre a presença de homossexuais e transexuais no *swing* foram poucos e são mais reveladores de uma fantasia (não necessariamente sexual) daqueles que relataram do que por meio de indicadores ou registro de sua participação.

Élton, segurança da Alhures, uma vez recebeu proposta de participar do *swing* e, como a casa já estava mais vazia, aceitou, mas o marido do casal era homossexual, e ele não contava com isso, não lhe avisaram com antecedência. Ficou “puto”, mas diz que não se sentiu desrespeitado e nem brigou, afinal, ele é funcionário e, o outro, cliente. De início, a proprietária havia lhe pedido que evitasse participar do *swing*, mas não chegou a colocar como proibição. (Élton, Alhures *Swing*, Alfazema, 2007)

Ema, também na Alhures, relatou ter tido “impressão” de desejo homossexual entre dois homens. Ela contou que estava fazendo dupla penetração com eles e se exibindo para as pessoas que espiavam na janela. Depois de fechada a cortina, teve uma sensação que estavam curtindo mais entre si, apesar de não terem feito nada de efetivo a não ser aquele que estava em baixo dela ter saído e se posicionado atrás do outro, mas acredita que pode ter sido impressão da sua cabeça, talvez simplesmente ele estivesse estudando a possibilidade de também pegá-la por trás. Ema também conta que estava beijando e acariciando os seios de uma mulher num escuro extremo do labirinto. Depois, percorrendo o seu corpo com a mão, teve a forte sensação de tratar-se de “um homem que tinha passado por cirurgia”, pois, apesar de não ter pênis, seus músculos eram de uma rigidez masculina. (Ema, Alhures *Swing*, Alfazema, 2006)

O *swing* também se apresenta como um espaço onde essas mulheres bissexuais e homossexuais solteiras podem se sentir mais à vontade para interagir com outras mulheres, independente da orientação sexual, do que em outras realidades, uma vez que são convidadas ou incentivadas a frequentar as casas.

Segundo sua amiga Liara, Gaia, que está lá dentro, no labirinto, se designa como homossexual, mas também transa com homens e inclusive já foi “amigada” com um. Ela conta que Gaia se irrita com os “guetos lésbicos” de Alfazema, considera as mulheres “feias ou machudas” e embora acabe encontrando, por vezes, alguém interessante, tem preferência pelas mulheres que circulam nos meios heterossexuais, que correspondem ou não às suas investidas. Gaia parece circular bem em qualquer meio, mas, mesmo já tendo conseguido “aprontar” bastante, existe uma insegurança e incerteza a mais em se tratando de mulheres em ambientes heterossexuais, o

que a deixa mais tímida e vulnerável às recusas, sentidas como humilhação. Muitas mulheres dariam sinais trocados só para receber uma cantada e dizer um não. Apesar de Gaia não ter conseguido nada muito concreto com as mulheres no *swing*, e de estar naquele momento num *gang bang* com muitos homens, teria se divertido flertando com elas. De fato, eu as havia visto na piscina, e davam boas gargalhadas brincando com o silicone de Lineia, enquanto Lineu divertia-se assistindo do lado de fora. (Amigas Gaia e Liara, *Alhures Swing*, Alfazema, 2005)

Passou por mim uma menina de beleza impecável, de capa de revista, seguida de sua amiga também bonita. Um senhor falava admirado da juventude delas, teriam no máximo 20 anos. Outro senhor comentou que a primeira não perdoava ninguém, queria todas. Chamava atenção o fato de essa moça, jovem e de beleza fenomenal, estar assediando mulheres mais velhas – e não o contrário –, e o fato de ela e sua amiga se sentirem tão à vontade e serem tão amistosas com todos, não fazendo distinção entre as pessoas, não se importando com a idade de alguns ou o suor em bicas e a embriaguez de outros: todos eram abraçados e recebiam sorrisos. Os comentários entre esses senhores, estimulados pelo “desfile das garotas”, versava sobre “Lobo mau e chapeuzinho”. Já a brincadeira numa roda de mulheres que se formou era de troca de “selinhos”, beijos de lábios fechados, mas nesse caso literalmente com um selinho, um adesivo que passava de boca em boca, e eram essas duas que ousavam mais, fazendo uso da língua. (Mirar *Swing*, Solaris, 2014)

Eram delas os primeiros rostos burgueses daquela noite, que depois teria seu perfil transformado com a chegada de muitos jovens brancos de aparência dispendiosa que parecem ter escolhido o *swing* como uma boate diferenciada ou ousada. As duas chamavam atenção e estavam com um rapaz ainda mais apessoado. Heda, a mais alta e de corpo impecável, dançava e, à medida que sua empolgação aumentava, a mais baixa e de corpo quadrado ficava amuada. Depois estiveram um tempo ausentes do salão. Já no final da festa, Heda, que tinha exatamente o mesmo espírito da “chapeuzinho” mencionada acima, a ponto de ter de me certificar várias vezes não se tratar da mesma pessoa, dançou sensualmente com outra igualmente bonita, mas demonstrou a seguir que beleza ou idade eram um tanto indiferentes em suas escolhas. Ela foi atrás de Gina, uma mulher que em nada se comparava a sua juventude e aparência, e que dançava, havia quase uma hora, de forma um tanto desesperada, de frente ao palco, sem conseguir atrair grandes atenções. Heda dançou como se Gina fosse a mulher mais atraente do mundo. Essa, mesmo em sua heterossexualidade presumida, se vendo assediada por uma mulher tão bonita, ficou lisonjeada e retribuiu a sensualidade e os beijos. Somente quando Heda se ajoelhou a sua frente, levantou sua saia e começou a mordiscar sua calcinha, foi que Gina resolveu educadamente se distanciar. Sem perder o ânimo, Heda continuou dançando, puxando conversa e seduzindo mulheres desacompanhadas ou distanciadas dos seus companheiros, mas acabou (igualmente animada) com um casal, num canto do salão. Ela despiu a moça que tinha o olhar de quem está

experimentando coisas novas e parecia uma ninfeta. O rapaz rondava satisfeito, negociando os próximos passos no salão, para quem quisesse ver, já que estava com duas garotas que poderiam ser finalistas em um concurso de beleza. (Amostra *Swing*, Solaris, 2014)

A recusa dos *gays* e as boas vindas às lésbicas solteiras no *swing* se mostram complementares, na medida em que das duas formas se garante a normatividade heterossexual, em se tratando de sexualidade e da instituição da família. Os casais homossexuais são excluídos da prática e o incentivo à participação de mulheres bissexuais ou homossexuais solteiras aumenta o número de mulheres disponíveis, principalmente para a fantasia altamente disseminada de um homem e duas mulheres, e, por outro lado, realiza desejos homossexuais de algumas esposas de forma controlada, sem afetar o casamento heterossexual.

Não somente a homossexualidade das esposas pode ficar sob controle, mas também a impotência dos maridos pode ser gerenciada no *swing* em acordos que parecem prometer menor vexação, como será tratado a seguir.

Também a frigidez feminina, o desinteresse específico pelo marido ou ainda mulheres com maridos sexualmente compulsivos⁶⁸, todas são questões que podem ser gerenciadas ou contornadas por meio do *swing*, enquanto um problema do casal, principalmente quando a mulher se abstém de participar. Mantendo-se sentadas no salão enquanto eles “aprontam” nos quartos, elas se safam um pouco do assédio dos seus parceiros, e “sem criar problemas”, uma vez que permanecem sozinhas.

3.3 IMPOTÊNCIA REMEDIADA

Homens que sofrem de impotência sexual, disfunção erétil, ejaculação precoce ou que simplesmente “não dão conta de apagar o fogo da mulher” parecem ser comuns no *swing*.

Filipo joga Filomina para cima de mim, pede para ela ir até minha mesa e me oferecer um *drink*.

Ela é todo charme, senta, conversa, faz biquinho no canudo, mas volta com a notícia para o

⁶⁸ Apesar de impotência, frigidez e compulsão sexual, assim como disfunção erétil e ejaculação precoce serem muito mais termos médicos do que categorias nativas e menos ainda das Ciências Sociais, eles se prestam bem a comunicar o que se pretende, inclusive colocando o *swing* enquanto parte de um dispositivo de sexualidade que, em termos foucaultianos, também é um discurso médico.

marido de que daquele mato não sai cachorro. Então se sentam os dois comigo, ele se assegura de que meu grau de resistência é firme e de que não há chances de eu aceitar, então pede para ela circular, para procurar a fulana e ir dar uma volta no labirinto. Ali ele se faz de sedutor, insistente e se diz um “tarado”. Entre essa conversa e outras com pessoas com quem puxamos assunto se passou cerca de uma hora, e então Filomina voltou. Ele alegou que estava com sono e como não tinha conseguido nada com a única pessoa diferente que havia lhe interessado naquela noite, queria ir embora. (Filipo e Filomina, *Alhures, Alfazema*, 2006)

Gonçalo me falou do casal que estava com eles mais cedo e pelo qual perguntei. Eles tinham chamado atenção porque a moça era muito bonita e nova. Dezoito anos, ele me disse. Seu marido também era novo, no entanto, apagado. Dava para ver que era a primeira vez deles. Contudo, ela estava muito animada e até improvisou um *striptease*, com a casa cheia. Gonçalo contou que aquele casal fora convidado por ele e sua esposa depois de um bom tempo de bate-papo pela Internet. Disse que ele teve que “comer” as duas, a mulher do outro e, depois, a sua porque o rapaz, “como pode?!”, “não deu conta de comer” sua mulher, que é “maravilhosa” e que “todos querem”. Segundo ele, o tal casal estava com problemas porque o marido tinha ejaculação precoce e “a mulher não tinha o seu prazer”. (Gonçalo, *Alhures Swing, Alfazema*, 2006)

Micael e Micaela me contam que eles são frequentadores assíduos, mas que nunca participaram. Enquanto Micael foi ao banheiro, Micaela revelou que eles estão fazendo *ménage* em casa, em média a cada quinze dias, sempre com o mesmo homem. Inesperadamente, fala coisas mais íntimas, mas fala baixo e rápido. Disse que o outro só entra quando o marido não tem mais ereção – o que não ficou claro, tal era o tom de confiança, se por impotência ou por ejaculação precoce –, como alguém que vai resolver um problema técnico. Era muito bom porque ele era discreto, ligava antes para se certificar que os filhos não estavam em casa. Segundo relatou, Micael gostava dessas transas e não se importa com o fato de ela ter lhe interditado outras mulheres. Contou com empolgação que o tal sujeito tinha uma ereção inabalável, a qualquer hora e por quanto tempo fosse preciso, apesar de não tomar remédios, nem ser tão jovem. De acordo com Micaela, a ereção do parceiro de *ménage* era “infalível” porque ele era “um gostoso”, um homem saudável, não bebia, praticava muito esporte e era “de cor”, como ela – e apontou para o próprio braço⁶⁹. (Micaela e Micael, *Oitivas Swing, Oitivas*, 2014)

⁶⁹ Interessante notar os estereótipos de potência sexual e de raça, e como a cor é vista conforme o desempenho sexual e vice-versa. Isso porque, sem notar, Micaela descrevia um “gostoso” que não era tão distante do que poderia ser também a descrição física do seu marido, que inclusive era mais “de cor” do que ela.

Também, no já mencionado caso de Eutália e Eustácio, o urologista, provavelmente não detectando razões orgânicas para a disfunção erétil de seu paciente, prescreveu outras mulheres fora do matrimônio, e Eustácio, preocupado em salvar o casamento, participou seu diagnóstico à esposa para tomarem juntos providências a respeito, e o *swing* então se tornou solução para o problema⁷⁰.

Não é de se desmerecer o tamanho do sofrimento que a impotência sexual parece representar para os homens numa sociedade em que o pênis ereto é o símbolo máximo da lógica androcêntrica que rege as relações de poder. E não é de se estranhar que nessas circunstâncias se busque, a qualquer custo, aplacar esse sofrimento principalmente por meio da negação da sua “condição impotente”. Neste sentido, o *swing* pode se apresentar como uma solução. Entretanto, apesar de ser um espaço que parece acolher bem ou funcionar bem para homens que sofrem de impotência, o *swing* pode se apresentar como um jogo arriscado entre manter o casamento sob controle, sem a necessidade de assumir a impotência até suas últimas consequências simbólicas, e ser tachado por outros participantes de “corno manso”. De qualquer forma, no geral essas pessoas parecem ser respeitadas e, principalmente, se sentirem respeitadas, e tudo pode passar despercebido. A questão é que, uma vez “descobertos”, esses homens estão sujeitos a uma difamação maior do que se mantivessem sua intimidade entre quatro paredes. Não esperava ouvir a palavra “corno” no *swing*; imaginava ser uma palavra proibida. Entretanto, apesar de não ser banalizada, é recorrente e, dado interessante, parece ser mais permitida entre os homens. De qualquer forma, ao menos nos *swings* a que tive acesso, não é nutrido nenhum tipo de orgulho em ser corno, nem as pessoas se chamam de corno; o corno é sempre o outro de quem se fala.

O *swing* não se mostrou um espaço em que vários tipos de desempenho sexual são respeitadas. O sexo no *swing* deve ser altamente performático, dentro de uma standardização de potência, e se homens com impotência sexual frequentam o *swing*, não é por esse ser um lugar de exceção das expectativas de virilidade, mas sim por estar mais sujeito ao engano e ao autoengano.

⁷⁰ Este caso específico é um pouco diferente dos outros relatados sobre impotência, porque o *swing* teria servido aqui como um estímulo sexual.

3.4 FRONTEIRAS ENTRE PROSTITUIÇÃO E SWING

Uma composição familiar recorrente no *swing* é da esposa ou companheira ex-prostituta⁷¹ e seu cônjuge. Algumas chegam a lamentar a perda de liberdade por uma espécie de prostituição exclusiva: agora é o marido quem escolhe os parceiros. Nota-se a decepção de algumas com relação a suas fantasias românticas de alcançar o verdadeiro *status* de esposa; e a sensação de alívio para outras que veem no *swing* uma oportunidade de se livrarem um pouco dos seus parceiros. Em alguns casos foi possível inferir, ou deixaram subentendido, que elas eram ex-prostitutas e, em outros, elas falaram abertamente de sua trajetória.

Quando Irina era adolescente e morava no interior, uma colega a convidou para uma oportunidade de ganhar dinheiro numa festa de rico na capital. Irina topou e desde então passou a viver como garota de programa. Não se lamenta da profissão, mas sim por não encontrar oferta de emprego formal que valha a pena. Há dois anos está exclusivamente com Isidoro, que tem quase o dobro da sua idade, mas, segundo ela, é “bonitão” e uma figura bondosa, e por quem se sente grata. Ao mesmo tempo demonstra que ele a deixa estressada. Irina o considera “sem futuro”, pois “só enrola”, não termina definitivamente com a esposa, nem vai assumi-la de verdade, e ela quer constituir família. Irina demonstra um sentimento de urgência ao dizer que precisa tomar uma providência, apesar de não estar “parada”, pois investiu com afinco nos estudos nos últimos anos. Ela reconhece que o difícil é abrir mão de uma renda que não tem a menor possibilidade de conseguir no mercado de trabalho, pois as ofertas de emprego para alguém sem experiência como ela oferecem salários dez vezes menores do que recebe de ajuda de Isidoro. Irina tem família, mas eles vivem longe, em outro estado, e já têm problemas o suficiente. Irina parece frustrada por Isidoro não a ter assumido como esposa. Diz-se enclausurada pela exclusividade e possessividade de um homem que persegue todos os seus passos e chateada por ele levá-la ao *swing*, fazendo viagens com essa finalidade. Ela não entende por que ele fez questão de tirá-la da prostituição se agora insiste que ela participe de algo que não gosta. Conta que era bom no início quando viajavam para passear e ficar mais à vontade como namorados. Na cidade onde moram não podiam ficar assim em locais públicos, pois ele tinha uma imagem a zelar e inicialmente era casado. Isidoro demonstra ter carinho por ela, mas dificuldade de aceitá-la; ele fica corrigindo suas posturas e comportamentos arraigados, aqueles

⁷¹ Em situação semelhante se encontram os casais em que as mulheres têm que dispor do seu corpo no *swing* como convém ao parceiro, devido à forte assimetria econômica, geralmente acompanhada de assimetria de capital cultural e, no sentido inverso, etária. Não que o contrário seja verdadeiro, nem toda mulher nessa condição de assimetria tem, no *swing*, que dispor do seu corpo conforme convém ao parceiro.

denotativos de sua condição social de origem. Ela também parece ter um carinho sincero por ele, mas se mostrou infeliz, irritada, presa a uma situação difícil de sair, pois, ao mesmo tempo em que ele significava sofrimento e perda de liberdade, era um porto seguro no sentido afetivo, além de oferecer um padrão de vida, ou melhor, de consumo, tão elevado que seria difícil agora abrir mão. (Irina e Isidoro, Solaris, 2014)

Leonora não gosta do *swing*, mas também, diz ela dando de ombros, não gosta de nada mesmo. Está com aquele “bode velho” só por “falta de coisa melhor”. Pelo menos ali ela se livra dele e transa com “pessoas mais interessantes”. A melhor coisa para ela é poder ficar um pouco longe dele. Um dia, profetiza, se livrará dele, e promete nunca mais transar com um “bode velho” como aquele, e aponta com o dedo, não para o seu, que não estava por perto, mas para outro “bode velho”. Seu marido é um “chato”, fica pedindo para ela “dar” para uns “caras barrigudos” para tentar “pegar” a mulher deles. Às vezes, pede para ela ficar com mulheres, “aí, ele escolhe bem, o safado”. Ela não gosta de mulher não, mas acha melhor que uns “fedorentos” que têm por aí. Eles são casados há quatro anos. “Não é bem casamento”, moram juntos. Ela tem 28 e ele 54, daria para ser seu pai, constata, mas até que gosta dele, ele a ajudou muito. Leonora considera que ele gosta dela, mas, às vezes, pensa que não. Ele gosta, mas não é assim “como se gosta nos filmes”. Quem ama mesmo, ela acredita, não traz a pessoa para “um lugar desse”. Ela própria não traria alguém que gostasse para o *swing*, a não ser que fosse só um amigo ou um “casinho besta”. (Leonora, *Alhures Swing*, Alfazema, 2005)

Mostrou-se comum na fantasia do homem que se relaciona com uma ex-prostituta pensar ser incapaz de satisfazê-la sexualmente, como se elas fossem portadoras de uma hipersexualidade que eles tentaram negar ao convencê-las a deixar a prostituição, mas que não podem esquecer.

Lucília lamenta a insegurança do seu marido. Devido ao seu passado “na vida”, Lorenzo tem “obsessão” pela ideia de que ela teria uma espécie de natureza perversa, como se ele sozinho não bastasse. Sentindo-se sempre menos, ele é perseguido pelo fantasma de que Lucília precisa participar de muitas orgias para se satisfazer. Isso se apresenta como o maior obstáculo na relação, segundo o desabafo de Lucília. Ao mesmo tempo em que se mostra ciumento, ele cria situações para satisfazer aquilo que ele imagina ser a necessidade sexual dela e “nada, nem diálogo, nem terapia e nenhuma prova de amor” que ela lhe dê consegue dissuadi-lo dessa ideia. (Lucília e Lorenzo, *Oitivas Swing*, Oitivas, 2014)

No que diz respeito à relação entre prostitutas e *swing*, outros casos não são de mulheres de *status* incerto entre a conjugalidade e a prostituição: mulheres locais tentam a sorte no *swing*; garotas de programa, como mulheres desacompanhadas ou com maridos que

as agenciam, testam esse nicho do mercado; e homens contratam acompanhantes especialmente para a ocasião.

Os discursos oficiais desestimulam a prostituição no meio *swing*⁷². No entanto, as casas pesquisadas a incentivam, mesmo que indiretamente, por exemplo, ao colocar em contato seus clientes masculinos com mulheres desacompanhadas, favor oferecido extraoficialmente, como observado na Alhures, junto a outros serviços anunciados, como, por exemplo, traslado, que são facilitadores para aumentar o público.

O caso mais visível de incentivo indireto à prostituição foi na Amostra *Swing* – a casa mais cara entre as pesquisadas e a situada no local mais habitado (residencial) e mais marcado por problemas socioeconômicos –, em que a liberação da entrada ou ingresso para mulheres resultou em casa cheia de mulheres locais “tentando a sorte”, ou seja, flertando com a possibilidade de fazer um programa.

Algumas mulheres buscam se prostituir exclusivamente no *swing*, mas, as que tentam fugir da estigmatização e não se identificam como prostitutas padecem de incertezas maiores se comparado com a prostituição em outros espaços. Já as mulheres que se especializam de forma aberta e massiva em serviços sexuais no *swing* – e, mesmo não se denominando prostitutas, são responsáveis pela “animação dos solteiros” ou aquelas que estabelecem por intermédio do marido (que por sua vez não presta serviços sexuais) o que será permitido na cama com os clientes – por mais que tenham um número de relações sexuais que pode parecer excessivo do que se estivessem se prostituindo em outros espaços, ao menos sabem o que estão contratando, e têm uma fonte mais certa, ou estável, de ganhos. É boa fonte de renda também por se tratar de serviço praticamente exclusivo ou de baixa concorrência, já que apenas duas ou três mulheres (ao menos foi o que pude observar) tinham esse aval (ou

⁷² Todavia, no *post* “*Swing é swing – prostituição é prostituição*”, em www.umcasalentrenos.com.br, os comentários que se seguem mostram divergência de opiniões. Os favoráveis à separação entre as duas práticas e contrários à frequência de casais montados, usam argumentos como “REPUGNAMOS!!! Perde todo o brilho do *swing* verdadeiro!”, “(...) levar prostituta no lugar da mulher é sinal que o homem é machista e quadrado”, mas, no geral, são menos efusivos e, apesar de desfavoráveis, abrem um adendo para a liberdade de escolha, não exatamente das prostitutas, mas daqueles que fazem uso dos seus serviços. Já os que discordam da discussão, apesar de citarem a palavra *preconceito* (“Cada um tem um bom senso para tudo, ou seja, use-o sem preconceitos e seja feliz”), se apoiam principalmente na ideia de que tudo que for feito em nome da felicidade, “tesão”, “curtição” e para aproveitar o momento é válido: “Sabemos que na hora do rala e rola, nem sempre nos deparamos com casais casados. O negócio é aproveitar e curtir nossas fantasias nessa maravilhosa boate” (de 15 a 17/03/2011). [Acesso em: 19/07/2015].

essa moral) em cada casa. E por essas mulheres ganharem uma certa notoriedade ou serem uma espécie de atração de uma hipersexualidade, acabam, em alguns casos, circulando em mais de uma casa.

Se as casas pesquisadas auferem algum lucro direto com a prostituição, como, por exemplo, porcentagem por cliente, ou se algumas dessas mulheres são contratadas da casa para esse fim, é algo que não pode ser afirmado. Nenhuma informação foi dada espontaneamente nesse sentido, e teria sido contraproducente para as boas relações na pesquisa perguntas que versassem sobre a legalidade do empreendimento. Um temor dos *swingers* e empresários do ramo é sofrer perseguição pela lei. Trata-se de um temor legítimo, uma vez que as sexualidades dissidentes (ou supostamente dissidentes) sofrem represálias não só da moral, mas da lei que as persegue⁷³. O único indício mais concreto de uma relação trabalhista entre casa de *swing* e prostitutas foi na Mirar, em que as duas mulheres que ofereciam abertamente serviços sexuais eram também *strippers* da casa. O que não impede que a casa somente pague os cachês pelos *shows* e faça vista grossa para a prostituição que, mesmo ocorrendo no espaço da casa, se dava em momento separado⁷⁴.

⁷³ O artigo “Pensando o Sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade”, de Rubin (1993), é elucidativo sobre esse tipo de perseguição pela lei. Também em que sentido provavelmente eles poderiam temer quem demonstrasse interesse em informações sobre atividades ilegais na casa é ilustrativo o artigo da *Folha de São Paulo* de 21/02/2010, de Vinícius Queiroz Galvão, intitulado *Casa de swing revolta vizinhos e vira alvo de pedradas no Brooklin*. Nele, uma das vizinhas, promotora, declara: “O problema é a poluição sonora. A questão da atividade é com a subprefeitura. Exercer a prostituição não é crime, a prática do *swing* não é crime, mas a exploração da prostituição, sim. Como dizem que é isso o que ocorre, mandei uma cópia do inquérito para a promotoria criminal.” [folha.uol.com.br, acesso em 01/08/2015]. Em campo, também foi observado algum esforço discursivo do *swingers* para afastar de si a suspeita em relação ao uso de drogas ilícitas.

⁷⁴ A Mirar foi a casa pesquisada em que pareceu haver maior fluidez entre as relações de trabalho, de amizade ou compadrio e simpatia pelo *swing*, e isso de forma geral, incluindo garçonetes, caixas e outros funcionários, e foi a casa em que estes, mesmo com sinais de que estavam sob um regime autoritário, pareciam mais satisfeitos com o trabalho. Na Alhures separei um dia para entrevistar os funcionários. Apesar de serem em sua maioria terceirizados, e não terem muito envolvimento com o *swing*, nem entre si, eles estavam sob menos pressão da autoridade da proprietária do que na Mirar. Pelo contrário, ela estava ali também para tranquilizá-los em relação a possíveis apreensões que sofressem por trabalhar numa casa de *swing*. Já os cargos mais altos não eram terceirizados e, assim como o observado nas outras casas, o engajamento desses no *swing* era patente, fosse pela prática e ideologia, fosse pelo empreendimento comercial. Na Tatame *Swing*, o fato de a maior parte dos funcionários ser LGBT num ambiente heterossexual e de proprietário também hétero pode ser indício de alguma motivação que não foi apreendida. A única percepção da observação desses trabalhadores é que o clima não era de satisfação com o trabalho, nem de entrosamento entre eles.

3.5 LEGITIMIDADE CONJUGAL

Algumas mulheres que não podem “ascender” ao papel de legítimas esposas ou legítimas namoradas aceitam participar do *swing*, em alguma medida. Acompanhar o parceiro no *swing* é muitas vezes uma oportunidade ou forma de poder estar junto e, ao mesmo tempo, evitar que ele vá sozinho ou em outra companhia.

Dana foi por engano. Estava saindo com aquele homem pela terceira vez. Ele a convidou para uma boate e a levou para “aquele lugar”! Está apavorada porque veio de carona, não tem como ir embora e não conhece a cidade. Ele entrou nos quartos. Ela ameaça ir embora mesmo sem ele, não importa como ou se é perigoso. Ela quer minha ajuda, está aflita. Diz “não ser mulher dessas coisas” e jamais teria ido se soubesse. Dácio não é propriamente seu namorado, é um vizinho da casa onde está hospedada, e começaram a sair há pouco tempo. Ela está quase chorando quando ele retorna, então ela tem uma crise de ciúme como se, na verdade, tivessem uma relação consolidada ou nutrissem um sentimento profundo um pelo outro. De fato, ela não estava brava com ele por ter sido enganada, se é que foi, mas estava morrendo de ciúme. E eu, que havia ficado muito preocupada com o seu estado de total desolação, vejo ela, pouco depois de ele chegar, levar um puxão de orelhas e se explicar, repentinamente mudar de humor e parecer ótima, e os dois se beijarem apaixonadamente. (Dana e Dácio, *Alhures Swing*, Alfazema, 2007)

Perla me chamou para ir ao banheiro quando voltou do labirinto com Pompeu; então me ofereci para esperar do lado de fora e vigiar a entrada que não tinha porta. Mas ela insistiu que eu entrasse e foi sedutora, embora não tivesse chegado a fazer explicitamente nenhuma proposta. Perguntei o que fizeram lá dentro, e ela me disse que haviam transado, e que sempre a primeira transa era deles, e que ele dizia “amor, a primeira é nossa”. Explicou o vínculo dos dois, eles só “ficavam”, não dava para um namoro porque ele era dez anos mais novo. Gostava de ficar com ele, frequentavam muitas “baladas”, boates, *swing*, mas ela não o levava para casa porque tinha filhos e era mais velha. Entretanto, quando indaguei se ele era o seu “ficante” predileto, ela respondeu de forma enfática e cheia de emoção que não desmentia seus sentimentos por ele. Voltamos para o salão e ficamos todos na mesma mesa, o casal, eu e meu amigo. Eles dançavam, se divertiam, e, da segunda incursão ao labirinto, ela voltou desacompanhada, e se mostrou contrariada quando perguntei pelo companheiro. Ele estava com “as nega dele”, que arranjou lá dentro. E, recuperando a compostura, explicou que eles haviam trocado de casal, mas “o cara” gozou rápido com ela e o seu companheiro continuou com os dois. Depois ele voltou e ficaram bem. (Perla e Pompeu, *Tatame Swing*, Solaris, 2014)

Não há dúvidas, como é possível perceber em vários outros casos mencionados no decorrer da dissertação, de que mulheres que frequentam o *swing* por falta de opção melhor ou que sofreram alguma dose de constrangimento de seus companheiros não são prerrogativa de mulheres que não podem “ascender” ao papel de namoradas ou esposas, e se mostraram comuns entre mulheres casadas.

Também há casos em que essas mulheres, que não querem ou não têm certeza se realmente querem participar, acabam recusando o convite. É mais difícil ter acesso a esses casos; porém, tive contato com alguns. Zaqueu, por exemplo, já mencionado acima, depois de muitos anos escondendo da esposa que ia ao *swing*, decidiu-se por convidá-la; ela se recusou, eles se separaram e ele continua frequentando.

Os relatos acima permitem observar que o *swing* se apresenta para essas mulheres como uma escolha falaciosa, na medida em que não lhes parece haver de fato escolha. A participação em uma prática à primeira vista libertária esconde uma condição de gênero que classifica as mulheres como casadoiras ou não. O *swing* apresenta-se como promessa de liberação da sexualidade feminina, mas o caminho torna-se árido e até mesmo hostil quando a própria condição que conduz a mulher até essa prática está marcada pela desigualdade de gênero, que se traduz em uma série de imposições ou limitações. Espera-se da mulher que adote o mesmo discurso liberal que serve aos homens, no entanto, a vontade da mulher de participar parece se construir diante da falta de expectativa de seus anseios ou sonhos irrealizados, estes também ironicamente informados pelo gênero.

3.6 QUEBRANDO O PÉ DA CAMA E DESILUSÃO

Fora mulheres específicas já conhecidas nas casas por “fazerem a festa dos solteiros”, ou por “não perdoarem ninguém”, ou algumas *swingers* já antigas com ao menos uma história no currículo de terem “transado com uns dez” na mesma noite, algumas frequentadoras eventuais vão ao *swing* e “botam para quebrar”. Foi o caso, por exemplo, e já mencionado, de Sátia, que certa vez tive que esperar durante horas por sua carona de volta, sem ter o que observar em campo, porque ela permaneceu num quarto até o raiar do dia com os últimos frequentadores que restaram no *swing*, todos eles homens.

Sátia não tem um passado que poderia ser considerado “exemplar”, mas nunca tinha feito nada parecido com um *swing*. Apesar de uma trajetória pouco ortodoxa com figuras não quistas, sempre fora de poucos parceiros. Havia mantido relações afetivas intensas e duradouras, e no momento se via viúva, sem namorado, beirando os quarenta e “tacando um foda-se” no *swing*. Falei com Sátia oito anos depois. Ela contou que dias após nossa ida ao *swing*, ela viveu uma grande paixão com um *swinger*, apesar de nunca terem frequentado juntos. Ele era casado e insistiu em um casamento a três. Ela tentou, se abriu para a primeira experiência homossexual de sua vida e, apesar de ter gostado, desistiu quando foi percebendo que não tinha escolhido aquela mulher e que estava fazendo aquilo por ele e pela relação. Esteve somente duas vezes no *swing*. (Sátia, *Alhures swing*, Alfazema, 2006)

Vaísa, aquela que animou o “bailinho de pré-adolescentes” citado no capítulo 2, também é um bom exemplo dessa liberação, mesmo tendo consentido penetração somente com seu parceiro.

Fora “mais ou menos” a sétima vez que Vaísa esteve no *swing* em cinco anos, e em todas as vezes que foi ou “fez coisa nenhuma” ou “deu para todo mundo” e, naquela noite, ironizou, foi uma mistura das duas coisas. Conta que passou a noite contrariada, se perguntando o que estava fazendo da sua vida, por que tinha voltado ao *swing* e por que perdia o seu tempo com “aquele idiota”. Sua sorte era ele estar muito compreensivo aquela noite, porque ela esteve irritada, puxou briga várias vezes e chegaram a se levantar para ir embora, mas antes passaram pelo labirinto, onde tudo aconteceu. Vaísa falou da sua desilusão com o amor, ela se sentia preterida porque os homens, no final, sempre escolhiam outras como namoradas e esposas. Contou sobre uma relação trágica do passado e da qual ainda sentia saudade, paixão, ciúme, raiva e humilhação. Também estava muito chateada com seu “ficante”, porque, quando finalmente ela achou que poderia “abrir seu coração” para uma nova relação, ele estava se mostrando um “mentiroso, falso, babaca”, “apesar de suas qualidades”, e com isso ela sentia que voltava à estaca zero. (Vaísa, *Tatame Swing*, Solaris, 2014)

O caso mais catártico observado parece ter sido o de Gaia:

Eu sentei-me à mesa da sua amiga Liara, no salão, próximo à entrada do labirinto. Assistíamos às apresentações espontâneas que aconteciam no palco, quando primeiro veio um rapaz do labirinto e entregou a Liara, por precaução, as roupas e bolsa de Gaia, para que nada pudesse “sumir”. Estava agitado, dizendo que Gaia ia com todos. Depois, outro rapaz chega suado e ofegante, olhos arregalados, alertando Liara: “sua amiga vai morrer, não é possível, são muitos, socorre”. Fomos, e Gaia ficou brava. De quatro, fez um sinal impaciente com o braço para que nos retirássemos, que estava tudo bem, para Liara não se preocupar. Era a última sala do

labirinto, estava repleta de homens e dois casais que assistiam. Liara me falou bastante a respeito de Gaia, figura livre, brilhante e intempestiva. Gaia teve uma paixão não correspondida por uma amiga na juventude e começou sua vida sexual aos dezoito com um homem instigante com quem foi casada por um tempo. Ele era adepto de *ménage*. Um dia ela se cansou de sua personalidade controladora e se separou. Estava insatisfeita também com o fato de que ele sempre precisava colocar outra mulher entre eles e porque ela gostaria de se relacionar com mulheres sem ser por seu intermédio. Ficou decepcionada diante da dificuldade de arranjar namoros e sexo depois da separação, com ele tudo era abundante e nem imaginava que existiam tantos “brochas” no mundo. Esporadicamente namorava ou nutria paixão platônica por mulheres, mas, apesar de romântica e ter vontade de constituir família, parecia não estar tendo muita sorte com elas. Paralelamente fazia muito sexo casual com homens. Era a segunda vez que frequentavam juntas. Na primeira, as duas quiseram participar e ficaram chocadas com a dificuldade de conseguir sexo numa casa de *swing*. Desta vez, as coisas corriam mais como o esperado, mas Liara não estava com vontade de participar. Numa outra vez, Liara tinha vindo como acompanhante de um *swinger*, por intermédio da casa que os colocara em contato, e tinha sido mais divertido, não havia “brochas”, muita gente fazia sexo, e ela ficou com dois que fizeram dupla penetração. Liara se define como uma desiludida, com muitas paixões que a fizeram sofrer em vão, já que continua só. Conta que há períodos ou momentos em que se sente desestimulada com sexo e fica deslocada em situações como aquela (mas parece ser algo que não pode prever ou evitar, tanto que veio), mas, por vezes, tem rompantes em que “não tem para ninguém”, que “faz e acontece” (se referia a sexo, mas não somente no *swing*). Em meio a essa conversa, chegou Gaia, que dizia estar exausta, já ter aproveitado muito, e que não esperaria por Liara, já estava indo de carona direto para a cama, dormir. (Liara e Gaia, *Alhures Swing*, Alfazema, 2006)

Como podemos perceber, a desilusão amorosa é algo muito presente e marcante em muitas trajetórias de mulheres no *swing*. O depoimento de Rubina também é esclarecedor de como a desilusão amorosa pode combinar com o *swing*.

Rubina, 25 anos, foi casada e seu marido propôs que tivessem relações sexuais com outras mulheres; ela aceitou com a condição de que ele também aceitasse outros homens. Marcaram com um casal de amigos que acabou não comparecendo. Um dia, uma amiga passou mal na casa deles, estava bêbada e a enfiaram embaixo do chuveiro. Ela ficou com muito ciúme vendo o marido dar banho nela e se deu conta que seria incapaz de praticar *swing* ou *ménage* com ele. Entretanto, depois que se separaram, encontrou (por acaso ou se procurou, não se sabe) praticantes de *swing* na Internet e começou a participar. Afirmou que quanto mais pratica *swing*, menos confia nos homens e mais distante lhe parece a ideia de voltar a se casar ou namorar sério. Depois de tudo que tem visto no *swing*, não consegue mais acreditar que algum homem possa ser de fato fiel. Explica que pratica *swing* porque está sem namorado, vai com amigos ou

conhecidos. Não aceitaria que alguém de quem gostasse fosse com ela. Já não pode acreditar na viabilidade do casamento tradicional, monogâmico, mas não concorda com o “padrão do *swing*”. Acredita que se duas pessoas se gostam, então elas se satisfazem e não precisam de mais ninguém. Mas se as pessoas são incapazes de ser fiéis, então estão incapazes para o amor. (Rubina, *swing* particular, Alfazema, 2006)

3.7 IDENTIDADES

Mulheres valorizadas no *swing* enquanto portadoras de uma hipersexualidade são, em um segundo momento, julgadas de acordo com os mesmos critérios conservadores disseminados na sociedade, que por sua vez também mistura suspeita e fantasia em relação à dimensão do desejo sexual das mulheres.

A fala de Joás estava carregada dessas concepções. Sua ex-namorada era “a mulher mais companheira e a mais incrível na cama”, mas não teria coragem de levá-la ao *swing* com medo que ela se transformasse num “monstro” (de uma voracidade sexual fora de controle)⁷⁵. Ficou extremamente surpreso, a ponto de repetir várias vezes, com o fato de Matilde, a mulher com quem fez sexo no *swing*, ser “cheirosa e apertadinha”, e que não esperava por isso. E complementava sua surpresa lembrando as constatações que Tácio⁷⁶, rapaz que tanto eu quanto ele conhecemos aquela noite, compartilhara conosco. Tácio imaginava que o *swing* era lugar de “putas” e “barangas”, mas teria se tornado frequentador assíduo ao ver tantas mulheres “normais”, que definiu como “gente boa, bonitas, com emprego, marido e filhos”. Em relação a uma *swinger* notória que circulava na casa, Joás ficou embasbacado diante de sua beleza e, maravilhado, falava do apetite sexual que presumia naquela mulher; entretanto, depois comentou “ela é bonita, mas não vale nada”, porque, segundo o que viu nas redes sociais, ela teria “saído com a cidade inteira”. (Diário de campo, Oitivas *Swing*, Oitivas, 2014)

⁷⁵ Joás se separou da namorada porque, apesar de ter qualidades, ela seria uma “mulher violenta”, e a gota d’água foi uma briga em que ela teria “quebrado” (uma parte de) um bem de valor dele. Também contou, mas *en passant*, como se não fosse nada, ter “arrancado” uma parte do seu corpo (ele fez uma mutilação na namorada no meio da rua) e ter sido preso em flagrante.

⁷⁶ Diferente de boa parte dos desacompanhados, Tácio estava tendo muita sorte no *swing*, o que o fazia voltar repetidas vezes.

Nesse sentido, vale mencionar mais uma vez o caso do “cunhado” que ficou agressivo com a mera possibilidade de alguém imaginar que seu irmão fosse capaz de se casar com uma *swinger* convicta, “casado não, ele come aquela vagabunda”.

Também o relato de Jader é elucidativo. Ele frequentou *swings* do mundo inteiro e só parou de dar festas particulares em sua casa porque foi perdendo o controle e, quando se deu conta, chegava a ter mais de quarenta casais, sendo que muitos deles ele “não fazia a menor ideia” de quem eram.

Para Jader, uma mulher tem que conhecer o *swing* com ele, e citou vários exemplos, inclusive de duas que estavam na reunião e gostavam de *swing* graças ao fato de terem ido a primeira vez em sua companhia. É bom ir acompanhada dele, explica, porque ele “cuida direitinho (protege contra safados)” e também “come direitinho”. Falou sobre sua família, sua ex-mulher e os “filhos garanhões”. Indagado se teve algum relacionamento ou paixão depois do divórcio, fala de uma “menina que mora no interior”. Em nenhum momento afirmou que estava apaixonado, mas conta que ele é muito romântico e que ela gosta disso. Entre jantares e presentes, o que ele considerou mais romântico foi mandar emoldurar o lençol sujo de sangue da sua virgindade e lhe dar de presente como prova do quanto valorizava o que lhe tinha sido entregue”. (Jader, *swing* particular, Alfazema, 2006)

Além desses casos de valores convencionais de gênero presentes no *swing*, houve várias falas masculinas que delimitavam claramente as mulheres para se fazer *swing* das mulheres para se namorar e casar, de homens que gostavam de fazer *swing* contanto não fosse com suas próprias companheiras. Também mulheres como Perla e Irina se diziam conscientes de que seus parceiros jamais as assumiriam, por elas não serem “apropriadas”.

No *swing*, tanto nas falas masculinas como nas femininas, foi possível perceber o quanto as mulheres são cobradas e se cobram de acordo com valorizações convencionais ambíguas que enaltecem ao mesmo tempo a domesticidade e o sexo bom.

Algumas das mulheres bem-sucedidas profissionalmente não destacaram suas carreiras ao falar de suas trajetórias. Eutália ocupa alto cargo público, mas, diferente dos homens quando falam da sua ocupação prestigiosa, fala disso *en passant*, e o que importa é que se sacrificou indo ao *swing* para salvar o casamento. Por outro lado, Ionara, que se destacou profissionalmente por dotes domésticos, ressalta sua ascensão profissional, que se deu em concomitância com a evolução no relacionamento com Ítalo. Na mesma lógica, vimos Gracinda, que sabe fazer bons salgadinhos – e que, acima de tudo, como aparece na sua fala,

sabe comê-los e precisa se controlar para não engordar – mas sua provável habilidade empresarial não aparece no relato⁷⁷.

Muitas dessas mulheres se construíram como boas esposas por terem tido um único ou poucos parceiros na vida, e agora se abrem para o *swing* em nome do casamento, ou por decepção amorosa depois de separadas. Elas se valorizam e são valorizadas por parâmetros bem conhecidos fora do *swing*, por oferecerem e recusarem sexo, por se darem a ver, também na mesma lógica da oferta e recusa, luz e sombra, roupa e nudez, beleza e desleixo, este último, raro, pois, no geral, é alto o investimento para parecer jovem, bonita e *sexy*, enfim, desejável. Além de outros valores como lealdade, fidelidade, companheirismo e renúncia, presentes principalmente nos discursos daquelas que abriam mão de suas próprias convicções e vontades para acompanhar o parceiro no *swing*⁷⁸.

Suas identidades estão tão calcadas na importância de propiciarem prazer sexual aos homens que o sexo acaba, por vezes, rivalizando com o conhecimento:

Leonora nunca tem ciúme do marido, mas, uma vez, ele encontrou uma que trabalhava nas mesmas coisas que ele, e ficaram conversando. A tal mulher “deu uma de fodona” e ele ficou “todo besta”. Tem umas mulheres, afirma, que acham que são melhores só porque têm um diploma. Ela gostaria de ver “na cama” quem é melhor. (Leonora, *Alhures Swing*, Alfazema, 2005)

Puxei conversa com um homem que estava de saída. Mariano e a esposa fazem *swing* há dez anos. Ele constata que a sociedade em que a gente vive é “padrão”, que o padrão é ser monogâmico, mas ele acredita que a sexualidade humana é muito mais complexa. Sua esposa chegou logo em seguida, mas não quis participar da conversa e ficou aguardando no carro. Segundo ele, ela estava com ciúme porque estávamos tendo uma “conversa intelectual”. Ele explica que se estivéssemos transando, e faz um adendo de que não era uma cantada, pois de fato estava indo embora, ela não ficaria com ciúme, mas como eu era da universidade e não do *swing*, então estava fora do esperado e aceito. (Mariano, *Alhures Swing*, Alfazema, 2007)

Os casais que se esforçam para construir um discurso de liberação da mulher, que não pode ser, ao menos de todo, constatada, e os não casais com seus valores convencionais na

⁷⁷ Tanto Ionara quanto Gracinda sabem “cozinhar bem”, diferente do discurso masculino da “gastronomia”.

⁷⁸ O que importa aqui é, principalmente, o discurso, não necessariamente se elas gostam menos do *swing* do que seus companheiros.

construção de gênero – como a divisão entre mulheres direitas e mulheres pervertidas, e a valorização da mulher cheirosa, bonita, apertada, virgem, normal, casada e com filhos –, uns e outros dividem, no sentido de classificar e de compartilhar, as mulheres com ou sem qualidade, e as boas remetem ao espaço doméstico. As mulheres do *swing* são boas enquanto portadoras de características das de fora do *swing* e de dentro do espaço doméstico.

Todavia, diferenças na construção de gênero no *swing* em relação aos padrões convencionais também foram encontradas paralelamente às permanências, assim como de outras construções sociais intimamente relacionadas ao gênero, como raça, sexualidade e classe. Por exemplo, no caso do *show* de “brincadeira” na Amostra, o locutor – seja de forma elogiosa, seja de forma irônica – reforçava clivagens de classe e raça, e o público local não se manifestou contrariamente e também demonstrou discriminação padrão em relação a peso, beleza e sexualidade durante a brincadeira. Entretanto, lançou uma reação gélida às moças loiras que subiram espontaneamente no *pole dance*, durante o intervalo, e se manteve unido e apartado de outros públicos durante toda a noite, não demonstrando nenhum interesse sexual ou de outro tipo por essas pessoas mais “distintas” que foram aparecendo aqui e ali⁷⁹.

A despeito dos esforços concentrados de muitas mulheres em se dar a ver e parecer desejável – característica marcante no *swing*, mas não uma prerrogativa dele, pois é algo altamente disseminado –, por vezes há uma suspensão desses valores, e as mais bonitas e jovens não necessariamente terão preferência.

3.7.1 Discriminados e distintos

Entender o *status* de quem toma parte no *swing* de alguma forma, seja somente frequentando ou o abraçando como uma causa, requer perceber uma complexa combinação de traços de exclusão e distinção, de segredo e afirmação que compõem a flexibilidade de suas identidades.

Verena tem a característica de reunir pessoas em torno de si, promove muitos encontros de amigos (aqui não me refiro ao *swing*) e sempre deixa sua programação aberta para mais

⁷⁹ A Mirar também fica em uma região habitada, mas o movimento intenso da casa parece inibir a participação de público local.

convidados. Foi constrangedor quando uma amiga sua muito próxima contou que Quessia, a colega que trouxera consigo por cinco vezes nesses encontros, apesar de ter gostado de Verena e Vidal e de ter ficado admirada com sua receptividade, e também por aparentarem ricos e bem-sucedidos, não queria mais andar com eles porque pretendia formar família e não conseguiria “arranjar um marido” se “andasse com gente que faz *swing* e *ménage*”. Verena ficou indignada quando ouviu aquilo e chamou atenção de sua amiga por ter comentado esse tipo de coisa com outras pessoas. (Verena e Quessia, Solaris, 2014)

O que não era necessariamente um segredo e circulava como um bom capital social, principalmente entre os mais próximos, ou menos próximos, mas visivelmente mais alternativos, se tornara grande desvantagem social, motivo de discriminação ao cair nos ouvidos de uma moça casadoira, de posição socioeconômica privilegiada, e que investe alto na manutenção de suas origens – Quessia tem casa própria, carro, filho e carreira em área de *status*, e agora se desespera por estar “passando da idade” e ainda não ter marido, e acha que precisa garantir sua reputação escolhendo com quem anda⁸⁰.

Outro exemplo de que o *swing* pode ocupar um lugar instável na identidade das pessoas está na referida reação do cunhado da *swinger* famosa, que ora é motivo de orgulho, “eu sou o cunhado da Betinha”, ora de vergonha, “meu irmão, casado com essa vagabunda?!” (Isso, nem pensar.) Também digno de nota é a *swinger* que se orgulha por ser denominada de “dinossaura”, em referência à sua experiência e habilidades na prática, mas que pede discricção diante de sua filha que está “a tiracolo” na entrada do *swing* e ignora do que se trata.

3.7.2 Ordeiros e rebeldes

No *swing*, a confirmação ou reafirmação de preconceitos ou reforço da normatividade se dão ao mesmo tempo em que se manifestam vários sinais de transcendência ou de rebeldia com as estandardizações em termos de sexo e desejo.

⁸⁰ Uma boa referência sobre a violência a que os *swingers* podem estar sujeitos se encontra em uma notícia do *Estadão*, “Talebã do Texas ataca ‘pecadores’”, sobre a perseguição que uma casa de *swing* sofreu em Amarillo (EUA) por um grupo extremista cristão com motivações políticas e religiosas ultraconservadoras. Além de conseguir fechar a casa, o grupo fez telefonemas “denunciando” os *swingers* para os seus chefes, e dois deles foram demitidos [estadão.com.br, 21/03/2010, acesso em 31/07/2014].

Na Alhures *Swing* era perceptível a valorização da beleza, de corpos impecáveis, malhados, roupas cuidadosamente escolhidas para valorizar o corpo. Em Solaris foram feitas menções à beleza, como “na Mirar tem gente mais bonita do que na Tatame”, “na Amostra só tem gente feia”, “a Amostra é legal, mas a Mirar é mais animada porque tem gente mais jovem e bonita”, “a Tatame é melhor, apesar de ter gente mais bonita na Mirar”. No entanto, foi possível perceber em todas as casas, embora não de forma generalizada, situações ou cenas de grande desprezo, indiferença e, por vezes, até mesmo de desprezo, numa atitude política, em relação à beleza, ao asseio e às roupas nas interações ou escolhas sexuais. Como bem ilustrou, na Tatame, as já mencionadas pessoas do bairro, que foram indiferentes às mulheres exuberantes que subiram ao palco, ou no caso da “chapeuzinho” e de Heda, moças de capa de revista que poderiam escolher companhia a dedo e, no entanto, assediavam e distribuíam atenção, abraços e beijos indistintamente⁸¹.

A identidade do *swinger*, ou relacionada ao *swing*, também parece oscilar entre a ordem e a transgressão, numa tentativa discursiva de se apropriar das vantagens sociais dos dois termos e de fugir às estigmatizações dos seus contrários, como é comum em várias outras construções identitárias. Os *swingers* não são perversos, mas não são “caretas”; não são possessivos, mas nem por isso, infiéis; são críticos da monogamia, mas não estão interessados em colocar em xeque a sacralidade do casamento monogâmico; são livres e, ao mesmo tempo, de uma fidelidade e lealdade exemplares, ou socialmente bem adaptados⁸².

Ralfe tem 25 anos e já é formado, funcionário público, ganha bem, tem carro e apartamento. Lembra que ainda está pagando, mas que, de certa forma, já são dele. É casado “no papel”. Radija, sua esposa, é funcionária pública como ele, também fez tudo “certinho” na vida. Ele acha que, na verdade, estão cansados de ser tão certinhos. Não que quisessem “matar ou roubar ninguém”, mas o *swing* entrou aí para “dar um pouco de emoção, não só à relação, mas à vida”. Com tudo encaminhado, depois de muito esforço, agora se sentem à vontade para se divertir um

⁸¹ O outro lado dessa história é se essas jovens lésbicas não distribuiriam atenção também aos homens lhes pagando tributo para ter acesso às suas mulheres, uma vez que elas, enquanto mulheres, não têm como dispor de mulheres para participar das trocas, mas têm o próprio corpo.

⁸² Essa contradição pode ser também facilmente notada no *marketing* de casas de *swing*, por exemplo: Na introdução dos “dez mandamentos do *swing*”, que é um texto altamente disseminado na Internet e também usado pelo “Café Rio, onde tudo pode, mas nada é obrigatório”, o *site* esclarece que “para quem pensa que o *swing* é bagunça, vamos esclarecer que *swing* não é orgia” e fala do regulamento. O tópico faz parte das “regras do *swing*” intituladas de “*swing* para casais liberais” em que ocorre “*swing* de casais” [www.caferio.com.br, acessado em 02/08/2015].

pouco. Por muito tempo, Ralfe não teve nem final de semana, porque estudava para concurso e faculdade. Trabalhava de dia, fazia faculdade à noite e cursinho nos finais de semana para passar num concurso melhor.

Não, eles não têm filhos, ela responde. E estão muito novos para tê-los, ele arremata, e continua dizendo que ele têm que aproveitar mais um pouco a vida e que, para ter filhos, é preciso planejar bem, e agora estão pagando muitas prestações. Mas ele acha importante ter filhos, para dar continuidade, “se não a gente morre, e de que serviu a vida, tanto esforço? É preciso deixar alguma coisa”. Seus pais têm “condição” e ofereceram boas oportunidades. Ele sempre trabalhou porque não queria ficar dependendo do dinheiro do pai. Ralfe já tentou várias religiões. É batizado na católica e tentou a espírita e a budista. Radija tenta falar de sua trajetória religiosa, e o marido conclui que ela até bruxa tentou ser, mas está mais para princesa, brinca. Agora, falando sério, ele acha que o importante é ter um deus interior e agir de acordo com o que achar certo. Acredita que o *swing* é “certo”, “ninguém é obrigado”, “participa se quiser”, “pode ficar só olhando”. Claro que a religião não está preparada para aceitar isso, mas, quem sabe uma “mais moderna”. Eles estão ali pela quarta vez. Talvez enjoem, talvez não. O melhor é não se preocupar com isso e aproveitar bem, conclui. (Ralfe e Radija, Alhures, Alfazema, 2005)

Eliano é evangélico e sabe que a Igreja não aprovaria sua prática, mas sabe que Deus sim, porque, afinal, não está ofendendo ninguém, evitou o fim do casamento e não está sendo infiel e, depois, não força ninguém a nada, todo mundo está ali porque quer. Se sua mulher tem religião? Não, sua mulher é “cabeça dura”. Até vai à igreja com ele, mas não gosta não. E complementa que o *swing* só é bom para quem tem a “cabeça boa”, “no lugar”, senão só serve para briga, e que vai muito “corno” também. (Eliano, Alhures *Swing*, Alfazema, 2006)

Ao mesmo tempo em que a etnografia frustra as expectativas de encontrar no *swing* um espaço de exceção ou emancipação enunciado em sua ideologia, e cai muito mais na conta da sujeição, o *swing* envolve características subversivas uma vez que, aos olhos dos outros, a prática é encarada ou com curiosidade e como um ato de coragem ou como coisa aversiva, inaceitável. Nos dois polos, positivo ou negativo, na visão do outro, o *swinger* fica na posição de subversivo, portador de uma sexualidade dissidente. É que ao mesmo tempo em que reproduz o gênero e a sexualidade enquanto dispositivo de poder, o *swing* está simbolicamente marcado pela subversão dos valores. Em outras palavras, foram poucos os indícios de subversão e dissidência encontrados no *swing* e muito mais fortes os indícios de reprodução social, entretanto, essa reprodução se dá por vias diferentes, como se fosse, parafrazeando, “certo por linhas tortas” e, nesse sentido de carregar uma marca da diferença, o *swing* poderia ser considerado dissidente.

4 QUE GÊNERO FAZ O SWING?

Não existe casamento. A verdade é isso aqui. Ninguém é fiel e ninguém é de ninguém. Os iludidos sofrem mais quando se dão conta da realidade. Quem vem aqui sabe como a vida funciona, sabe que se não for aqui, vai ser em outro lugar. Porque ninguém vigia ninguém 24 horas por dia. Tenho conhecidos que usam o horário de almoço para sair com puta ou com amante. Às vezes, mesmo antes de ir para casa, depois do trabalho, eles dão uma rapidinha, o que só dá mais vontade de fazer sexo, e quando chegam em casa, ainda transam com a mulher. Casamento tinha que ser assim, aberto, liberal. (Swinger da Alhures Swing, Alfazema, 2006)

O discurso da liberdade sexual não é unânime, mas é muito presente no *swing*. Esse discurso inclui uma crítica ao puritanismo, aos padrões convencionais de família, ao casamento monogâmico com seu sentimento de posse e sua hipocrisia. É designatário de uma busca pelas origens, de um passado sem repressão sexual e mesmo de um suposto sexo em estado natural, livre das amarras sociais; reclama uma nova sociedade e um porvir feitos de prazer e liberdade.

Esse discurso coincide com as formas polimorfas de poder desveladas por Foucault (1988:13), que têm como principal mecanismo a incitação a falar do sexo, dizer que é reprimido, procurar sua verdade, construir um saber, associar revolução e felicidade em seu nome, prometer um futuro melhor por meio da luta contra sua repressão e exaltar a liberdade através do imediatismo do prazer.

Apesar de os casais pregarem o que pregam e de também defenderem o direito da mulher ao prazer e à liberdade sexual, verificou-se em campo uma outra realidade. Nem sempre é obrigatório estar acompanhado para participar do *swing* e, neste caso, as mulheres desacompanhadas são incentivadas a participar, inclusive ficando isentas do pagamento de ingresso, enquanto o homem desacompanhado deve pagar bem mais do que um casal. Nas noites em que é requisito entrar acompanhado, isso não quer dizer, necessariamente, com “a” cônjuge. É muito frequente que os homens que propagam os direitos da mulher e o fim da monogamia mantenham a parceira longe dali, numa relação monogâmica. Na prática, há certa indiferença no *swing* com o vínculo do “casal”, sendo que, em alguns casos, mulheres são

negociadas ou contratadas para participar, por intermédio da casa ou pelos próprios clientes. Também é recorrente o cálculo dos gastos, “veja bem, calcule...”, pelo qual concluem que o *swing* é mais econômico para conseguir sexo do que gastos com saídas, jantares de conquista e contas de motel.

Longe de querer libertar a sexualidade do controle da família ou da monogamia, nos casos de casais de fato, uma segunda fala, pós-discurso de liberdade sexual, soa muito mais como traição sob controle, com forte carga de ciúme e sanção maior que a convencional quando há quebra do contrato, como observa também von der Weid (2010:807).

É perceptível o uso das mulheres como moeda de troca, numa mal disfarçada troca de mulheres⁸³. Homens se queixam dos participantes que querem “aproveitar”, mas vão desacompanhados, ou colocam dificuldade de acesso à sua mulher, ou levam uma mulher considerada inferior às que ele “pega”. Ou seja, o homem que não oferece uma contrapartida no *swing* não é bem-visto.

As contradições envolvidas na constituição do *swing* como prática de valorização do casamento podem ser pensadas do ponto de vista foucaultiano, da família como instituição que exerce o papel de relacionar o tradicional, porém resistente, dispositivo de aliança com o moderno dispositivo de poder que é a sexualidade. Por analogia, é possível dizer também que é na família em que se reproduz a coexistência, e mesmo dependência, de duas ordens, contratual e patriarcal, como definidas acima por Segato (2003)⁸⁴.

O trabalho de campo, principalmente na casa Alhures, em Alfazema, também corrobora Sennett (1988), evidenciando o *swing* como mais uma manifestação da erosão da vida pública e uma “tirania da intimidade”. A prática parece ser um ótimo exemplo do sexo como um estado emocional e não como uma ação social. É uma experiência em que se superestimam as sensações, em que a visibilidade pode chegar ao extremo com a nudez, a exposição dos órgãos e do próprio ato sexual e, ao mesmo tempo, as pessoas ali não têm nenhum compromisso

⁸³ Ou, pode-se dizer, troca de falos: “É como se fosse sabido que, ao mostrar sua mulher, o homem se mostra. (...) Em todos os níveis, da política, da profissão ou do dinheiro, o homem se certifica de ser homem pela apropriação fálica” (Soler: 2005:57).

⁸⁴ Também segundo Scott, “famílias são cristalizações de relações de poder que, estudadas nos contextos específicos onde ocorrem e são pensadas, servem para realçar as maneiras pelas quais, em épocas e locais diferentes, se justificam e se questionam desigualdades relacionadas com classe, com gênero e com geração” (Scott, 2011:9).

entre elas que transcenda aquele espaço, a não ser o do silêncio, o da discrição. E nos caso dos cônjuges, isso se traduz em vigilância e controle. Diferente da traição, que é uma ação social com violação de códigos sociais, a prática do *swing*, neste sentido, seria pura passividade. Muitos participantes parecem ir realmente naquele espírito de acumular experiências apontado por Sennett (1988), acreditando que não se abre mão de uma vivência que pode vir a ser significativa em território íntimo, para o eu ou para o casal. Isso lhes motiva provar ou consumir o maior número possível de experiências que o mercado oferece.

A arquitetura, o *designer* de interior, os rituais e dinâmicas de funcionamento das casas de *swing* buscam promover a visibilidade e espetacularização da intimidade, o que acaba, muitas vezes, tornando-a performática ou mesmo intimidando-a, desestimulando a excitação sexual e a sociabilidade em seus espaços.

Esse tipo de intimidade entre amigos e entre casais, muito própria da modernidade, esse narcisismo com permuta de autorrevelações, em que se acredita que para se relacionar verdadeiramente com o outro é preciso se revelar por dentro, conhecer e dar a conhecer o seu eu mais profundo, segundo Sennett (1988:23), torna-se uma troca mercantil de intimidades, pois limites em torno do eu não isolam, pelo contrário, é uma condição para uma intimidade genuína. Os cônjuges no *swing* trocam essa experiência do eu ao máximo, inclusive sensações as mais sutis ou as mais avassaladoras de se verem, naquele contexto, sendo traídos. Já os amigos no *swing* não são íntimos nesse sentido de conhecer a minúcia do terror psicológico de cada um, mas têm acesso a outros dados também muito íntimos, como preferências ou fantasias sexuais, e o próprio corpo do amigo; no entanto, no geral, eles desconhecem ou não participam de sua atuação fora dali, como de suas convicções políticas ou dificuldades nas relações de trabalho, por exemplo.

Sexo, casamento, religião são experiências separadas que têm, ou podem ter, eventualmente, o mesmo valor, e que não se sobrepõem umas às outras; ou seja, uma não referencia a outra. Algumas pessoas descartam o *swing* rápido: bastam poucas visitas para se sentirem frustradas e continuam em sua busca incessante por “sentir” o suficiente e, extrapolando Sennett (1988), de “gozar” o suficiente. E os que permanecem por meses, anos a fio, estariam empreendendo semelhante busca, mas insistindo num mesmo lugar?⁸⁵

⁸⁵ Von der Weid também encontrou essa realidade em campo: “Nem todos os casais têm o mesmo perfil quando se trata de realizar fantasias sexuais. Em sua entrevista, André indica que existem casais que se

Tendo a etnografia apontado para uma forte desigualdade de gênero, o mandato de violação, como definido por Segato (2003:39-40), encontraria no *swing* um espaço para sua efetivação? Haveria nas sociedades contratuais, além da forma generalizada e difusa do mandato de violação apontada por Segato (2003), espaços e práticas de suspensão, em vários níveis, do contrato e de irrupção do patriarcado? Mesmo o mandato de violação não sendo mais institucionalizado como nas sociedades de *status*, haveria espaços circunscritos onde a estrutura de gênero da ordem de *status* é institucionalizada? O *swing* seria um desses espaços? Uma vez que as mulheres, a menos que questões socioeconômicas as obriguem (e estas são difíceis de isolar totalmente das motivações subjetivas, até porque são consequência da mesma ordem hierárquica), não são obrigadas a participar do *swing*, o que as faz consentir nisso? Em que termos podem ser definidos a vontade ou o desejo da mulher em participar do *swing*? Outra possibilidade: carregaria a mulher um mandato de ser violada? Uma vez que a mulher faz parte da mesma estrutura de gênero e é a posição marcada para sofrer a violação, não caberia a ela o mandato de ser violada? Se não violada pelas vias de fato, ao menos ser violada de maneira alegórica, metafórica ou na fantasia, para parafrasear Segato (2003:38) quando ela trata do mandato masculino.

Essa argumentação não é no sentido de coadunar com a condenação tão absurda quanto comum que muitas mulheres recebem da sociedade ou de seus agressores por seu próprio estupro. O intento é pensar os símbolos e subjetividades que tornam a estrutura social tão resistente à ordem contratual num sentido pleno e circunscrevem espaços, ou institucionalizam práticas, de atualização da hierarquia de gênero. Atualização que opera pela encenação, fantasia, representação ou passagem ao ato da ordem patriarcal. Seriam exemplos possíveis desses estados de maior frouxidão do contrato, que parecem manter um limiar mais tênue com a violação, o casamento, a prostituição, a produção de pornografia e o *swing*?

Uma boa referência clássica para problematizar a atualidade da dominação masculina e o consentimento feminino nessa é Bourdieu (2010). Segundo o autor, a diferença biológica serve à naturalização do arbitrário que é a diferença de gênero, entretanto, a diferença anatômica entre os sexos também é socialmente construída. Por essa inversão das causas e efeitos, a dominação masculina encontra sua justificativa numa natureza que ela própria criou

satisfazem com o *swing* ou com alguma fantasia específica, mas que, para outros, a fantasia já realizada deixa de ser estimulante após algum tempo e busca-se, então, a realização de novas fantasias, em um jogo no qual vai se ampliando o limite da transgressão” (von der Weid, 2010:796).

e que por isso só pode confirmá-la. No mito Cabila, sociedade estudada por ele, o ato sexual é descrito como ato de dominação e, embora não possa ser colocado abertamente e seja tratado como transgressão sexual, a virilidade masculina se assenta nesse abuso, engano, proeza, posse. Dessa assimetria no ato sexual temos toda uma assimetria nas representações e práticas. As expectativas são muito diferentes em relação ao sexo e no que se refere à relação amorosa, o que dá margem a muitos mal-entendidos, interpretação errada de sinais, enganos. A experiência feminina seria carregada de intimidade e afetividade, e a do homem, agressiva, de possuir, gozar e fazer gozar. Esse princípio do ativo masculino e passivo feminino cria, expressa, organiza e dirige o desejo – o masculino como desejo de dominação, e o feminino, como desejo de dominação masculina, de subordinação erotizada, de reconhecimento erotizado da dominação.

De acordo com Bourdieu (2010), a dominação masculina tem todas as condições de seu pleno exercício também nas sociedades ocidentais modernas: estrutura objetiva, meios de produção e de reprodução social e biológica e os meios de produção e reprodução simbólica. Os *habitus* formados na e para a dominação masculina, ou seja, dentro de uma lógica androcêntrica, fazem com que os próprios dominados, no caso, as mulheres, mesmo as insatisfeitas, insurgentes ou resistentes, tenham como padrão de conhecimento o reconhecimento dessa dominação, que só pode se apresentar como natural. Este reconhecimento faz a própria dominação, ou seja, o dominado contribui para sua dominação, não no sentido de culpabilizar as mulheres por sua própria submissão, como pode parecer à primeira vista. Isso porque a violência simbólica é essa que é produzida por estruturas objetivas, ao mesmo tempo em que produz as mesmas. Não é simbólica no sentido de mais amena que a real, nem de oposta à física, nem de menos efetiva ou espiritual. Violência simbólica porque tem esse efeito de reconhecimento da violência, da desigualdade, da injustiça como legítima, natural, fundada nos corpos, de corpos e naturezas construídas por esse mesmo trabalho incessante dessa violência simbólica. Assim, recorrer à etnologia (Cabila, no caso) não é querer encontrar um eterno feminino, ou colocar a dominação masculina como um universal a-histórico, como dizem os seus críticos, mas, pelo contrário, revelar o trabalho constante da história em produzi-la e reproduzi-la, através dos seus agentes e instituições, e da violência física e simbólica.

Outra perspectiva que tanto se distancia como se aproxima dessas abordagens é a de Lia Zanotta Machado. A respeito do debate que confrontava as “relações de gênero” e o

“patriarcado contemporâneo”⁸⁶, a autora não defendeu a volta do uso forte do termo “patriarcado”, tomou a defesa do uso conceitual e político do termo “relações de gênero”. Entretanto, ela discorda que essas perspectivas sejam necessariamente excludentes, mas alerta que, por mais que o conceito de patriarcado possa ser utilizado para pensar determinados aspectos das relações de gênero contemporâneas, ele não dá conta de sua totalidade, que é muito mais complexa e na qual os direitos e posições conquistadas pelas mulheres não podem ser desprezados. Segundo ela, é preciso não perder de vista que o conceito de patriarcado serve justamente para desconstruir a naturalidade da dominação masculina que a legitima, e não para reificá-la, transformando-a num conceito universal, mesmo que de uma posição crítica, como uma segunda natureza, embora social e não biológica. A autora considera importante não perder de vista que o patriarcado como conceito das Ciências Sociais deve ser histórico e só pode ser a-histórico no sentido de que pode ser encontrado em várias configurações históricas, mas jamais em todas e por todos os tempos (Machado, 2000: 2-13)⁸⁷.

Para exemplificar, ao analisar os discursos de casais envolvidos em situação de violência doméstica no Distrito Federal (de 1995 a 1998), Machado verificou uma simultaneidade da atualização de “códigos relacionais da honra” e “códigos baseados nos valores do individualismo de direitos”. Enquanto os agressores reconhecem a existência de direitos individuais das mulheres, mas sobrepõem a esses a legitimidade da honra, as mulheres, apesar de reconhecerem deveres diferenciados a partir do contrato conjugal, pensam homens e mulheres como iguais em direitos. A sujeição aceita ou desejada por essas mulheres se restringe apenas à esfera amorosa, na representação que as mesmas fazem de um companheiro protetor e por isso hierarquicamente superior. Assim, quando do contrato conjugal, sem saber, as partes estão contratando coisas diferentes e mesmo contraditórias; eles pensam ter o direito ao controle e ao poder sobre elas, e elas supõem direitos iguais, relegando a sujeição feminina somente à dimensão amorosa (Machado, 2000: 13-5).

⁸⁶ Esse artigo (Machado, 2000) foi escrito por ocasião do simpósio “Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo?”, organizado pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) no âmbito da 52ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Brasília, em julho de 2000, que foi uma oportunidade para a viabilização desse debate.

⁸⁷ Apesar de ter me questionado muito sobre essa questão, acredito que a presente pesquisa não corre esse risco, pois se ela tende a confirmar o patriarcado no *swing*, está fortemente ancorada por dados etnográficos para tanto.

Nesse sentido, o *swing* serviria para pensar modalidades de patriarcado contemporâneo ou sobrevivência do patriarcado num contexto em que as relações de gênero são mais complexas. Interessante questionar se a crescente adesão ou experimentação no *swing* poderiam ser melhor explicadas no sentido de dar novo ânimo ao patriarcado na esteira de uma tendência de neoconservadorismos que assola o Ocidente, ou se o *swing* responderia a uma necessidade apenas de encenar o patriarcado em espaços circunscritos para tal, em uma sociedade de tendência igualitária, mas de subjetividades e fantasias de subjugação muito arraigadas. E ainda, homens e mulheres no *swing* estariam pactuando a mesma coisa? O *swing* valoriza as convenções tecidas de antemão entre os parceiros, mas no ponto de partida desse acordo há igualdade entre as partes? No caso dos tratos entre os casais, quem dá esses limites tão valorizados no meio *swing* é mesmo o casal ou é um acordo entre homens?

Uma outra discussão parece oportuna para pensar, por analogia, a ambiguidade da liberação feminina e do sexismo no *swing*. Adriana Piscitelli chama atenção para a cisão recorrente no debate feminista e estudos de gênero em geral, que tendem a localizar a prostituição nos extremos da sujeição ou da subversão, e mostra como a realidade da prostituição é muito mais complexa e não pode ser subsumida a esses polos. Ao pesquisar a situação de brasileiras que oferecem serviços sexuais na Espanha, ela verificou que seria um exagero perceber somente o lado subversivo dessa profissão, uma vez que as trajetórias dessas profissionais apontam a prostituição como uma saída possível, em um contexto de desigualdades sociais e falta de melhores perspectivas no país de origem. Por outro lado, é difícil compreender a prostituição como sujeição, uma vez que envolve consentimento, escolha, aspectos que, por serem muito valorizados em suas falas, não podem ser desmerecidos no debate. A prostituição é claramente em seus discursos um trabalho, e a exploração do trabalho, e em especial do trabalho feminino, não é uma prerrogativa do mercado do sexo, que ao menos se apresenta como alternativa ao trabalho doméstico, em termos de melhores rendimentos (Piscitelli, 2006: 13-51).

A participação das mulheres no *swing* também envolve, muitas vezes, essas mesmas características. Elas não poderiam ser pensadas exclusivamente como subversivas, uma vez que apresentam trajetórias de vida difíceis, de poucas opções, num sentido amplo que pode ser emocional ou subjetivo, como também socioeconômico. Por outro lado, não se pode desmerecer a valorização da ideia de escolha ou liberdade em suas falas, mesmo quando afirmam que cederam à pressão de seus companheiros para salvar o relacionamento e não ficarem sozinhas ou serem traídas às escondidas. Também a objetificação da mulher, ela ser

valorizada pela aparência e incentivada a participar de “baladas” com descontos ou gratuidade no ingresso e em bebidas alcoólicas, ou o fato de se submeter a algo por falta de coisa melhor, não é uma prerrogativa do *swing*, mas extremamente difuso numa sociedade com forte desigualdade de gênero.

Analisar a participação das mulheres no *swing*, sua sexualidade, seus objetivos, subjetividades, anseios, significados que elas atribuem a sua prática, entre outros fatores, também requer compreender essa tensão entre a sujeição e a subversão, atentando-se para os usos ou consequências políticas de cada interpretação.

Em outro artigo, Piscitelli pôde concluir que, ao contrário da ideia que circula no Brasil, inclusive nos estudos de gênero, de que a brasileira é valorizada no exterior em função de representações colonialistas da “cor” e da sexualidade exacerbada, a prostituta brasileira não é necessariamente preferida a outras profissionais do sexo. A diversidade é muito mais uma oferta da indústria do sexo do que uma demanda de seus clientes, e a diversidade ofertada se dá dentro de standardizações. Também os consumidores estabelecem limites para a diversidade do seu consumo, tanto em termos das mulheres como do tipo de prática sexual. Assim, a transgressão própria ao erotismo também é uma convenção social, à qual a sexualidade e o mercado do sexo se adequam e se fazem adequar (Piscitelli, 2009: 179-98).

Essas questões abrem várias possibilidades para pensar o *swing*, como, por exemplo, de que forma e até que ponto a crescente ampliação do mercado de casas de *swing* e da divulgação da prática através do espaço que o *swing* vem ganhando na mídia têm influenciado o desejo, o ideário e as práticas de seus novos e antigos adeptos, e como as demandas desses recém-chegados e desses veteranos conseguem, por sua vez, se impor nesse mercado.⁸⁸

⁸⁸ Uma discussão análoga interessante é feita na psicanálise lacaniana, cuja conclusão seria que as escolhas amorosas formam um campo de liberdade, pois não são ditadas pelo mercado, que insiste em padronizar os desejos, mas que consegue, no máximo, padronizar o gozo fálico (Soler, 2005:64-6). E, traduzindo resumidamente outras implicações dessa teoria em termos sociológicos, é possível dizer que o protagonismo social feminino não passa somente pela luta por direitos da mulher, mas também pela resistência à lógica fálica de mercado, com seus controles, disciplinas, racionalismos e sua obsessão por produtividade.

4.1 POR QUE “TROCA DE MULHERES”?

Para dar mais concretude à evidência da circulação ou troca de mulheres no *swing*, ofereço minha própria experiência em campo. Mesmo me apresentando como pesquisadora e estando desacompanhada⁸⁹, foram várias abordagens que recebi nesse sentido, e poderiam ser classificadas em tipos possíveis de trocas envolvendo ao menos uma mulher desacompanhada: 1) homens oferecem suas parceiras às mulheres desacompanhadas com quem desejam ter acesso sexual; 2) companheiras são enviadas por seus parceiros até a mulher desacompanhada desejada com a missão de fisgá-la para ele (isso também aconteceu quando estava acompanhada de um amigo); 3) para ficar a sós com uma mulher desacompanhada que não está interessada em sua própria mulher, homens “autorizam” suas mulheres a irem participar do *swing* (ou “pedem” para ficar sentadas esperando em outro lugar); 4) a casa de *swing*, buscando aumentar o público, trocando mulheres por frequência, coloca em contato mulheres desacompanhadas com clientes masculinos, cuja expectativa é pagar ingresso de casal, ter acesso às trocas através dela, além de ter relações sexuais com ela; 5) homens desacompanhados forjam relacionamento com mulheres também desacompanhadas no próprio ambiente do *swing* para ter acesso aos casais e participar das trocas.

Exemplificarei cada tipo de troca elencada acima com vivências que tive durante a etnografia: 1) Aléxia e Aitor sempre estão na Alhures *Swing*. “Pessoa com deficiência”, ele fica sentado perto do palco, enquanto Aléxia faz *striptease* com muita desenvoltura, exibindo um corpo impecável, malhado, flexível. Aitor é bem ativo, está constantemente de olho nas mulheres, fazendo sua propaganda, enfatizando a beleza da sua esposa e que “não fazem com qualquer um”. Tendo uma mulher como a sua, não vai querer ir com qualquer casal, ele explica. Notei que quando não é do interesse, não abrem nenhum espaço, e chegam mesmo a tratar as pessoas com desprezo. Tentando me convencer a participar, ele fez questão de revelar a idade da sua mulher, 40 anos, o que sempre causa admiração, tal sua jovialidade, e demonstrar que era uma honra para mim ser escolhida por eles porque, afinal, são exigentes; 2) O caso do convite para ir ao banheiro das sadomasoquistas, citado anteriormente no

⁸⁹ Como já mencionado, nem sempre fui a campo como mulher desacompanhada, mas me refiro aqui mais a essas situações específicas. Lembrando que mulher acompanhada de mulher também é considerada desacompanhada, e quando acompanhada de homem, mesmo sendo apenas um amigo, é considerada como mulher acompanhada.

capítulo 2, ilustra bem quando a mulher comprometida seduz outra para atender um pedido do companheiro. Se no primeiro caso o homem oferece sua companheira como isca, nesse segundo, também como isca, ela se oferece a seu mando ou pedido; 3) o prosseguimento do mesmo caso, das sadomasoquistas, ilustra bem quando a circulação de mulheres pode significar para o homem, contraditoriamente, tirar a própria companheira de circulação. Quando voltamos à sala, depois de um tempo, ele disse às duas: “está frio, meninas, podem colocar a roupa” e elas se vestiram. Então ele sugeriu: “vocês querem participar um pouquinho, não é? Podem ir”, e elas entraram nos quartos. Ele me deu um longo depoimento, sempre tentando me convencer racionalmente a ter relação sexual com ele; 4) Quando falo, no capítulo 2, dos percalços da pesquisa relativos às vezes que precisei pedir carona com *swingers*, essa situação ficou bem exemplificada. Com raras exceções, esses homens tentaram de todas as formas me colocar para circular; 5) Esse exemplo será mais amplamente narrado para dar uma ideia ainda mais concreta de como uma troca (e uma tentativa de troca) de mulheres se opera:

Eles estavam desacompanhados no *swing* e também haviam se conhecido naquela noite; às vezes conversávamos os três, às vezes de dois em dois. Tácio, volta e meia, circulava procurando oportunidades. Joás, menos apessoado que ele, pareceu ver em mim uma tábua de salvação. Tácio tentou contato com o casal Matias e Matilde, sem sucesso. Pouco depois, era Joás quem estava conversando com os dois. Voltou contando ter lhes dito que eu era sua prima e que iria me apresentar a eles. Eu recusei, e disse que em momento oportuno eu mesma me apresentaria. Quando Matias se aproximou do balcão e começamos a conversar, Joás foi até Matilde do outro lado do salão. Observando a cena, primeiro Matias achou que a esposa não estava gostando, e comentou que era fácil, bastava ela “chutá-lo”. Depois reconsiderou, dizendo que o rapaz era bom de papo, relaxou e ficou conversando comigo, ao que segue a história já narrada no capítulo 3, em que teve um rompante de raiva tardio em relação ao fato de sua esposa ter entrado para os quartos com Joás.

Passado esse momento de tensão, Matias estava em parte satisfeito porque tinha gostado da conversa comigo, entretanto ele não tinha conseguido nada de concreto, e quem estava mais preocupado com isso era Joás, por não ter dado sua contrapartida. Seguiu-se nova negociação. Joás apresentou Tácio para Matias, e não para Matilde, e pediu permissão para ele conhecê-la. Tácio e Matilde ficaram num canto do salão e Matias no outro, conversando comigo novamente. Depois foi até lá, e de um modo agitado, os trocou de mesa e se juntou a eles. Assim como Joás, Tácio o descreveu como “louco”; ele teria estimulado os dois a “se pegarem”, enquanto se masturbava ali mesmo, no salão e, de uma hora para outra, provavelmente quando ejaculou, é o que Tácio imagina, ficou violento e o mandou embora.

Depois Joás se reúne novamente com Matias, e Matilde se mantém a parte. Joás volta e tenta me convencer a ir ao motel realizar “a fantasia de Matias”, eu só teria que ficar olhando. Mais uma vez expliquei que não estava interessada, e depois de insistir mais um pouco “que eu só teria que ficar olhando”, disse que, na verdade, eles é que ficariam só olhando, que Matilde queria transar comigo.

Na carona que ele me deu para casa, a insistência continuou, em tentativas ou combinações variadas diante de cada recusa. Segundo ele, eu deveria transar com Matilde para o meu prazer e o dela, e que ele só estava intermediando. Depois argumentou que “sexo é muito bom, sexo é saúde”. Em seguida disse que estava precisando de uma namorada, e me perguntou o que um homem precisaria fazer para me conquistar. Falou das suas qualidades presumidas de bom namorado, muito caseiro, de estar estudando para um concurso, e que sua mãe permitia namorar em casa, dormir fora e nunca “pegava no pé”. Não conseguindo nada, foi ficando displicente e parou de se esforçar em ser agradável, começou a falar de como eu estava economizando bastante com a carona e, quando chegamos a uma lanchonete 24 horas, e eu não me ofereci a pagar o sanduíche dele, nem me arrisquei a conseguir um táxi àquela hora da matina, ele contou que, na verdade, não morava assim tão perto de onde eu estava hospedada como havia dito. Ele me levou, mas seguiu o caminho em completo silêncio. Tempos depois, quando me ligou, eu já estava decidida que só faria a etapa final da pesquisa em outro local, acompanhada de amigos, e recusei o convite. Mais uma vez ele recomeçou a ladainha e, no final, quando acabou seu repertório de sedução e possibilidades de troca, disse que deveríamos ir juntos porque saía mais barato. (Joás, Oitivas *Swing*, Oitivas, 2014)

No geral não, mas às vezes, a negativa da mulher e a insistência do cônjuge são bem evidentes, assim como as vantagens pretendidas ou o objetivo da troca. Claro que me refiro a vantagens e objetivos manifestos, pois a natureza da troca é, antes de tudo, simbólica. Vidal narrou uma situação que presenciou num corredor da Mirar que chamou sua atenção. Um homem, segurando uma camisinha na altura do rosto da sua companheira, insistia “vai”, ela respondia “não quero”, ele argumentava “é só colocar a camisinha e ir, não vai te custar nada transar com ele”. E Verena, que também assistiu a cena, complementou que o sujeito dizia, “é só mais um, não vai fazer diferença”.

O caso mais patente de mulher sendo negociada foi observado na Mirar e Amostra *Swing*. O marido de uma *swinger* que oferece serviços sexuais e é muito requisitada negociava abertamente sua mulher no salão. Mesmo nas vezes em que ela estava na roda de negociação, a conversa era sempre entre o marido e o(s) interessado(s), depois, eles seguiam para os quartos e o marido continuava negociando com outros homens ou, por vezes, os levava até o

quarto ou ia até lá assegurar que tudo andava bem. Não que ela se comportasse como vítima ou ficasse acuada, pelo contrário, se apresentava como mulher poderosa, entretanto, com um poder de se fazer mulher desejada sexualmente, e a voz na negociação era do marido.

Rubin (1975) opera, como ela própria chamou, a exegese da “troca de mulheres” de Lévi-Strauss e da “crise edípica” de Freud. Ao reconhecer a sofisticação ímpar dessas teorias e o seu poder explicativo sem paralelo para as origens da opressão feminina, Rubin as elege como instrumentos imprescindíveis para a compreensão do sistema sexo/gênero e para a luta feminista por uma sociedade sem gênero. Sua exegese acaba por denunciar as distorções operadas por feministas que rejeitam a psicanálise. Segundo Rubin, tradicionalmente a própria psicanálise e sua prática clínica contribuíram para essas distorções. E ela considera que as distorções e subaproveitamento dessas teorias são compreensíveis porque até mesmo seus autores, Freud e Lévi-Strauss, desconsideraram as implicações políticas profundas de seus achados, e não se engajaram numa transformação dessa realidade. Para fazer uso desses conceitos para a luta feminista, Rubin teve que se apropriar dessas implicações, inclusive chegando a conclusões, de alguma forma, diferenciadas.

As teorias de Freud e Lévi-Strauss são conhecidamente análogas, principalmente de Freud através de Lacan, que também era estruturalista como Lévi-Strauss. Elas oferecem uma explicação da origem ou emergência da cultura ou sociedade, no caso Lévi-Strauss, e da emergência do sujeito no caso da psicanálise. Para Rubin, a verdadeira implicação delas não é essa constituição da cultura e do sujeito, uma vez que estes são bastante inventivos e poderiam se constituir de outras formas, e sim a constituição da sexualidade e do gênero a nível societário (Lévi-Strauss) e individual (Freud)⁹⁰ e, dessa forma, da origem da opressão da mulher a nível social e subjetivo. Essas duas abordagens estão intimamente ligadas não só por sua incrível analogia, mas porque os dois processos são interdependentes na produção e reprodução do sistema sexo/gênero. (Rubin, 1975)

O tabu do incesto interdita algumas mulheres, ao mesmo tempo em que abre acesso a outras. Seu caráter arbitrário, variável de acordo com a cultura, demonstra a não-necessidade biológica do parentesco, como também da divisão sexual do trabalho, da heterossexualidade e

⁹⁰ “É impossível, desde a descoberta freudiana, apelar para o instinto para explicar esse dado fundamental da experiência que é a reprodução dos corpos. O inconsciente não conhece a biologia” (Soler, 2005:16). Desde Freud, mas poder-se-ia dizer, principalmente, desde a interpretação lacaniana de Freud, ou seja, do inconsciente estruturado como linguagem.

da submissão feminina. Ao proibir a endogamia e prescrever a exogamia, esse tabu coloca as mulheres em circulação. Por mais que as mulheres não estejam reduzidas à mera condição de objeto nas sociedades, elas são objetificadas nessas trocas que ocorrem, de forma mais ou menos direta, por toda parte e lhes conferem poderes e direitos menores, a começar pelo fato de não disporem de si mesmas e nem de outras mulheres para entrar de forma ativa nessas trocas. A troca de mulheres coloca os homens em relação entre si, formando relações econômicas, políticas, de parentesco, de reciprocidade, de conflito, de guerra; cria seus pares, suas fratrias e seus inimigos. Os homens são a parte ativa da troca, aqueles que se beneficiam da organização social. A persistência desse sistema seria ainda mais perversa nas sociedades ocidentais modernas, em que o sistema sexo/gênero, mesmo guardando poucas funções na organização social, continua reproduzindo a si mesmo e sua hierarquia, guiando nossas vidas, comportamentos e ideias sobre sexo e gênero. (Rubin, 1975:6-10)

A troca de mulheres é, ao mesmo tempo, responsável e dependente da divisão sexual do trabalho, da heterossexualidade obrigatória e da submissão feminina. A diferença entre homens e mulheres tem que ser constantemente construída e acirrada. Habilidades, funções e sentimentos são divididos como masculinos e femininos, e valorizados como maiores ou menores, essenciais ou supérfluos. Acima de tudo, a diferença entre homens e mulheres, sua dependência mútua, desde a atração sexual e reprodução até a sobrevivência física e emocional, e sua hierarquia, são postos como naturais, necessários, imutáveis. (Rubin, 1975:6-10)

Se o tabu do incesto a nível social leva à circulação de mulheres entre as famílias, a nível subjetivo leva a uma troca de falos dentro da família através da crise edípica. A mãe, primeiro objeto de desejo e de fusão, é percebida como mulher interdita, mulher do pai, aquele que tem o falo. Com medo de ser castrado, medo de não receber o falo do pai e de se tornar menina, o menino renuncia à mãe. Entretanto, ao fazer isso, ele reafirma as relações que garantirão a sua própria mulher, ele troca a mãe pelo falo, que poderá ser trocado por uma mulher no futuro. A menina também deseja igualmente a mãe e percebe as mesmas diferenças entre os sexos, mas, no caso dela, todas as mulheres lhe são proibidas. Ela não possui o símbolo que poderá ser trocado por uma mulher, ela é quem será trocada. A menina passa por esse sofrimento adicional, de sentir sua genitália como inferior, graças à heterossexualidade obrigatória. Ela sente raiva das mulheres porque a sua mãe não lhe deu um falo. Castração consumada, o pai se torna seu segundo objeto de amor. A menina se volta para o pai, que nunca lhe confirmará o falo como faz ao menino. Seu lugar na rede fálica de

trocas só pode ser assumido enquanto presente a ser trocado. Seu acesso ao simbólico se dá através do homem, o falo somente passará por ela. (Rubin, 1975:11-22)

O desejo pela mãe e a sexualidade polimorfa ou bissexual da criança são confrontados com a heterossexualidade da mãe e os termos desiguais entre os gêneros. Se inicialmente a menina recorre ao pai e reprime sua porção ativa da libido por necessidade, depois reconhece que o pai a ama enquanto castrada e passa a desejar sua castração, seu lugar feminino de submissão. Isso para as mulheres que assumem a “normalidade”, pois outros caminhos são trilhados, como por exemplo, a homossexualidade. (Rubin, 1975:11-22)⁹¹

É muito comum em declarações de homens e mulheres *swingers* a afirmação de que é a mulher quem manda no *swing*. Entretanto, naquilo que pude observar, não teria muitos dados desse empoderamento que provavelmente existe, bem ou mal, em maior ou em menor grau, de forma direta ou indireta. Acredito que não faltarão trabalhos que captem essa ingerência feminina em suas sutilezas ou que a encontrem escancarada, principalmente em *swings* diferentes dos pesquisados por mim. Encontrei, como vimos anteriormente, mais evidências no sentido contrário, mulheres que cederam à pressão de ir ao *swing* para salvar o casamento, e outras para se livrarem um pouco do assédio ou da irritação do marido; mulheres em relacionamento demasiadamente marcados pela assimetria econômica para conseguirem se impor à vontade do cônjuge e optarem por não ir ao *swing* (ou fazer suas próprias escolhas nele); homens cujas companheiras desconhecem que eles estejam frequentando o *swing*; mulheres, no geral, desacompanhadas, que tomaram a decisão de frequentar ou de “botar para quebrar” no *swing*, numa fase de suas trajetórias em que se sentem decepcionadas com a vida, relacionamentos e fantasias que não incluíam inicialmente o *swing*; incentivo à participação de lésbicas, mulheres bissexuais e de solteiras, aumentando o número de mulheres circulantes; na desproporção dos valores cobrados pelos ingressos para solteiras, casais e solteiros; além do desmerecimento das mulheres que frequentam o *swing* na fala de praticamente todos aqueles que estão desacompanhados de suas namoradas ou esposas no *swing*.

⁹¹ Segato (2003), que intitula seu livro *Estruturas elementares da violência* em referência às *Estruturas elementares do parentesco* de Lévi-Strauss (...) também oferece, como vimos acima, uma perspectiva que é constitutiva nesse trabalho para pensar a troca de mulheres a partir da intersecção entre ordem patriarcal e contratual, mandato de violação e fratria.

Se, à primeira vista, o *swing*, devido a seus discursos e à própria natureza da atividade, parece contestar a monogamia e a institucionalização do casamento, a observação de campo apontou evidências em sentido oposto. A simultaneidade da valorização do casamento e troca de mulheres que ocorrem no *swing* o constituem como espaço e prática de atualização do casamento monogâmico heterossexual enquanto protótipo da institucionalização da reprodução das relações de gênero. A mulher, no *swing*, independente de seu *status* de esposa, namorada, amiga, amante, acompanhante, é virtualmente uma esposa, a mulher genérica que vai se constituir em atributo masculino, índice de virilidade necessário ao homem para participar das trocas simbólicas através da troca de mulheres com seus pares, que mantêm a estrutura de gênero ativa.

4.2 COMO O GÊNERO QUE FAZ O SWING É DETERMINANTE EM SUA PESQUISA?

Contemporaneamente tem-se assistido a um crescimento vertiginoso de adeptos e curiosos do *swing*, também conhecido como troca de casais. Tal fenômeno é acompanhado de toda uma produção discursiva. A academia começa a tomar parte nesse debate, em particular as Ciências Sociais nos estudos de gênero, sexualidade, família e modernidade; e este trabalho faz parte desse esforço.

Por se constituir num campo de investigação ainda pouco explorado, a etnografia das dificuldades específicas em executar uma pesquisa nessa área acabou ganhando destaque neste trabalho. A concomitância de segredo e exposição, intimidade e publicidade, além de militância e mercado, somados à curiosidade e preconceito nutrido pela sociedade, tornam o *swing* especialmente imprevisível quanto à receptividade à pesquisa. Ao mesmo tempo em que essas dificuldades podem representar um entrave e mesmo impedimento para a investigação do *swing*, elas dizem muito sobre a prática e possibilitam a abertura de debates metodológicos sobre pesquisa em áreas com características semelhantes. O risco é que o campo acabe se tornando muito hostil, rechaçando ou desestimulando pesquisadores que não sejam, simultaneamente, *swingers*. O pesquisador nativo pode obviamente desenvolver um ótimo trabalho sobre *swing*, e está, inclusive, a princípio mais habilitado a isso. Todavia, diante da profusão discursiva em torno do *swing*, assim como há uma tendência dos *swingers* em apresentar seu discurso como científico, a academia não está isenta de correr no sentido inverso e dar legitimidade científica ao discurso *swing* sem maiores problematizações.

Em função da natureza do objeto, a escolha do método etnográfico também se fez oportuna para apreender as subjetividades e emoções envolvidas nessa prática, além de poder contrastar o discurso institucionalizado *swing* com falas, relatos, dinâmicas e expressões corporais dos seus participantes. Ao fazer buscas “aleatórias” na Internet para notas de rodapé que ilustrassem ou oferecessem um contraponto aos meus dados etnográficos, ela me pareceu um campo muito promissor para quem deseja etnografar o *swing*. Contrastando informações de *sites*, *blogs*, redes sociais, imprensa e publicidade, seria possível apreender muitas características, contradições e até mesmo algumas emoções envolvidas no *swing*. Ademais as dificuldades apresentadas acima seriam amenizadas no meio virtual, sem desconsiderar que outras provavelmente se apresentariam.

A partir dos *swings* observados, não seria possível caracterizar o *swing* como uma atividade praticada por casais. Para além dos casais de fato, há tanto casais arranjados quanto participantes desacompanhados. Também caracterizar o *swing* como ideologia ou prática libertária seria negar uma realidade muito comum nos *swings* observados – da prática como reflexo ampliado das próprias relações sociais criticadas pelos *swingers*. Os tipos de atividades sexuais desenvolvidas no *swing* também são variados, não podendo ser descritos como trocas de casais, inclusive a ausência ou renúncia ao sexo é um aspecto frequentemente encontrado em seus espaços e entre seus praticantes. Todavia, não seria correto afirmar que toda a diversidade de motivações, participantes e atividades sexuais cria realidades paralelas ao “verdadeiro *swing*”, objeto de disputa dos *swingers*, e sim que todas elas são constitutivas do *swing* e essenciais para o seu entendimento. Por isso, me parece que, apesar de ser possível a delimitação do objeto, de um tipo específico de *swing* ou de *swinger*, e mesmo desejável para se aprofundar em algumas questões, não seria justo fazê-la sem levar em conta que tudo é *swing* nesse meio, e não só o que se refere a casais com um discurso militante, com anos de prática, e que com regularidade fazem trocas sexuais em encontros exclusivos para casais.

Sempre me senti num dilema nesta pesquisa. Uma das coisas que mais me incomodou ao desenvolvê-la era poder estar sendo conservadora ou dando subsídios ao conservadorismo no sexo ao fazer um trabalho tão crítico em relação ao *swing*, ou contribuindo para o seu estigma e mesmo perseguição que por vezes sofre. Por esquadriñar as contradições do *swing* também me perguntei, muitas vezes, se estava sendo desrespeitosa com os *swingers* que haviam me confiado suas intimidades ou com aqueles que tinham se mostrado mais coerentes em sua prática.

Por outro lado, me era ainda mais penoso abrir mão de analisar o *swing* de uma perspectiva de gênero mais contundente. Minha trajetória no gênero – que é uma trajetória de vida, intelectual e em campo, na própria pesquisa – não me permitia uma análise do *swing* muito otimista das relações de gênero. Eu me sentiria ainda mais desrespeitosa com os *swingers*, principalmente com as mulheres, se esvaziasse tudo aquilo que pude observar e do que me relataram das suas evidências de continuidade ou atualização da hierarquia de gênero. A pergunta que ficava era: liberação sexual feminina para quem? A mulher cultivar uma sexualidade liberal no *swing* trata-se de uma iniciativa própria? E este discurso seria originalmente seu ou dos *swingers* homens?

Assim como o gênero, a segregação sexual – no sentido pensado por Gayle Rubin (1993) em *Pensando o sexo*⁹² – sem dúvida também faz parte dessas minhas trajetórias, mesmo que de forma menos contundente. Entretanto, diferente da questão de raça, que não pode ser explicada ou subsumida por classe, alguns aspectos de variações específicas de sexo me parecem melhor compreendidas por gênero, ao contrário do que afirma a autora.

Rubin (1993) escreveu *Pensando o sexo* na década de 1980, num contexto de militância contra a perseguição reacionária que sexualidades dissidentes sofriam, inclusive operada por feministas, em especial a perseguição contra a pornografia, e por isso faz sentido a tônica da autora ter recaído sobre essas relações de poder específicas entre o inquisidor e a sexualidade perseguida, ou entre “normalidade” e “dissidência”, mostrando a diferença entre estratificação por gênero e por sexualidade. Assim, é compreensível que o esforço de análise das relações de poder (e mais especificamente as de gênero) no interior das próprias práticas sexuais tenha sido, nesse contexto, esvaziado e mesmo ridicularizado pela autora.

A despeito de todo o objetivo de Rubin (1993) ter sido justamente historicizar a sexualidade, ela parece, de alguma forma ou em alguma medida, acabar a naturalizando. Isso porque, uma vez constituída historicamente, a sexualidade parece se transformar na argumentação da autora em uma questão de preferência ou gosto que só diz respeito aos sujeitos envolvidos, e o papel do cientista social, neste sentido, deveria se restringir a mostrar sua inteligibilidade, à semelhança do que o antropólogo faz com a cultura, e assim desconstruir o preconceito em torno delas. Dessa forma, a preferência sexual só passaria a ser uma questão política na medida em que a “normalidade” avança sobre a variação sexual descrevendo-a

⁹² Faço notar que aqui não me refiro ao texto de Rubin “Tráfico de mulheres”, que é mais utilizado na dissertação e focado no gênero, e sim a um texto posterior que enfatiza a estratificação sexual.

como patológica e criando estratificação sexual. Para Rubin (1993), o problema – não que seja pequeno, é muito sério – se limita à coerção estrutural que impede a escolha sexual livre.

Concordo com a autora e considero que faz todo sentido pensar a variação sexual em termos de uma estratificação sexual, entretanto, uma coisa é querer, por exemplo, jogar a prostituição e a pornografia na ilegalidade, ou fazer a absurda equação de que elas seriam responsáveis pela violência de gênero. Outra bem diferente é querer discutir todos os seus aspectos, inclusive os reveladores de violências que não podem ser explicadas somente pela coerção estrutural sexual que as persegue, e sim por uma lógica de mercado e pela própria desigualdade que elas pressupõem entre as partes envolvidas – e aqui o gênero dificilmente poderia ficar de fora.

Para ilustrar, cito um documentário de 2014 que participou do Festival de Sundance 2015, “Hot girls wanted”, de Ronna Gradus e Jill Bauer. O filme não tem um tom moralista, mas mostra como a vida útil de uma atriz de “pornô amador”⁹³ é curta e não passa de um ano. Mesmo aquelas que conseguem grande destaque, para manterem-se no mercado, passados poucos meses de inserção, já têm que se conformar com práticas que estão longe de suas preferências sexuais⁹⁴. Ganhando inicialmente muito melhor do que conseguiriam em outros empregos, e gostando da sensação de aventura e liberdade, uma vez que são mulheres entre 18 e 20 anos recém-saídas da casa dos pais, podem até mesmo acabar endividadas pela velocidade com que perdem sua notoriedade e pelo alto investimento que fazem em estética corporal, entre outros gastos que a carreira exige.

Interessante notar que o filme se passa em Miami, na Flórida, estado que mais tem recebido o refluxo da produção pornográfica de Los Angeles, Califórnia, após a

⁹³ Entre aspas porque se trata de um fetiche, e não amador de fato – há toda uma produção e mercado envolvidos, mesmo que diferenciados da pornografia profissional.

⁹⁴ O filme mostra algumas mulheres que participaram da modalidade “abuso facial”, com xingamentos, enforcamento, sexo oral forçado até a náusea e obrigação de sugar o próprio vômito no chão ou numa bacia de cachorro. Apesar de não se vitimizarem e apresentarem ótimo nível de discussão sobre o assunto, muito mais no sentido das justificativas do que de condenações, elas não tinham qualquer interesse sexual na prática e demonstraram que a experiência envolvia um sofrimento profundo. Também é ilustrativo que a mais cotada entre as entrevistadas tenha recebido um convite para filmar sexo oral por trezentos dólares e só tenha sido comunicada de que se tratava de “abuso facial” em meio às filmagens. Mesmo com o sucesso vertiginoso em uma carreira que acabara de começar, ela percebeu que já não dava as cartas e teria que se submeter a muito mais do que estava disposta se quisesse continuar.

regulamentação da pornografia nesse estado ter ficado mais restritiva⁹⁵. Ao contrário do que havia pensado Rubin, nem a maior liberdade e nem a regulamentação em duas legislações não proibitivas se mostraram suficientes para boas condições de trabalho para a profissional do sexo. É que a autora prefere não fazer distinção entre as partes envolvidas – indústria, profissionais e consumidores do mercado do sexo –, já que tudo para Rubin (1993) parece tratar-se de uma sexualidade estratificada⁹⁶.

Ou seja, para falar de variação sexual, não estamos falando somente de pessoas marginalizadas da vida social para as quais Rubin (1993) chama atenção. O problema é que, para além de todas as dificuldades socioeconômicas que pesam sobre pessoas ou grupos formados em torno dessas práticas ou atividades sexuais estigmatizadas, também tem um mercado de sexo bilionário que explora mão de obra como outros, inclusive, e em grande medida, de pessoas que não têm essas mesmas preferências ou desejos sexuais, mas se submetem por estar em situação de desvantagem em outra ordem de estratificação (como, por exemplo, classe, gênero e raça – todas elas ordens que cobram, entre outras coisas, tributo sexual e de trabalho, ou mais-valia).

A estratificação sexual pensada por Rubin (1993) se mostra muito útil como categoria analítica e instrumental teórico na luta contra a opressão sexual às sexualidades dissidentes. No entanto, talvez o conceito possa ser ampliado, incluindo uma estratificação sexual em outro sentido, daqueles que têm mais poder aos que têm menos poder para impor suas vontades sexuais, o que perpassaria desde a “normalidade heterossexual” até as dissidências consideradas “bizarras”, e não somente as relações de poder entre sexualidades próximas da “normalidade” sobre aquelas estigmatizadas.

Além do mais, é difícil deixar de considerar na análise da sexualidade que o próprio desejo é construído, muitas vezes, a partir de violências ou relações de poder; com o cuidado,

⁹⁵ Entre os muitos artigos jornalísticos sobre essa mudança de nicho de mercado da pornografia, esse mais recente da BBC também faz uma relação com o referido documentário: *Por que a Flórida está se tornando a nova meca do cinema pornô dos EUA: restrições na Califórnia e novas tecnologias vêm impulsionando produção do gênero em Miami e em Tampa* (<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia>, de 08/08/2015, acessado em 25/08/2015).

⁹⁶ Outro exemplo: não dá para dizer que a tentativa de problematizar o turismo sexual na Tailândia é uma forma de operar estratificação sexual, e que as preferências íntimas de turistas e profissionais do sexo só digam respeito aos sujeitos envolvidos, e assim desconsiderar todas as relações de poder envolvidas na prática. O que também não significa, de forma alguma, tratar-se de uma questão de proibição ou repressão.

é claro, de não deixar de fora aqui o desejo heterossexual monogâmico no casamento para reprodução, já que este também se constitui a partir de muitas violências, no sentido estrito e, principalmente, por meio da violência simbólica. Lembrando também que para as Ciências Sociais, por fundamento, não existe uma sexualidade natural ou normal (nem anormal ou antinatural).

As relações de poder constitutivas do *swing* demandam uma análise de gênero e, como vimos, boa parte dos trabalhos sobre *swing* dão um lugar a essa análise. Entretanto, apesar de reconhecer que a ambiguidade é constitutiva da prática e que ela reproduz em alguma medida a hierarquia de gênero, esses trabalhos tendem a ver no *swing* mais avanços positivos em relação ao gênero por meio do que consideram conjugalidades mais simétricas ou liberação sexual feminina. Em alguns casos, suas análises parecem ter ficado muito coladas aos discursos nativos⁹⁷, ou não terem reconhecido a diversidade de tipos de participantes e a variedade de motivações como verdadeiramente constitutivas do *swing* ou relacionadas entre si e apreensíveis em uma mesma análise.

De qualquer forma, esses trabalhos, como outros que seguem a mesma tendência, no geral me parecem muito pertinentes na pesquisa sobre *swing* e sobre gênero, mas senti que se minha ênfase fosse a mesma, deixaria de dar a devida importância à desigualdade de gênero característica do *swing*, porque seus possíveis aspectos positivos no gênero ou emancipação feminina já vinham sendo contemplados por essas outras pesquisas e não se mostraram no meu campo como os mais prementes.

O que presenciei em campo – para além das exceções ou alguns indícios dessa emancipação feminina, de casais mais igualitários, de abertura nas relações, de laços de reciprocidade e de contestação social ou contracultura valorizados nas pesquisas e no discurso *swing* – foram muitas evidências de continuidade, reforço, conservadorismo, reprodução dos aspectos sociais que os *swingers* criticam, principalmente no que diz respeito ao casamento heterossexual monogâmico e ao gênero, e à interdependência entre esses dois aspectos.

Um bom exemplo parece ser a fala muito comum entre *swingers* de que a mulher é quem manda no *swing*, de que ela é quem decide as trocas ou tem a palavra final. Como

⁹⁷ Por isso defendo a importância dos dados etnográficos serem mais visíveis nos trabalhos acadêmicos e não aparecerem apenas pontualmente, ou tão somente mencionados. Apesar de reconhecer que nem sempre isso é possível no momento de construir o texto e que também tive que recorrer a esses recursos em alguns casos.

muitas vezes é de fato a mulher quem intercede nas trocas, um primeiro olhar pode confirmar essa análise nativa. Observando mais atentamente, se entende essa atuação como parte de uma etiqueta ou regra ritual, e não como uma agência ou protagonismo feminino. Além do mais, essa negociação feita aparentemente por mulheres não é generalizada, é comum homens negociarem as trocas diretamente entre si.

A ideia de frequentar o *swing* costuma partir do homem e, quando parte da mulher, no geral, vem acompanhada de uma tentativa de salvar ou melhorar o relacionamento, de evitar o pior, ou de uma excitação cheia de sentimento de revanche ou de desilusão do que se esperava de fato em termos de sexo, de relacionamento e dos homens. O mesmo pode ser dito em relação ao consentimento feminino em participar.

Uma vez no *swing* (falando do ponto de vista de lugares que acabei ocupando em campo, de mulher desacompanhada e de mulher acompanhada), quando são as próprias mulheres que te interpelam, elas ficam um tanto aflitas com sua recusa, e chegam a confessar que você foi “encomendada” a elas pelo companheiro. Alguns homens se dirigem a você como se isso tivesse sido ideia de suas parceiras, mas todas as expressões corporais de um e outro vão mostrando o contrário, além da ostensiva propaganda que fazem delas, que são, nesses casos, mulheres mais bonitas e jovens do que eles, dentro de um padrão amplamente compartilhado.

Aliás, essa é uma característica marcante no *swing*, uma forte assimetria dos cônjuges transversal ao gênero, que pode ser geracional, econômica, étnico-racial ou de capital cultural. Os cônjuges que pareceram mais afinados em suas expectativas com o *swing* foram coincidentemente mais simétricos nesses aspectos. O contrário não poderia ser dito, os casais mais simétricos não necessariamente vivenciavam o *swing* de forma mais coerente com seu discurso, uma vez que o gênero se sobressaiu como a estratificação mais explicativa no incremento da prática.

Outro ponto, quando animadores convidam mulheres ao palco, pedem permissão aos seus companheiros, eles se dirigem a eles e não a elas. O mesmo não acontece quando convidam homens. Na entrada, as comandas são entregues por casal, salvo quando a pessoa entra desacompanhada, e muitas vezes o casal se separa em alguns momentos ou por horas. Até mesmo para apanhar o preservativo é preciso estar com comanda; e é raríssimo uma mulher pagar a entrada ou despesas no *swing*. Verena, de Solaris, conta que pagou a diária do

casal numa pousada de *swing* e recebeu o comentário que era a primeira vez que aquilo ocorria no estabelecimento.

Acredito que, ao contrário de uma certa tendência em pesquisa sobre *swing*, a disponibilidade sexual feminina – esse dar-se a ver através de uma superprodução em academia, roupas, maquiagem, dietas, cirurgia estética, danças, posturas e olhares provocantes – não tem por que ser interpretada como uma liberação sexual feminina propiciada pelo *swing*. Verdade que essas atitudes representam conquistas em relação à autonomia com o corpo, mas também são prescritas por representações de feminilidade próprias de uma configuração hierárquica de gênero altamente coercitiva – da mulher desejável para um homem desejante, que, para se constituir em objeto de desejo, pode tanto pousar ou performar de passiva e mesmo frígida, como de ativa e sexualmente voraz. A mulher lasciva não é um privilégio do *swing*, é uma imagem muito disseminada socialmente. Dessa forma, mesmo se essas atitudes forem interpretadas no sentido positivo da autonomia com o corpo, o *swing* é somente mais um dos muitos contextos ou espaços no quais se incentiva ou se aviva essa tendência disseminada socialmente. E no sentido de a mulher se fazer desejável para o homem, reproduzir ou exacerbar o que se passa na sociedade, significa que os *swingers* não dão conta da ruptura que enunciam⁹⁸.

Assim como a impossibilidade do homem de ter abertamente relações sexuais com outros homens no *swing* não me parece denotativa de que as mulheres gozam de maior liberdade do que eles nesses espaços, como sugerem algumas pesquisas. Os beijos, carícias e *performances* sexuais no palco e na cama entre mulheres no *swing* não colocam sua feminilidade nem sua heterossexualidade em xeque porque, por mais que possam responder a algum desejo homossexual que tragam consigo, entram nessa lógica como mais uma forma da mulher se fazer desejável ao que se imagina ser o desejo masculino.

⁹⁸ Lembrando que os dados etnográficos apresentados no presente trabalho mostram que no *swing* é comum os dois tipos de discurso e *performance*, tanto da mulher que se coloca no papel de “pegadora”, quanto, de alguma forma, de vítima. O engano parece ser ficar colado ao discurso nativo, sem dar atenção aos outros indícios que correm paralelos a esse. A mulher que se coloca como sujeito do desejo em seu discurso não necessariamente é desejante. Assim como as mulheres com um discurso mais vitimizador, que se colocam como objetos do desejo masculino, não necessariamente deixam de ter prazer nisso, embora para a discussão aqui levantada importem mais as relações de gênero que formam esse tipo de subjetividade ou desejo do que o desejo em si – não é uma questão, portanto, de desmentilas.

Já a masculinidade no *swing* vai depender das trocas de mulheres que os homens conseguem tomar parte, ou de que forma suas mulheres – que podem ser esposas, namoradas, amantes, garotas de programa, ou alguma mulher com quem acabam de se associar na casa – circulam entre os pares masculinos, que lhes asseguram, por sua vez, acesso sexual às suas mulheres e o reconhecimento de sua virilidade. Isso também pode ser percebido nos casos de homens que sofrem de impotência sexual. Colocarem suas mulheres em circulação, contanto sigam algumas etiquetas de negação da sua condição de impotente, já basta como reconhecimento de sua virilidade, como se a mulher fosse um atributo ou uma extensão do corpo masculino.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- FERREIRA, Aurélio B. H. (Ed.). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- HARAWAY, Donna. "Saberes localizados". *Cadernos Pagu*, v. 5, pp. 7-41, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "As estruturas elementares do parentesco". *In: Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- MACHADO, Lia Zanotta. "Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?". *In: Série Antropologia*, Brasília, DAN-UnB, v. 284, 2000.
- MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a Dádiva". *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MORAES DA SILVEIRA, Raphael. *Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do swing em Goiânia*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFG-GO. Goiânia, 2014.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PISCITELLI, Adriana. "Sujeição ou subversão: migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha". In: *História e Perspectivas*, Uberlândia (35):, Jul.Dez.2006, pp.13-55.

_____. "As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha". In: *Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latino Americana*. ISSN 1984-6487 / n.1, 2009, pp.177-201.

RUBIN, Gayle. "The traffic in women". In REITER, Rayna (ed.) *Towards an anthropology of women*. New York, Monthly Review Press, 1975, pp. 157-210. (Livre tradução de Edith Piza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/PUC/SP)

_____. "Pensando o Sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade" [1984]. In: ABELOVE, H; BARALE, M.; HALPERIN, D., org. *The lesbian and gay studies reader*. Londres: Routledge, 1993. (Livre tradução de Felipe Bruno Martins, disponível em <https://repositorio.ufsc.br>)

SCHWANDT, Thomas A. "Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social". In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Y.S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. São Paulo: Artmed/Bookman, 2006.

SCOTT, Parry. *Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. 235 p. (Série Família e Gênero, n. 14)

SEGATO, Rita Laura. *Las Estructuras Elementales de la Violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

_____. "Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, maio-ago 2005.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Flávio Bezerra da. *Turismo e Lazer Sexual na Cidade de São Paulo*. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SILVÉRIO, Maria. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. *Revista Latinoamericana*. ISSN1984-6487 n.18 - dec. 2014, pp.111-39. www.sexualidadsaludysociedad.org, 2014.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VANCE, Carole S., "El placer y el peligro: hacia una política de la sexualidad", In VANCE, Carole S. (organizadora), *Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina*, Madri: Talasa Ediciones, 1989.

VASCONCELLOS, Edson. "O swing e as práticas sexuais dissidentes: possibilidades, mudanças e permanências". Trabalho apresentado ao XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba, 2011.

VON DER WEID, Olivia. "Swing, o adultério consentido". *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 3, 2010, pp. 789-810.

_____. *Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing*. Dissertação (mestrado), UFRJ/IFCS/Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, 2008.